

REAJUSTE
PER DIDO

AQUI

FUNDO CEMAP
AC 12/9/8

CEMAP - HERMOTECIA
CLASS.

C.R\$ 10,00

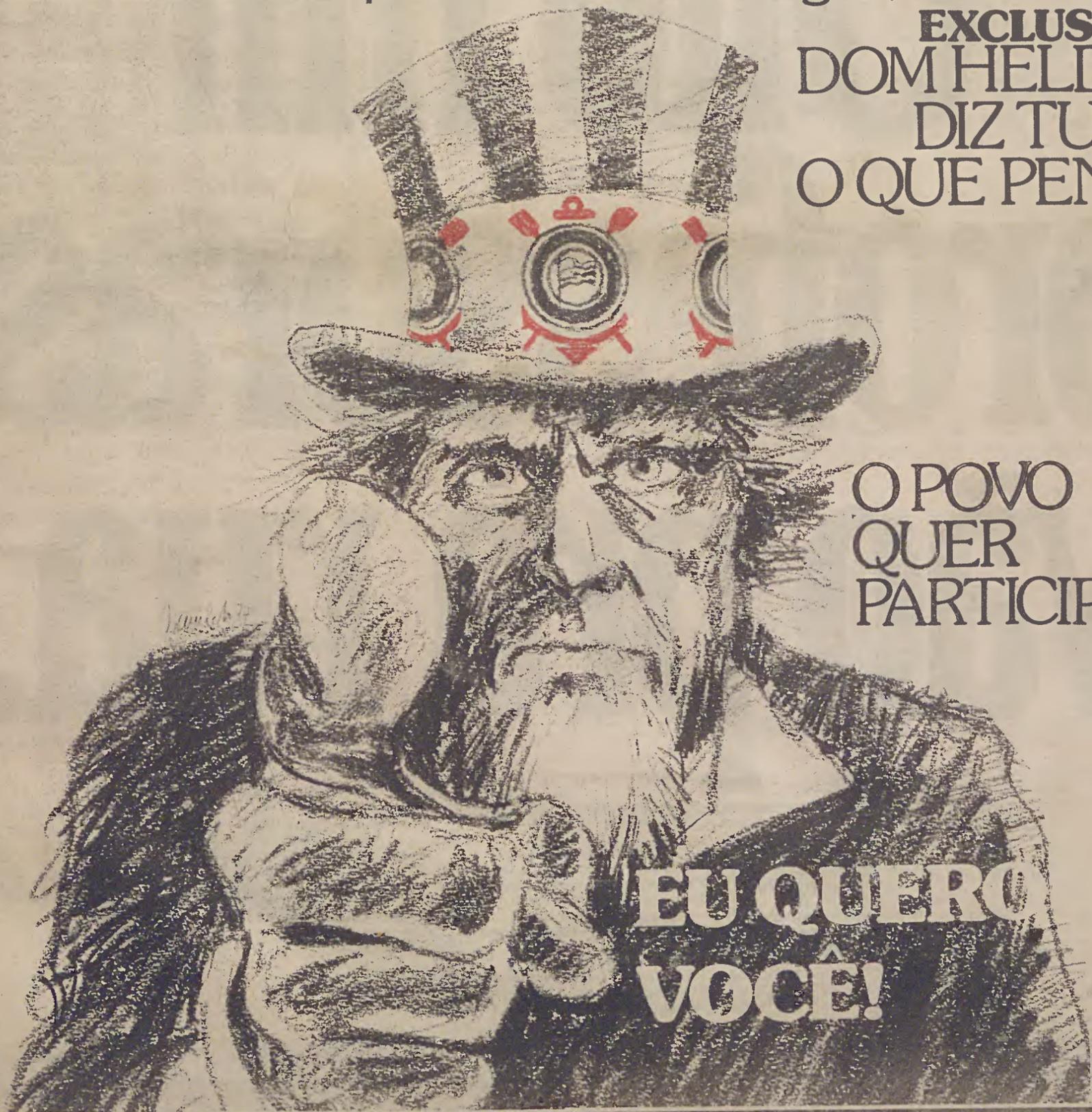
Ano II nº 95

São Paulo

Outubro 1977

São Paulo exige a Constituinte
Montoro: "Quando eu for governador..."
Pensamento político de Aldir Blanc
Tres banqueiros brigando para suceder Paulo Egídio
Estudantes: Saiba quem comanda a agitação

EXCLUSIVO:
DOM HELDER
DIZ TUDO
O QUE PENSA



O POVO
QUER
PARTICIPAR

**EU QUERO
VOCÊ!**



Oito mil professoras vão pra rua.

Durante uma semana, elas vão deixar de fazer perguntas para os alunos em classe.

E vão fazer perguntas para os pais dos alunos em casa. Nenhuma casa deixará de ser visitada.

As professoras estarão realizando o primeiro Censo Escolar do Município de São

Paulo, seu trabalho mais importante e urgente fora da escola.

Porque as respostas do Censo vão determinar os dados que entrarão no planejamento da expansão da rede escolar.

E o plano é este: fazer de São Paulo a primeira cidade do país onde todas as

crianças vão à escola.

Mas para isso é essencial que todos respondam ao Censo.

Mesmo que você não tenha nenhuma criança em idade escolar e mesmo que não dependa de nenhuma escola pública para educar seus filhos.

Para acertar, o Censo precisa de todos.

Aguarde a visita do Censo Escolar. De 17 a 24 de outubro.
Prefeitura do Município de São Paulo. Secretaria Municipal de Educação.
A Nutritional colabora com o 1.º Censo Escolar.



A propósito de mudanças

Depois de uma breve pausa, reflexão e mudanças, estamos de volta com o novo AQUI SÃO PAULO. Totalmente reformulado, o jornal da cidade mudou em forma, conteúdo e frequência. A partir deste número, passa a circular mensalmente, o que lhe permitirá oferecer um alto nível de reportagens e artigos. A modificação maior, porém, estará no seu conteúdo, traduzido numa linha francamente crítica e de independência, em relação aos temas políticos nacionais. Neste número, AQUI SÃO PAULO mostra que a população paulista - através de seus legítimos representantes - reafirmam sua tradição de legalidade, e, unida, apóia a convocação da Constituinte. Faz uma análise sobre as lideranças estudantis, discute as reivindicações dos trabalhadores e pública uma ampla reportagem revelando a grande vontade do povo em participar. É o que AQUI SÃO PAULO propõe, e assume: participação para se sair do impasse. Que está se prolongando demais.

SUMÁRIO

Estudantes	4	Abrimos o jogo e damos o serviço completo, mostrando quem são os líderes que tanto vem incomodando o coronel Erasmo Dias. Arisco, burguês, idealista, ousado, um líder estudantil da PUC dá um depoimento exclusivo, dizendo o que pensa e como vive.
Entrevista	10	Senador da República, Franco Montoro garante que vai ser governador - desde que haja democracia. E fala sobre a luta empreendida pelo MDB, a partir de sua última Convenção Extraordinária, pela convocação de uma Assembléia Nacional Constituinte.
Sucessão	13	No páreo da sucessão estadual, Laudo Natel sai ostensivamente na frente, enquanto o prefeito Olavo Setúbal amplia suas bases no interior. Por fora, trabalhando em silêncio, o secretário Murillo Macedo. Coincidência: os três são banqueiros.
Câmara	14	Cada um representa, no mínimo, 30 mil votos. Mas, na hora de decidir os destinos da cidade, os 21 vereadores quase nada podem. Representativos, mas sem força de decisão, eles pretendem um milagre impossível: valorizar suas funções legislativas.
Salários	17	Quem tem razão, nessa disputa que envolve trabalhadores reivindicando reposição salarial, e autoridades reafirmando a justiça da política salarial? Na verdade, um episódio que serve para revelar, às claras, a essência da política social do governo.
Opinião	18	Pela primeira vez em muito tempo, na imprensa brasileira, dom Helder Câmara, Arcebispo de Olinda e Recife, comenta a situação nacional e fala de sua esperança no futuro nacional. Com exclusividade para Aqui, as idéias de dom Helder.
Constituinte	19	Repetindo o clima de 1932, São Paulo se une em defesa de uma legalidade que faça o país retomar sua trilha democrática. Desde a "Carta aos Brasileiros", lida semanas atrás em memorável noite, os paulistas dão uma prova de imaginação criadora.
Participação	22	Os partidos políticos não comovem ninguém: sem a paixão de uma torcida, sem a força de uma comunidade, eles se ressentem do contato com as bases. Que, apesar disso, dão um testemunho de participação nas lutas de interesse coletivo.
Sexo	26	Doença, decadência ou amor? O fato é que cresce o número de adeptos do amor homossexual: num artigo provocador, o psiquiatra Flávio Gikovate analisa o fenômeno de uma forma global, detectando suas raízes históricas e seus reflexos na sociedade.
Música	28	Poeta do povo e do cotidiano, o compositor Aldir Blanc não se ofende como os baianos, e se define politicamente. Para ele, o importante é estar atento a todas as coisas, seja na música, na psiquiatria ou na crônica - suas três atividades.
Portfólio	30	Cinco páginas de ensaio, crítica e reportagem, que incluem uma denúncia sobre doenças respiratórias, palavras cruzadas políticas, uma análise sobre a pornochanchada, a situação do intelectual. E uma cena de violação em plena rua da Consolação.
Classificados	36	Antonio Bivar e Vânia Toledo, circulando na <i>tout</i> São Paulo, dão um balanço geral nas grandes transas desta cidade que faz e acontece. Em grande estilo. Bivar comenta as festas, os vexames, as fofocas e as pessoas que estão acontecendo por aí.

AQUI

AQUI São Paulo outubro, 1977 nº95
fundador: Samuel Wainer
Diretora Superintendente: Maria Elisa Machado Silva

Editor: Celso Kinjô
Editor de Arte: Tide Hellmeister
Redação: Antonio Romane, takao Miyagui
Arte: Jô Acs

Colaboram nesta edição: Edna Gonzales, Gofredo Telles Neto, Mustafá EZBEK; Maria da Graça Biatto, Paulo Luís Miadaira, Sérgio Almeida, Valdeci Verdelho, Paulo Sérgio Markun, Dermi Azevedo, Paulo Ribeiro, Flávio Gikovate, Tânia Carvalho, Humberto Escobar, Jorge Cunha Lima, Wolfgang Leo Maar, Carlos Queirós Telles, Antonio Mendes

Jr., Célia Maria Romano, Marcelo Vaz, O. C. Louzada Filho, Ernesto Braga, Antonio Bivar, Carlos Eduardo Wilhem, Sérgio Guinesi (arte), Saulo Garroux e Iranildo Alves (Ilustração), Ayrton de Magalhães e Vânia Toledo (fotografia).

Aqui, São Paulo é uma publicação da Editora Brasil Mundo Ltda., rua Arthur Azevedo, 877, fone 282.2831, SP. Distribuição da Abril Cultural e Industrial. S.A., rua do Curtume, 564, Lapa, SP. Composto e impresso nas oficinas da PAT - Publicações e Assistência Ltda, R. Dr. Virgílio Carvalho Pinto, 412, fone: 853.7461, Pinheiros, SP. Circulação: Antonio Machado.

O jornal não se responsabiliza por matérias assinadas; elas não refletem necessariamente a sua opinião.



Eles tinham nomes, rostos, fama, carisma. Apareciam em manchetes de jornais, eram comentados com igual frequência por estudantes e por policiais. Eles eram os líderes do movimento estudantil, e finham os nomes de Travassos, Vladimir, Zé Dirceu. Dez anos depois, quais são seus nomes? Quem são os líderes que mobilizam estudantes nas ruas, improvisam passeatas, desafiam a polícia com incrível pertinácia? Nem mesmo o Secretário Erasmo Dias conseguiu descobrir, ele que, na invasão da Faculdade de Medicina, apanhou urubus em vez de pombos — segundo suas próprias palavras. Quem é o líder?

Dez anos atrás, eles saíam às ruas das grandes cidades brasileiras armados com bolinhas de gude e rolhas. Os alvos eram cavalos e cavaleiros, tropas de choque e viaturas policiais. Imaginação e entusiasmo não faltavam nesses conflitos. Há mesmo a história - quase lendária - do saco de gatos, quando uma dúzia deles foi solta durante uma passeata, provocando um furioso descontrolo entre os cães das forças repressivas. Ou o caso do jovem estudante de Educação Física que enfrentou sozinho quatro policiais na Praça da Sé, aplaudido por uma atenta platéia de populares.

Esses confrontos eram desencadeados sucessiva e frequentemente, gerando uma série de incidentes que aumentavam de violência durante o ano de 1968, um marco mundial da ebulição universitária.

Logo depois, entidades representativas do movimento estudantil foram fechadas em todo o país, enquanto as atividades universitárias eram enquadradas numa legislação que procurava dar fim a esses distúrbios sociais. Logo criou fama o decreto-lei nº 477, de 1969, que punia por expulsão e suspensão até por três anos a matrícula em qualquer universidade do país os acusados de atuação subversiva. O movimento clandestino seria a nova etapa, marcada pela ilegalidade e pelo desânimo, dissolvendo a unidade dos estudantes e anulando suas lideranças.

Atualmente, entre os estudantes universitários, parece haver um consenso no sentido de evitar o retorno daqueles conflitos. Não há dúvida que, além dos motivos ligados ao próprio "aperfeiçoamento" dos órgãos de segurança, existem intenções politicamente definidas: "Precisamos fazer pé firme no caráter predominantemente pacífico de nosso movimento. Lutamos pelas liberdades democráticas e não temos intenção de enfrentar a repressão nas ruas. A violência tem sido sempre de iniciativa deles", afirma um rapaz franzino, tímido, que gesticula cada vez mais, à medida em que aumenta o número de pessoas a seu redor. Custa um pouco crer que ele é um dos novos líderes do movimento estudantil paulista.

O próprio termo "líder" talvez não se encaixe coerentemente no atual estágio desse movimento. Coordenador ou representante - na falta de algo melhor - talvez sejam mais adequados. "Ser líder não é simplesmente a indicação para ocupar um cargo de presidente ou diretor desta ou daquela entidade, mas sim ter voz ativa, instigar, persuadir o pessoal na hora certa. É estar junto da massa, discutindo, procurando resolver os problemas nossos", dizia em tom de desabafo, um estudante da Faculdade de Economia da USP.

Nesta fase de reorganização das entidades representativas a nível estadual e municipal, as lideranças não aparecem, pelo menos no que diz respeito à identificação imediata entre indivíduo e cargo político. Por exemplo, a diretoria do DCE (Diretório Central dos Estudantes) da Universidade de São Paulo, funciona como um colegiado, um grupo composto de elementos com poder distribuído por igual. Assim, um dos objetivos é "evitar o culto da perso-

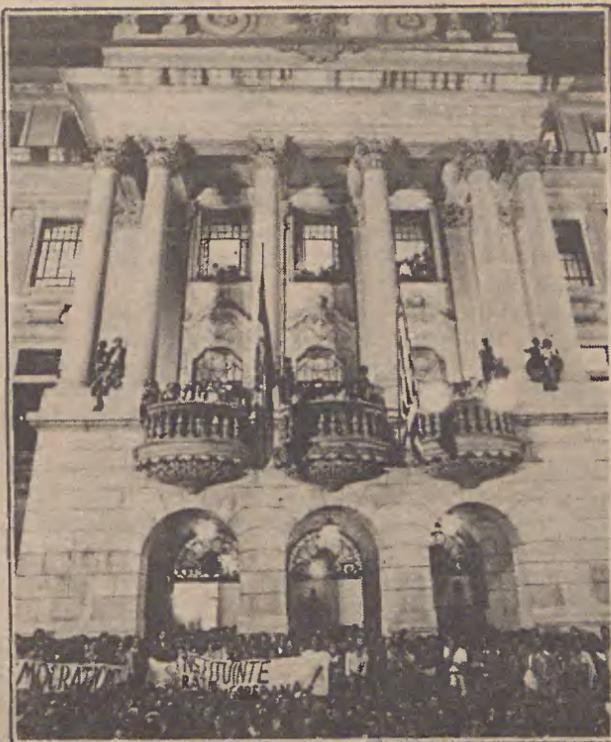
nalidade, uma forma de comportamento político que provocou muitos sacrifícios e desvios no passado", segundo um estudante de Física - magro imberbe e bastante agitado - que provavelmente mal iniciava o curso secundário, na época em que José Dirceu, Luís Travassos e Vladimir Palmeira proferiam seus trovejantes discursos e comandavam passeatas durante as movimentações de 1968.

De fato, a maioria dos atuais líderes acha que "funcionando os DAs (Diretório Acadêmico) temos perspectivas de movimentar os estudantes de todas as escolas através de eleições realizadas a cada ano, onde os votos são encaminhados para as diversas chapas concorrentes". "Desse modo", continua um dos candidatos ao DA da Faculdade de Psicologia da USP, "a preocupação maior está concentrada na elaboração de nossa plataforma que visa melhor atender às reivindicações de nosso pessoal".

"Pessoal...". Assim começavam infalivelmente os carismáticos discursos de Vladimir Palmeira, sob aplausos ou vaias dos manifestantes presentes. Hoje, a retórica do passado que deu origem a chavões com o decorrer do tempo, permanece como algo inerente ao movimento. Entretanto, por óbvias razões de segurança, os componentes da diretoria do DCE, órgão de decisão máxima dos estudantes, são obrigados a revezarem-se nas manifestações e atos públicos. Cautela é uma palavra de ordem fundamental, e os sinais de que alguma coisa mudou em relação ao passado podem ser detectados nas palavras de um veterano estudante da USP, personagem dos "bons tempos", como ele mesmo faz questão de dizer: "Não há qualquer dúvida quanto à maior maturidade das lideranças e do próprio movimento como um todo. As experiências do passado foram absorvidas e aproveitadas".

Mas existem outros problemas. Se José Dirceu procurava deixar clara sua opinião a respeito de todos os órgãos de imprensa, classificando-os como "burgueses", para os líderes atuais a opção de usar os meios de comunicação para divulgar a movimentação estudantil é de importância vital: "Achamos que a resposta que podemos dar atualmente é justamente manter a grande maioria da população informada de nossas lutas e reivindicações". É a resposta de um líder a respeito das inúmeras "cartas abertas ao povo" que foram distribuídas nas ruas, enquanto populares aplaudiam admirados os estudantes durante as recentes manifestações ocorridas em São Paulo. De modo geral, os dirigentes estudantis acreditam que hoje os universitários contam com o apoio mais amplo do resto da população, a qual, por sua vez, precisa ser informada. Contudo, divergências não faltam. Após uma rápida entrevista num dos centros acadêmicos do campus da USP, pouco faltou para que um estudante se atracasse com um repórter que insistia em saber seu nome, profissão, endereço, etc...

Em 1968, Catarina Meloni, dirigente universitária paulista, dizia que não encontrava tempo nem mesmo para namorar. Por sua vez, outro expoente da mesma época, Luís Travassos, fazia questão de



ressaltar que o que mais lhe importava era, antes de tudo, a política: "Não estou na Faculdade para estudar. Meu negócio é fazer política. É só o que me importa, e é só no que eu penso".

Hoje, porém, a expressão "fazer política" parece assumir um significado diferente, pelo menos para uma parcela significativa dos representantes estudantis. Durante as inúmeras assembleias que servem para concentrar forças e restaurar gradualmente o movimento, segundo seus protagonistas, oradores munidos de um palavreado pomposo e eloquente procuram enfatizar que "a gente precisa estar junto das massas, estudar com elas, viver no meio delas".

**No campus,
predomina uma sensação
de vazio, aliada a uma vaga
esperança de que melhores tempos
virão. Quando, ninguém sabe...**

Às vezes, porém, ocorrem situações que mostram um outro lado das "massas". Durante um almoço no recém-inaugurado restaurante da Cidade Universitária, e apelidado pelos estudantes de "CRUSP in The Box", uma estudante de Letras reclama: "Ninguém gosta de se fazer representar por gente que nunca viu antes. Imagine, há caras que nunca aparecem em classe, a não ser para as campanhas de eleição dos centrinhos. Quem quer ser representado assim? Há outros, como um jovem politécnico, que não se inibe em afirmar o "total desconhecimento, por parte dos universitários, das siglas que infinitamente se repetem nos cartazes: UNE, DCE, UEE, etc.", salientando ainda que "os próprios diretórios acadêmicos não funcionam e são indiferentes a uma maior aproximação."

Provavelmente, um dos principais fatores provocadores desse tipo de desconfiança tenha sido gerado pela quase inexistência de uma vida comunitária e cultural que era marca registrada da Universidade há dez anos. O "campus" não possui mais aquela característica efervescente daquele tempo, onde em qualquer canto, em qualquer escola, havia sempre um debate, uma atividade cultural, um discurso político. Hoje, predomina uma sensação de vazio, aliada a uma vaga esperança de ressurreição desse clima.

Mas existem outros problemas. Na procura da necessária maturidade, os estudantes deparam-se com os inimigos e obstáculos inesperados. Não tão significativos e perigosos quanto a repressão oficial, é certo, porém não menos eficientes. A família, por exemplo, pode eventualmente ser um desses problemas. E uma das armas utilizadas pelos afoitos e preocupados parentes de um dirigente universitário pode surgir sob a forma convincente de uma singela

chantagem emocional. Um aluno do curso de Ciências Sociais da USP, antes de uma manifestação telefonava para sua casa, no interior do Estado. De lá, por sugestão indisfarçada dos mais velhos, uma voz infantil, a de seu sobrinho de quatro anos, implorava: "Titio, por favor, pelo amor de Deus, venha hoje para casa". Outro estudante, com menos sorte, quando se preparava para aderir a um grupo de manifestantes durante uma passeata, deu de frente com sua própria mãe, que fazia compras nas proximidades do Viaduto do Chá. Segundo a versão do envolvido, o instinto de proteção maternal por pouco não se antecipou à violência policial: "Foi como aquela história do caçador colocado entre o jacaré e os leões".

Camiseta, calça lee, óculos de aros grossos, barba crescida e bolsa a tiracolo não são elementos típicos que caracterizam o novo líder estudantil que muitos imaginam. Entre eles predomina a discrição, o comportamento e o modo de vestir do estudante brasileiro de classe média. Quando interrogados e comparados com líderes do passado, a maioria deles mostra-se irritada, negando qualquer participação e procurando enfatizar preocupações diversas: "Não estamos preocupados em vender imagem a ninguém. Não faço política o dia inteiro, tenho consciência de outras obrigações. Se me visto deste ou daquele modo é porque me sinto bem, e só", diz um rapaz, falando rapidamente enquanto anda, acelerando o passo.

Apesar da permanência de características e caçoetes tradicionais, a maioria se aproxima dos padrões do jovem classe média. Alguns podem até possuir um carro pequeno, trabalhar um período e até ser um bom estudante. "Durante o fim de semana procuro descansar, curtir meu futebolzinho, transar com minha menina, enfim, refrescar da correria do dia a dia que sufoca a gente", contava alto para quem quisesse ouvir, um representante de um dos grupos da Pontifícia Universidade Católica, sugerindo uma resposta a colegas que o consideram mais radical.

Se em 1968 muitas vezes os alvos atingidos eram principalmente as cabeças dos líderes estudantis, a mesma coisa não se repete hoje. Os olhos estão voltados para as entidades que congregam teoricamente, todas as manifestações a nível de Universidades (DAs, DCEs), e hoje já se fala no surgimento da UEE (União Estadual dos Estudantes), que abrange e é composta - em seu embrião - dos mais representativos membros de todo o movimento.

Se a UEE é representativa junto aos estudantes, ou não, é problema da "própria conjuntura atual, que nos pressiona por todo lado", mas o objetivo maior será o de juntar, restaurar a força que possuía no passado. "Não pretendemos politizar ninguém, só queremos o reconhecimento da autonomia perdida e sobretudo os direitos de reivindicar, de mostrar a todos que temos visão de nossa realidade,

não só de estudantes, mas de gente simples do povo também..." São trechos de um panfleto distribuído durante uma das últimas assembleias antes da tentativa de realização do III Encontro Nacional de Estudantes, em São Paulo.

A repressão ao encontro não foi suficiente para abalar o entusiasmo dos estudantes. Mesmo sem lideranças carismáticas, reavaliando e assimilando as lições do passado, o movimento continua vivendo sua agitada história, à espera de uma nova geração de dirigentes que lhe devolva o entusiasmo e as perspectivas de outros tempos.



**Líder que é líder não
anda de calça lee nem
veste camiseta, não tem
barba crescida nem bolsa
a tiracolo. Líder que é
líder se confunde no
meio da massa, entrega-se
a essas tarefas quando é
chamado, curte futebol, som
e cinema, não tem nada
de diferente ou algo mais.
Que o líder é isso: apenas
um, entre todos...**

Nesta página, algumas idéias muito políticas e outras revelações um pouco burguesas, feitas por um líder estudantil de 29 anos, estudante de Economia. Porque sua liderança pertence aos liderados, não dá o nome.

O líder lê, vai ao cinema, trabalha. E tem medo.

O que te levou a participar do Movimento Estudantil?

— A perspectiva de que posso dar uma pequena contribuição para a resolução mais geral dos problemas brasileiros.

Essa movimentação toda lhe toma muito tempo?

— Só as noites; de dia eu trabalho numa empresa americana.

Como se comporta sua família em relação a essa sua participação?

— Sou do Interior mas estou em São Paulo há muito tempo. Tenho pouco contato com meus familiares. Existe muita divergência política entre eu e meu pai mas não há interferência. Acontece que desde os 16 anos estou fora de casa e hoje sou casado.

Você tem medo da repressão?

— Bem, suponhamos que eu tomo as devidas precauções... Quando vem vindo um pelotão de cavalaria, é perfeitamente normal se sentir medo, medo até de ser atropelado. Mas quando se participa de uma passeata, está-se consciente de que existe um certo nível de risco.

Quais foram os livros que você leu ultimamente?

— Isso é muito complicado, porque depende do momento. Acabei de ler *Por Quem os Sinos Dobram*, de Hemingway, mas também o *Tratado de Economia Marxista*, de Ernest Mandel.

Você costuma ir ao cinema?

— Sim. Os últimos filmes que eu vi foram *Barry Lindon*, *Carrie* e *O Crime do Zé Bigorna*. O Zé Bigorna é um grande personagem.

Você crê em lideranças que ocorrem ao acaso? Existe carisma nos líderes atuais ou inexiste o líder e sim um grupo com programa político?

— E evidente que as lideranças não ocorrem ao acaso. Existe sempre, em todo grupo social, alguns indivíduos que, em determinada circunstância, possuem a capacidade de expressar conscientemente aquilo que seu grupo social está inconscientemente desejando mas não

tem a devida clareza. Agora, existe alguma liderança carismática — inclusive esse foi o caso de 68, com nomes nacionalmente conhecidos, como o Travassos, Vladimir Palmeira, Dirceu etc. Porém, creio que hoje o elemento fundamental são os programas políticos propostos para as bases estudantis. Isso é um avanço em relação a 68.

Como voce vê o ME de 68?

— Em primeiro lugar, o ME de 68 não pode ser desvinculado da situação global do País. Houveram razões próprias ao ME, intrínsecas, e razões mais gerais para que o Movimento de 68 chegasse ao fim. Começando pelas mais gerais: o País havia aberto terreno para uma recuperação econômica baseada no arrocho salarial e no endividamento externo; por outro lado, em 64 havia ficado claro a falência do reformismo, quando toda a estratégia de avanço no processo político era baseada em reformas de base, desde a agrária até a administrativa, bancária, cambial etc. A classe operária viu-se sem condições de enfrentar o golpe, Caiu-se então em erro oposto, quando o processo político era visto como sendo levado por vanguardas que, atuando dentro do ME, procurava jogá-lo nas ruas, imaginando que pudesse ser ponta-de-lança de uma verdadeira revolução. Ora, o ME não tem força para tanto, quando muito ele pode ser auxiliar da classe operária. Essas mesmas vanguardas, após o colapso de 68, partiram para o processo de guerrilhas que obtiveram o resultado que todos sabemos.

Quais as diferenças básicas entre 68 e 77?

— A retomada do ME em 77 é um processo que acompanha também a evolução política do País. É possível notar um certo paralelismo entre o agravamento da crise econômica, as primeiras greves, as operações tatarugas, as manifestações populares, e as manifestações estudantis. Nós passamos por um processo que se estende desde o plebiscito contra o ensino pago, em 72, o Comitê em Defesa dos Presos Políticos, em 74, até chegarmos hoje em dia, com a criação do DCE e da UEE.

Você não acha que houve condições, por parte do Governo, para o ressurgimento do Movimento Estudantil? Com a ascensão do governo Geisel não houve uma certa liberdade de manifestação?

— Acho que a questão dever ser colocada em outros termos. Não é que Geisel tenha tornado possível a reorganização do ME, não. A questão é que houve o fim do "milagre econômico" — e suas causas são muitas, desde o excessivo endividamento externo — e se abriu o perigo de uma crise econômica e está, na medida em que implicou numa redução dos lucros, implicou também uma atuação do governo no sentido de arbitrar, entre os diversos setores da burguesia, qual seria a fatia de cada um no bolo geral. Na medida que uns e outros começaram a sentir-se insatisfeitos, o processo se acelerou. A burguesia, reclamando maior acesso ao centro de decisão, também estava reclamando uma maior abertura no processo político. A conjuntura histórica em que se encontra o governo Geisel implica também no acirramento dos conflitos entre a burguesia e, portanto, uma necessidade maior de liberalização. A grande questão é como redemocratizar o País, mantendo à margem do processo as amplas camadas populares, particularmente a classe trabalhadora. Daí os sucessivos pacotes, pacotinhos e pacotões, as tentativas de diálogo, a chamada institucionalização do regime etc., que nada mais são do que a tentativa de se chegar a um acordo de cavalheiros de maneira a evitar a participação popular que poderia pôr em risco a dominação burguesa.

cavalheiros de maneira a evitar a participação popular que poderia por em risco a dominação burguesa.

Existem grupos de direita organizados dentro da USP?

— Esporadicamente a direita tenta participar do processo político dentro da Universidade. Mas, por seu comprometimento com a política governamental, os grupos direitistas não estão aptos para responderem às necessidades amplas das bases estudantis.

Voce considera o atual ME já fracionado?

— O ME é historicamente dividido. No período de agudização da luta de classes, ele tende a se dividir em setores que acabam optando pela perspectiva ligada ao status quo e outros que realmente vêem uma perspectiva junto com os trabalhadores. O caso da USP é sui generis. A direita, a extrema direita, não tem condições de atuação política e os setores liberais pouco atuam. Então os setores de esquerda praticamente monopolizam o espaço interno existente. No Chile de Allende haviam eleições dentro de universidade, onde grupos de socialistas, comunistas, democratas-cristãos etc., disputavam as eleições. Então, o que se vê no Brasil é que a própria artificialidade em que vive nosso sistema político implica também uma certa artificialidade na vida política universitária. O seu potencial de divisão não transparece claramente porque a direita e setores potencialmente influenciados por ela permanecem inertes.

Essa parcela não participante não se apresenta, numericamente, muito considerável?

— Não se pode dar uma resposta estática para essa questão. A porcentagem de alunos que se mobilizam depende em grande número de fatores, que vão desde a natureza da escola, o turno dos alunos, a direção política que se encontra no Centro ou Diretório, até a situação política mais geral do País, inclusive passando pelo motivo específico da mobilização.

E certos problemas da universidade, como alterações de professores, currículos, números de alunos por salas, aparelhamento técnico etc., não deviam ser abordados pelo Movimento Estudantil?

— Mas eles são abordados. Entretanto, creio que se deve evitar dois erros extremos: o primeiro é o ME adotar somente esses problemas particulares; o outro é o ME adotar somente problemas gerais como a anistia para os presos políticos. Tudo porque não existe problema específico propriamente dito, porque é um reflexo dos problemas mais gerais e, justamente por isso, o ME deve levar os problemas gerais em conjunto com os particulares, interligando todos eles e mostrando a ligação entre eles.

Voce se considera nacionalista?

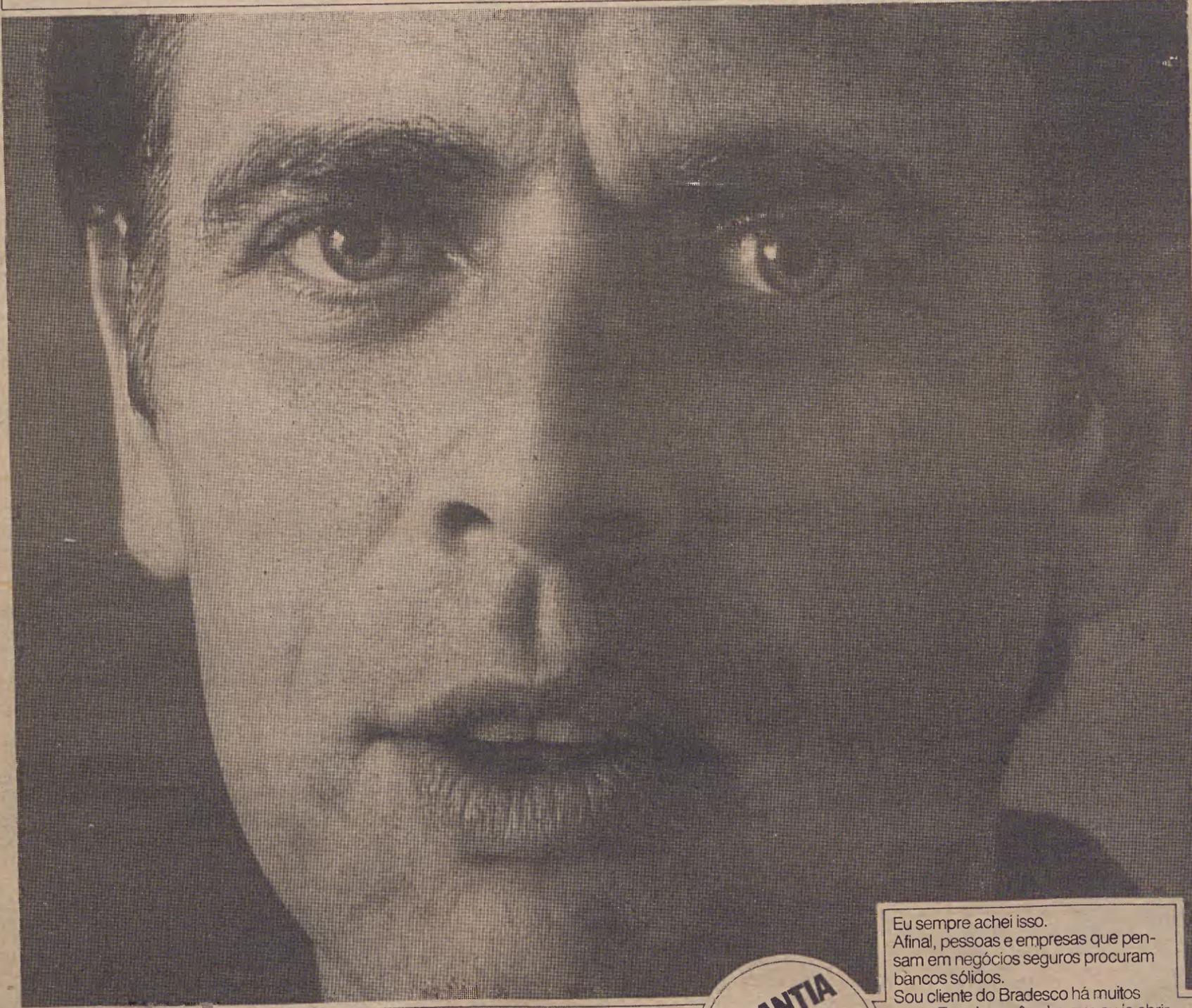
— Sou nacionalista na medida em que o nacionalismo representa o interesse imediato do povo brasileiro, os 10 milhões de operários, os 16 milhões de camponeses, os amplos setores das classes médias. De qualquer maneira, creio que a solução está na superação da regime capitalista, não só no Brasil mas no resto do mundo, de maneira a eliminar o sistema de dominação internacionais e assim superar a questão do nacionalismo.

Quais são as perspectivas do Movimento Estudantil?

— O ME vai chegar numa encruzilhada. Nós estamos chegando num ponto em que, se ele continuar continuar avançando dessa maneira, vai se isolar do restante dos outros setores e, talvez reeditar o erro de 68.



LUGAR DE DINHEIRO É NO BANCO.



CADERNETA DE POUPANÇA BRADESCO.

**GARANTIA
DE
SEGURANÇA**

Eu sempre achei isso. Afinal, pessoas e empresas que pensam em negócios seguros procuram bancos sólidos. Sou cliente do Bradesco há muitos anos. E onde você acha que eu ia abrir minha caderneta de poupança? Abri no Bradesco não só porque já conheço o pessoal e sou bem atendido. Abri lá porque caderneta de poupança também é dinheiro. A Caderneta de Poupança Bradesco tem a garantia do nome Bradesco. E o Bradesco trata da caderneta e de quem tem poupança lá com a mesma seriedade de quem tem conta e faz qualquer outro negócio com o Bradesco. Além disso, abrir Caderneta de Poupança Bradesco é muito fácil. Qualquer agência Bradesco tem.



BRADESCO
garantia de bons serviços

ESTUDANTES NAS RUAS

ENQUETE

Não acredito em movimento estudantil

Vandalismo: até a PUC já destruíram!

Fechei o meu bar por culpa dessa bagunçal

Todos devem lutar pelo que é justo

Isso é coisa de comunista: não admito!

Legal, o povo está a favor do estudante

Estudante de 27 anos, formada em História e cursando Geografia

Sou absolutamente contra. Não acredito em movimento estudantil. Esse negócio de engrossar o movimento junto com o povo é paço furado desses pequenos burgueses que não tem nada que fazer. Acontece o seguinte: todas essas manifestações não são fatos decisivos para derrubar o que está aí. Essa bagunça toda que se faz no centro da cidade, perturbando a ordem, o trânsito, atrasando as pessoas, é contraprodente, pois acaba revoltando a população. Que precisa trabalhar, chegar em casa, descansar, assistir sua televisão. Pra mim, esse negócio de Constituinte, se acontecer, só vai servir para a burguesia, que vai manipular essas "liberdades democráticas". E o povo vai ficar de lado, como sempre. Não vivi 68, mas acho que hoje estamos colhendo toda a carga da inconsequência estudantil daquela época. Veio a repressão, a pobreza em todo canto. Pra mim, reafirmo a quem quiser ouvir: não dá pé, falou?

Professora universitária

"É uma pena que só os estudantes estejam na rua lutando por liberdades democráticas, e por uma Constituinte livre e soberana (é bom grifar que eu não aceitaria uma Constituinte feita pela Arena e pelo MDB). Os sindicatos são todos pelegos, todos estão esparadrapados, então o operário não pode sair na rua, e também não pode correr o risco de ser preso, ou de perder o emprego e os 1.100 por mes.

A rua é do povo, e o que o Erasmo e toda a polícia está fazendo é uma coisa absurda, inacreditável. Eu estive em Belfast, em Dublin e vi o que é uma guerra que já passou os limites da religião, é uma guerra política. A unica diferença entre a praça de guerra que são essas duas cidades, e a praça de guerra que vira São Paulo quando o Erasmo põe a tropa na rua, é que lá sai também canhão, e ergueram portões de ferro. Só falta isso aqui, porque até a PUC já destruíram e não tiveram a mínima consideração pelo patrimônio cultural. Um vandalismo

Comerciante

Isso dos estudantes saírem na rua tá muito errado. Eu não tô falando só porque tive que fechar o meu bar (centro da cidade), mas é porque eles sempre acabam escapando, e quem apanha é quem não tem nada com isso. A polícia tá certa em não deixar eles saírem na rua, mas eu vi que eles tão batendo mesmo. Isso eles podiam manerar um pouco, porque numa dessas eles acertam a filha de um granfo aí, que tava só passando e aí como é que fica? É nessa hora que eu quero ver se os homens seguram o rojão.

Eu fechei o meu bar, mas atendi muita gente. Dei água com açúcar pra quem tava assustado, e até deixei usar o telefone. E era tudo criança... Tenho um filho com 15 anos, e quando ele fala alguma coisa sobre essas brigas de rua, eu logo digo que ele não sai. Até proibi um pouco ele de ver esses filmes de bandido na televisão.

Nestor, motorista de ônibus:

"Os estudantes devem continuar reagindo da mesma maneira. Todos entendem o movimento - inclusive alguns passageiros apressados - pois as manifestações não chegam a interferir no curso normal do trânsito. Acompanho os movimentos estudantis faz muito tempo, já que como motorista profissional há 28 anos, sou obrigado a andar aí pelo centro. Acho que vale a pena eles enfrentarem o que está aí. E é quase sempre assim: os estudantes começam, e os operários entendem que também devem participar. Tenho filhos em idade escolar e não vou impedir que eles participem dos movimentos. Todos devem lutar por aquilo que acham justo".

Funcionário Público Federal (Aposentado)

Eu fui estudante e apoio o estudante quando ele sai na rua pra ajudar o governo, pra mostrar alguns erros. Mas quando ele sai com infiltração comunista, aí eu sou totalmente contra. Tenho 70 anos, e conheço como é uma organização comunista, subversiva. Eles agem em cima dos jovens porque o jovem topa qualquer coisa.

Mas esse movimento tá tão infiltrado, que só vou dizer duas coisas: Ruth Escobar e Renato Consorte são estudantes? Não são, em todo caso foram presos numa passeata. O que eles tavam fazendo lá? Subversos! E o que o coronel Erasmo achou na PUC? Um monte de panfletos comunistas, livros, tudo pra iludir o jovem.

Nós vivemos numa democracia fabulosa, não vamos entregar tudo de mão beijada pros comunistas. Toda vez que os comunistas ganharam um poder foi através de revolução e depois vira ditadura. Sempre aconteceu assim, e aqui não vai ser diferente. Acho que idéia se vence com idéia, e não com força. Por isso sou a favor do governo brasileiro, e contra essas bagunças.

Pra ver como isso é coisa de comunista, até Constituinte eles tão pedindo. Ora, eu só aceito Constituinte quando a unanimidade aceitar, quando os dois partidos e o governo aceitarem. Mas os estudantes, não, eles querem impor. Isso eu não admito!

Manobrista da Praça Dom José Gaspar

"Malandro, no dia do Paissandú eu nem vim trabalhar. Passei por aqui de manhã e os homens já tavam chegando. E já viu né? Ficava parado por aí, dançava. E os homens são bravos. Os da ROTA são legais, educados, mas os do Tático Móvel já chegam empurrando. Então eu nem fiquei por aí.

Mas esse negócio de passeata dos estudantes, eu acho que tá certo, porque assim agita um pouco. Tá muito parado né? E assim pelo menos os homens pensam que tem gente que tá chiando. O legal é que o povo tá a favor dos estudantes. Mas os homens tão pensando que assim pode acontecer revolução, mas não é nada disso. A meninada tá só querendo movimentar um pouco. O seu Erasmo não gosta disso, mas ele fala e os negos fazem... Aí ele fica bravo, e olha que ele é brutão pra chuchu".

Pelo sim, pelo não, os estudantes saem às ruas, tumultuando a vida da cidade e a tranquilidade da polícia. E o povão? Está a favor ou contra? Nossos repórteres Sérgio de Almeida e Edna Gonzalez foram saber, no meio da rua e nos lugares de direito, o que está pensando a respeito dessa atual fase do movimento estudantil. Pelo sim. Ou pelo não.

VOCÊ É CONTRA?

Acho que eles têm primado pela moderação

Perturbam a paz do povo? Isso é piada.

Em 64, eles se uniram aos soldados...

No primeiro corre-corre eu me mando

E 1968 foi um golpe contra nossa geração

É isso: todos rejeitam hoje a repressão

Cardeal D. Paulo Evaristo Arns:

“Os contatos que tive até agora com os estudantes — e não foram poucos — me mostram que eles escolheram objetivos que têm imensa repercussão em todas as camadas. O futuro do movimento dependerá das autoridades e dos líderes estudantis, que devem levar de maneira pacífica uma participação construtiva e útil para todos. Não posso julgar hoje os estudantes, mas percebo que a moderação tem sido a tônica de suas manifestações. Já a reação policial, com seu grande aparato bélico, é nocivo a tudo e a todos. Assim como as declarações incoerentes, descontroladas e não suficientes fundamentadas de determinados elementos.

Dona de Casa

Não consigo entender como é que o governo consegue menosprezar o movimento estudantil. Tá ná cara que isso não é mera ba gunça, é uma coisa séria, sendo feita de maneira adulta e sem violência. Quem tá sendo violenta é a polícia, principalmente o Erasmo Dias. Não é possível que alguma autoridade não perceba que esse homem ainda vai fazer uma loucura muito grande, porque que ele vem fazendo, e o que ele fez na PUC já foi uma loucura.

E ele diz que os estudantes estão perturbando a paz da população. Isso é piada. É só passar no centro e ver cachorro, cavalo, tropa, toda cidade cercada. E a autoridade dele passa pra tropa, e qualquer soldado é “otoridade”, e coitado de quem não obedecer. Eles não tem o direito moral de fazerem isso, mas quem é que vai explicar isso pra eles? Só a coragem dos estudantes.

Dulce Salles Cunha, deputada estadual (Arena)

“Quando se trata de defender as liberdades democráticas vale a pena enfrentar qualquer aparato policial. O estudante sempre lutou — quando bem orientado e imune às provocações de desordeiros profissionais — por liberdade e democracia. Veja-se por exemplo, em 1964, a união deles com soldados e operários para lutar contra os liberticidas. Em 1968 eles foram iludidos em sua boa fé por profissionais da desordem, hoje facilmente identificados pela Polícia. Hoje, os estudantes estão mais conscientizados e por isso repelem as provocações e os extremismos.

Office-boy

Eu acho legal os estudantes saírem na rua. Acho um sarro eles saírem e depois ir todo mundo atrás, e quando chega a polícia sai todo mundo correndo. Eu entrei naquela que foi de noite (11 de agosto), porque eu tava num flipograma da São João e quando eles passaram eu fui atrás. A gente deu uma volta muito grande, fomos até o Largo do São Francisco. Foi legal na São Luis, soltaram rojão, jogaram papel, e até bandeira do Brasil tinha num prédio. Parecia época da Copa do Mundo. Eu tenho dois amigos, que são trombadinhas, e jogam bola ali na praça (Dom José Gaspar), que também foram. Tinha até bicha no meio do pessoal!

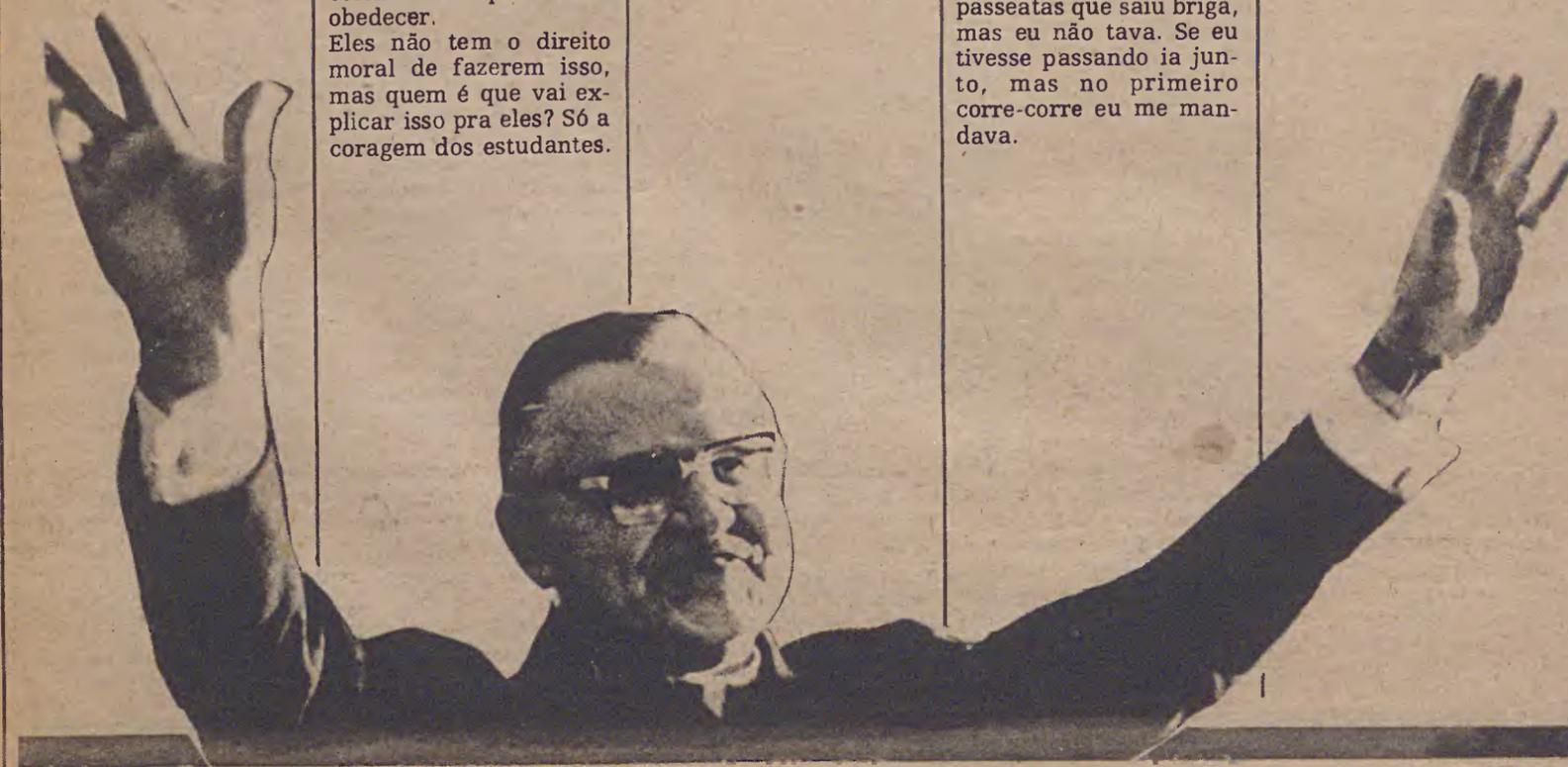
Eu sei que teve umas passeatas que saiu briga, mas eu não tava. Se eu tivesse passando ia junto, mas no primeiro corre-corre eu me mandava.

Um sociólogo:

A movimentação estudantil é uma denúncia do momento, em que as arbitrariedades sufocam gradualmente a capacidade de criatividade e liberdades individuais. Em 1968 ocorreu uma ruptura de todo um processo de luta universitária, foi o golpe mortal de uma geração que ainda acreditava em reconquistar “as coisas” perdidas. Hoje, a nova geração que se formou durante esses 10 anos, procura uma nova saída, enfrentando os obstáculos criados pelo regime. O obscurantismo do momento justifica essa luta dos estudantes pela democratização.

Alberto Goldman, deputado estadual (MDB)

Hoje, ao contrário de 68, as atitudes de repressão são rejeitadas pela grande maioria. De modo que as manifestações ganharam uma imagem mais positiva, contando com o apoio de todas as camadas sociais, além da Igreja, da imprensa, dos professores, donas de casa, políticos, etc. O tipo de repressão que está sendo usado tende a criar reações contrárias, neste momento em que os estudantes mostram sua disposição de resistência a um regime de exceção. No entanto, é preciso que a liderança estudantil saiba buscar o apoio de uma retaguarda firme, ampla e bem organizada.

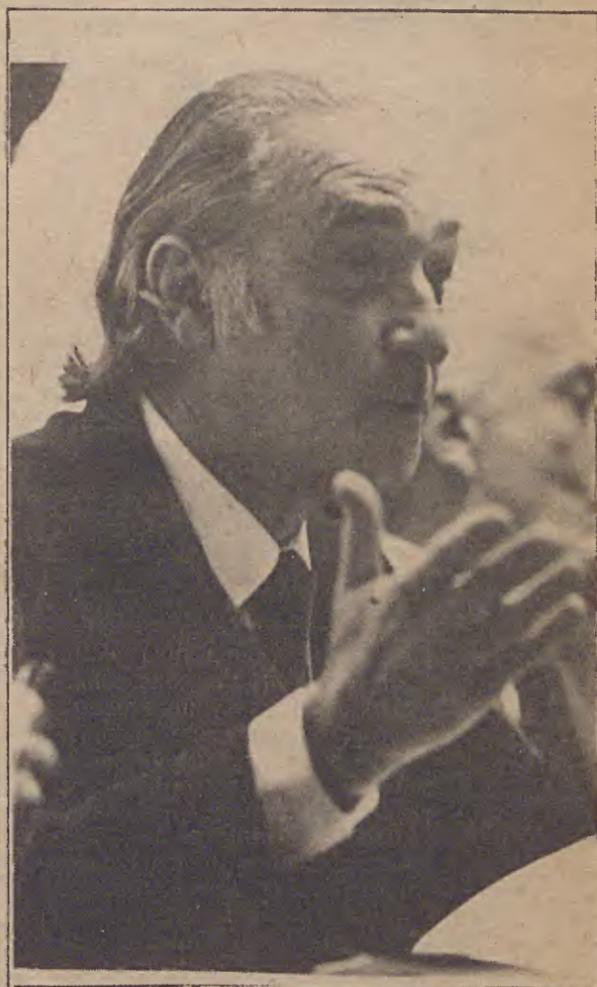


MONTORO

HAVENDO DEMOCRACIA SEREI GOVERNADOR...



Durante as duas horas de sua entrevista, Franco Montoro só parou um instante, para um cafezinho. No resto do tempo, dedicou-se à sua pregação política de redemocratização. E foi além, sugerindo à equipe de Aqui São Paulo (Takao Miyagui, Antonio Romane, Paulo Ribeiro), pautas de reportagens que possam refletir o difícil momento vivido pela nação brasileira.



AQUI — O senhor é apontado como sério candidato a governador de São Paulo, dentro de um regime de normalização. Como o senhor encara essa possibilidade? Está trabalhando para isso?

MONTORO — Bem, convenhamos que sou suspeito para falar sobre essa questão... Agora, houve duas prévias eleitorais na Assembleia Legislativa, e eu ganhei as duas; houve uma prévia entre prefeitos e vereadores na Praia Grande, também fui eleito. Além disso, num levantamento feito pelo Gallup sobre questão de prestígio na opinião pública, também estou em primeiro lugar. De modo que se houvesse eleições, diretas ou indiretas, mas que fossem eleições, acho que realmente eu teria possibilidades de ser governador de São Paulo. Mas com isso que está aí, o que vai haver é escolha de bolso de colete. Quem sabe se, com a série de modificações que esperamos para os próximos

meses — porque a situação está insustentável — talvez se reabram os caminhos democráticos, e então veremos.

AQUI — Dentro dessa hipótese, como o senhor encaminharia seu governo?

MONTORO — Se é para falar em hipóteses, vamos lá. Há uma idéia fundamental para o que quer que se queira fazer no Brasil, dentro de linhas democráticas e humanistas: participação. É preciso assegurar a participação das bases da Nação nas soluções que lhe dizem respeito. A Nação não é uma justaposição de indivíduos dirigidos por um chefe; a Nação é uma comunidade de comunidades, comunidades de ordem pública — como os municípios — e comunidades de direito privado como a família, sociedade de bairros, empresas, associações, cooperativas. O importante é prestigiar e fazer com que essas comunidades participem. Porque o homem isolado não existe, o homem sem

pre participa da vida social. Então, é preciso vitalizar essas organizações de base. Os municípios, por exemplo, estão hoje totalmente sacrificados por uma política de centralização, estão cada vez mais pobres. Eles ficam com apenas 7% do total de taxas e impostos arrecadados e 93% vão para os órgãos centrais, que ficam com muitos recursos, ficam com o poder decisório e geram uma figura que eu costumo comparar a um gigante de pés de barro: um aparato extraordinário, grandes planos federais, e a base, os municípios, à míngua. Em suma, o que se poderia fazer é substituir o paternalismo autoritário pela participação.

AQUI — E a tese da Constituinte, senador? No contexto atual não se trata de um golpe político?

MONTORO — Não. O mínimo que se pode dizer da Constituinte é que se trata de uma necessidade nacional. Ela está surgindo em todos os setores da vida

pública nacional, é um sentimento que vem das bases. Aliás, a tese não é do MDB. O MDB é apenas o porta-voz de um apelo que vem de toda a comunidade nacional.

AQUI — O que pretende, afinal, o MDB? A Constituinte visa exatamente o quê?

MONTORO — Com a Constituinte, o MDB pretende debater e tornar conscientes todos os setores da vida da Nação sobre o caminho normal de se restabelecer a normalização de nossa vida pública. Os cientistas políticos todos, por unanimidade, sustentam a tese pacífica de que o titular do poder constituinte é o povo e que, portanto, o povo é que deve ser consultado e ouvido para a fixação do modelo político brasileiro. Esse é um ponto elementar na teoria política contemporânea. É texto expresso na Declaração Universal dos Direitos Humanos da ONU. No próximo texto da atual carta constitucional brasi-

MONTORO

...E A ÚNICA SAÍDA É A DEMOCRACIA

leira, na emenda número um, baixada pelos três ministros militares, está escrito no artigo primeiro, parágrafo primeiro, que todo poder emana do povo, e em seu nome é exercido. Trata-se de um ponto pacífico, que não pode ficar apenas no plano teórico, é preciso que se torne realidade. A experiência histórica contemporânea é também tranquilamente nesse sentido. Como se reorganizaram os países depois da Segunda Guerra? Ouvido o povo, fixaram-se as linhas do modelo político. Itália, Japão, Alemanha... Ainda agora, o rei Juan Carlos, numa carta que mandou para todos os parlamentos do mundo, afirma que seu papel, o seu dever histórico, é o de restituir ao povo espanhol a soberania que lhe pertence. E mesmo o Brasil: proclamada a República, como houve o reordenamento político? Com uma Assembléia Nacional Constituinte que elaborou a Constituição de 1898. Derrubada a Constituição de 98 pela revolução de 30, o que houve? São Paulo se ergueu em armas por uma revolução constitucionalista! São Paulo perdeu, mas Vargas, com a sensibilidade que tinha, convocou uma assembleia nacional constituinte, em 1933, que promulgou a constituição de 34. Depois da Segunda Guerra, o Brasil retomou sua normalidade constitucional. Esse é o caminho normal. O que o MDB pretende é fazer quase que uma pedagogia, tornando claro, aos olhos de todos, que o caminho normal de se fazer uma constituição é a convocação de uma assembleia nacional constituinte.

AQUI — Como o senhor imagina uma assembleia nacional constituinte? Isso seria o fim do bipartidarismo? E como serão constituídos os novos partidos?

MONTORO — É difícil prever como se constituiriam os partidos, quais seriam as linhas a esse respeito. A bancada nacional do MDB no Senado, já preocupada com todos esses aspectos, está elaborando uma série de alternativas para esses vários aspectos. E está fazendo isso sem estar fechada nos gabinetes em Brasília. Em primeiro lugar, está ouvindo a comunidade científica brasileira.

Nós tivemos várias reuniões com professores da Universidade de São Paulo e de outras universidades brasileiras, sobre as alternativas no plano político, econômico, social e cultural. A Constituinte é o meio pelo qual a própria Nação vai fixar essas direções. Não temos um modelo acabado. A Constituição não será imposta ao Brasil, mas virá das bases para corresponder às nossas necessidades. Vou dar um exemplo: a

Solução é o federalismo verdadeiro.

burocracia e tecnocracia que nos dominam, hoje, fazem com que as soluções tomadas em Brasília se tornem unitárias e, por isso, erradas. Uma solução para o Amazonas é péssima para o Rio Grande do Sul, ou São Paulo, ou Minas. Então, nós temos soluções absurdas, como o Fundo Rodoviário: estabelece-se para todos os municípios o mesmo critério. Ai, o que acontece? Os municípios do Amazonas estão com saldo em caixa, decorrentes do Fundo, que só podem ser aplicados em estrada de rodagem. Ora, naquele Estado eles devem é construir hidrovias, portos, melhorar os meios de acesso... O que se pode apreender disso tudo é que a centralização criou uma atrofiação completa. Então, uma das idéias fundamentais na nova carta política será seguramente a descentralização, o federalismo real. Essas e outras idéias certamente virão das bases do Brasil e independentemente de partidos.

AQUI — E o Partido Democrata Cristão, seria viável dentro da volta à normalidade constitucional?

MONTORO — As idéias de um humanismo político permanecem. Mas acredito que um retorno igual ao passado é inviável. A história não volta atrás. Eu penso que se houver uma abertura partidária, entre os partidos que irão surgir, haverá um mercado por essa linha humanista, participativa, que são as grandes linhas que marcavam o PDC. Mas, evidentemente, não seria uma reprodução de um partido que teve a sua



atuação e exerceu a sua função. Será um novo partido, dentro daquelas perspectivas, mas adaptado à realidade atual.

O poder deve competir ao povo.

AQUI — O senhor dá, como exemplo, a descentralização como medida que inevitavelmente acontecerá com uma nova constituição. Agora, todos sabemos que as constituintes brasileiras vieram a partir de uma mudança na correlação de forças no panorama político. Então, como é que o MDB propõe essa Constituinte: derrubando, debilitando ou consolidando o sistema? Porque a descentralização não é a questão maior...

MONTORO — Há um consenso nacional de que o País não pode continuar sem uma Constituição que se imponha como norma de maior hierarquia. Porque a atual Constituição não foi elaborada pelo povo, e nem por representantes do povo.

Ela foi baixada por três ministros militares. E até mesmo essa Constituição foi modificada por um ato unipessoal do Presidente da República, fechando o Congresso e introduzindo diversas modificações essenciais. Por exemplo, criou a figura estranha do senador que todos chamam biônico; tirou do povo o direito de eleger os governadores; baixou outras medidas, como a proibição dos partidos usarem os meios de comunicação social para propagação de suas idéias. E a situação tornou-se tão insustentável que o próprio Governo anuncia, sem precisar o caminho, que quer a normalização, a regularização da situação. O MDB mostra que o meio normal é a elaboração de uma constituição com a convocação de uma assembleia nacional constituinte.

AQUI — Isso tudo implica a mudança da estrutura do poder. Mudança conquistada, nunca dada de graça. Como é que o Governo vai aceitar essa Constituinte, a partir do momento em que isso significa a perda do poder de decisão?

MONTORO — Bom, mas é exatamente isso que é uma constituição. A Constituição é a aceitação, é um teste de sinceridade: aceita-se, ou não, a tese de que o detentor do poder constituinte é o povo. Há um grupo que recebeu esse poder acima do povo? É a opção. A campanha vai apenas tornar isso claro. Há uma mudança de poder, sem dúvida. O poder deve competir ao povo e a elaboração de uma constituição vai significar que o grupo que detém o poder deixará de ter esse poder.

Sucessão presidencial é futurologia.

AQUI — Mas, o MDB derruba, muda o sistema?

MONTORO — Não é o MDB que derruba. É o próprio Governo que há de reconhecer que não é possível que um grupo dirija o País, por direito hereditário, pelo princípio da força...

AQUI — Quais as correntes ideológicas englobadas no MDB e ligadas num processo de redemocratização?

MONTORO — Eu diria que o MDB é uma pequena parte de todas as forças democráticas que desejam a normalização da vida pública. Nós estamos num regime de exceção. Treze anos. Basta! O MDB é apenas uma das forças democráticas e, como partido político, está sendo o porta-voz da maioria da Nação. E há até mesmo lideranças dentro da Arena, como o senador Teotônio Vilella, Accioly Filho, Daniel Krieger, o deputado Célio Borja e vários outros, todos reafirmando essa necessidade. E fora do campo partidário, nós temos generais, como Rodrigo Otávio, Peri Bevilacqua, Augusto Fragoso, que estão se manifestando. Na Marinha, na Aeronáutica... Houve até um coronel punido por ter divulgado a carta que dirigiu ao Presidente. Então, nota-se que há um estado de espírito nacional, há um consenso nacional de que é preciso passar para um regime de normalidade constitucional.

AQUI — E o MDB, respeitadas as suas limitações, está fazendo para que isso se torne realidade?

MONTORO — A primeira providência foi a realização da convenção extraordinária, uma reunião de significação histórica. Compareceram delegados de todos os Estados do Brasil, pagando suas próprias despesas. Nessa convenção houve uma decisão por unanimidade, aprovando o documento que expõe as linhas gerais e as razões da reivindicação da Constituinte. A segunda: o MDB, com o poder que recebeu do povo, está usando as tribunas de todos os parlamentares para o debate da idéia. Até a Arena, não sei se consciente ou inconscientemente, deu a sua colaboração, ao designar uma série de senadores para refutar ponto por ponto o documento do MDB... Enfim, está sendo travado um debate nacional. Não está havendo realmente um trabalho de agitação, de violência, de agressão, mas é isso mesmo que queremos. É uma tese tranquila, serena, patriótica e pacificadora.

AQUI — Por que o MDB deixou de ir para a praça. Por que não faz concentrações populares, se não há outra alternativa a não ser a constituinte?

MONTORO — Bem, eu mencionei o que já estamos fazendo. Mas pode-se fazer muito mais e certamente é o que vai acontecer. Mas só esse primeiro trabalho está tendo uma significação muito grande. Isso não exclui uma série de outros trabalhos, operações, atividades que poderão ser desenvolvidas.

AQUI — Isso é o único recurso de que dispõe o MDB?

MONTORO — Isso é o que o MDB tem à mão, imediatamente. A primeira das concentrações, o primeiro dos atos públicos feitos em capital de Estado, vai ser em São Paulo. Por quê? Por condições compreensíveis. Nós temos aqui em São Paulo a maioria na Assembléia Legislativa, inclusive a presidência; temos a presidência e maioria na Câmara Municipal; dos três senadores por São Paulo, dois são do MDB; São Paulo tem a presidência do partido e a liderança das bancadas do Senado e da Câmara. A importância de São Paulo é realmente marcante, é o centro econômico do País e deve também ser um

MONTORO

centro político. Então, é natural que aqui se faça a primeira concentração. Em segundo lugar, vem Santa Catarina, e é evidente que lá a repercussão será menor do que em São Paulo. A outra deve ser no Amazonas ou numa capital do Nordeste, tudo para caracterizar o sentido nacional das teses do MDB.

O MDB é só o porta-voz da Nação.

AQUI — Qual seria a consequência da constituinte em relação à sucessão presidencial?

MONTORO — É problema de difícil solução porque se coloca num plano da previsão, não é? Isso pertence ao campo da futurorologia. Porque o processo sucessório está sendo feito de uma maneira que o MDB condena, um processo esotérico do qual estamos excluídos e que prossegue dentro das esferas do sistema que nos governa. E nesta sucessão, nós não temos como influir, pelo menos no pé em que a situação se coloca. Muito menos de impedir. Nossa função é protestar e condenar.

AQUI — Seria qualquer coisa como se o MDB dissesse: olha, isso aí de sucessão não tem nada conosco; nosso problema é a Constituinte, é o povo brasileiro?

MONTORO — Mas é exatamente isso. É claro que não temos força para convocar uma constituinte, nós não seremos os árbitros do momento. Para nós, a constituinte deveria ser convocada o mais breve possível e a sucessão seria encaminhada nos moldes fixados pela nova constituição. Aí está o problema de força. A constituinte dependerá, para sua convocação, de uma decisão daqueles que detem o poder. Nossa pregação é mais no sentido de sensibilizá-los, e mostrar que a consciência nacional exige isso.

AQUI — Essa postura do MDB pode significar que um candidato civil eliminaria a tese da Constituinte?

MONTORO — Se houver uma candidatura civil de compromisso democrático, seja um homem como Magalhães Pinto ou outro, é evidente que o MDB se inclinará para isso. Dentro das condições concretas, havendo um compromisso democrático, é evidente que o MDB se inclinará para isso.

AQUI — É uma situação esotérica mas existe a possibilidade do Governo determinar apenas militares. Qual a posição do MDB se

só surgirem candidatos militares?

MONTORO — Ao MDB interessa, mais que a pessoa do candidato, o compromisso democrático, o compromisso que ele assumir perante a Nação.

AQUI — Mas os governos anteriores também se comprometeram, não?

MONTORO — Não. Nunca fomos ouvidos sobre essa matéria. O que houve foram declarações unilaterais. O general Médici dizia que "até o fim do meu governo estaremos". Depois, retificou, dizendo que quando eu digo não digo diogo, digo diogo. E foi voltando para trás até terminar o seu mandato. E o presidente Geisel, nas primeiras manifestações ao Congresso, falava de um progresso político, mas era um ato unilateral.

Queremos que Geisel seja o novo Caxias.

AQUI — E o anti-candidato? Não está sendo cogitado pelo MDB?

MONTORO — No momento, não. É possível que as condições nos levem a tomar uma posição semelhante mas, se houver a possibilidade de uma candidatura comprometida com o processo de normalização democrática, e não apenas por palavras mas por atos efetivos, como o restabelecimento do habeas-corpus, é claro que o MDB deve guardar suas forças para colocá-las a serviço da redemocratização.

AQUI — Até bem pouco tempo, uma parcela do MDB acreditava na normalização dentro do governo Geisel. Como é que se vê isso hoje?

MONTORO — Ao assumir, o general Geisel fez declarações no sentido de reconduzir o País ao processo

Concentração de renda é afrontosa.

democrático, falou em "desenvolvimento político", chegando até a tomar medidas concretas nesse sentido. Não se pode negar o clima de liberdade das eleições de 74, a eliminação da censura nos grandes órgãos de imprensa, certas atitudes de combates à tortura. Mas ao lado disso, houve uma série de atos negativos, como o fechamento do Congresso, o chamado "pacote de abril" e a retomada do processo de cassações, que culminou com a do li-



der do MDB na Câmara. Ao fazer isso, o presidente cedeu a pressões às quais não pôde resistir? Sua intenção continua a ser a normalização? Se as concessões que ele fez aos autoritários foram para, afinal, estabelecer um regime de normalização, esse será o nosso desejo. Até para usar uma expressão, queremos que ele se transforme num novo Caxias, num pacificador da família brasileira.

AQUI — O endurecimento atual visa particularmente a campanha pela constituinte ou pode se considerar como normal?

MONTORO — Há aí um conflito de mentalidades, de duas posições até doutrinárias. Muitos acham que dirigir o país é dar ordem para que todos os setores obedeam. Outros, acreditam que a comunidade não deve ter uma função meramente passiva. Os que pretendem reduzir à passividade os setores que integram a comunidade nacional, adotam posição autoritária, centralista. E erram, a meu ver, aqueles que pensam que o Governo pode tudo. Não, o Governo não pode tudo. Ele não pode fazer com que mais de um milhão de universitários, por exemplo, fiquem marginalizados. Não pode pretender colocá-los numa posição de passividade. Na medida em que essas comunidades tomam consciência da marginalidade, protestam. E esse protesto é uma resposta à violência. A saída é a democracia. Fora disso, teremos a violência autoritária e, contra ela, a violência da resistência. Violência gera violência.

AQUI — O senhor acha possível conciliar a luta pelas liberdades democráticas com a alta concentração de renda?

MONTORO — A concentração de renda no Brasil é uma das mais graves do mundo, e chega a ser afrontosa. E há uma consciência geral de que isso é um mal. A democratização, evidentemente, vai ser o melhor remédio contra isso, permitindo o debate e o esclarecimento de situações que não permitirão o agravamento dessa situação. A medida em que uma democracia caminha, as injustiças diminuem.

Militares devem aceitar a democracia.

AQUI — Até as multinacionais, pelo menos parece, estão interessadas no processo de redemocratização. Assim, como é que se ajustaria uma constituinte popular, mas popular mesmo,

voltada e dirigida pelo povo, com a ação dessas empresas estrangeiras? Porque a constituinte que virá pode não ser tão popular assim, como a de 46...

MONTORO — Eu concordo com essa relatividade. Mas diria que a pior das democracias é melhor que a melhor das autocracias.

AQUI — O senhor vê alguma consequência política na anunciada visita do presidente Carter ao Brasil?

MONTORO — Aí existem pelo menos três aspectos. O primeiro é que Carter se caracterizou pela afirmação dos direitos humanos, e sua vinda vai significar, sem dúvida, a oportunidade de se reafirmar esse princípio, fortalecendo todos aqueles que têm lutado por aqueles direitos no Brasil e a condenação daqueles que têm defendido medidas de violência. Outro efeito é que muita gente, neste país, tem sustentado a tese de que é preciso um desenvolvimento econômico para depois haver um desenvolvimento político; então, a presença do presidente dos Estados Unidos vai significar, necessariamente, a lembrança de um país que há 200 anos detém a normalidade democrática, provando que democracia não atrapalha o desenvolvimento econômico. Uma expressão que venho usando constantemente é que a democracia não é uma espécie de sobremesa a ser servida depois do desenvolvimento. Democracia é o melhor caminho para o progresso efetivo das nações. Bem, o terceiro aspecto da visita de Carter será o esclarecimento de certos pontos de divergência entre o Brasil e os Estados Unidos, porque é conversando que a gente se entende, não é? A vinda dele vai permitir um entendimento melhor sobre esses pontos de divergência, principalmente em relação à política nuclear.

AQUI — Voltando um pouco atrás e para terminar. Parece-nos que convocar uma constituinte é praticamente decretar a falência de um regime. Então, como o senhor vê o problema da saída honrosa dos militares no poder?

MONTORO — Simplesmente aceitando a ideia de uma nova constituição que tornará impessoal e objetiva a escolha dos governantes. É o povo que vai escolher seus governantes. E os militares aceitarão as regras democráticas que presidirão a escolha dos governantes, como é feito em todos os países cultos e civilizados.

AQUI — Essa seria a maior saída honrosa?

MONTORO — Não há dúvida... seria a única.

QUEM DÁ MAIS?

Sucessão Paulista

José Carlos Bittencourt

A sucessão estadual paulista não será decidida em território bandeirante, mas em Brasília, através de um consenso entre o presidente Geisel e seu sucessor (provavelmente o general João Baptista Figueiredo).

Essa evidência — já absorvida pelo Palácio dos Bandeirantes — evitará que o governador Paulo Egydio Martins saia derrotado ou vitorioso do episódio sucessório, ao contrário de seus predecessores, Abreu Sodré e Laudo Natel, que cometeram o erro de tentar influir numa decisão que pertence à Presidência da República, e cujos critérios adotados até aqui foram rigorosamente pessoais, isto é, dentro dum "estilo" adotado por cada presidente.

Diante do "passado histórico" da sucessão paulista (pós-64), o governador Paulo Egydio teria preferido adotar uma posição que não o compromettesse nem à sua liderança que — garante ele — não se esgotará com o simples término do seu período de mandato governamental.

Ou seja: não se definirá por nenhuma candidatura, seja o prefeito de São Paulo, Olavo Setúbal seja o secretário da Fazenda Murillo Macedo, seja o secretário de transportes, Thomaz Magalhães, figuras apontadas como "preferidas" por Paulo Egydio. Ele se reservará a posição de "árbitro" do processo sucessório. Em outras palavras: a ele caberia a elaboração duma lista definindo o apoio político com que conta cada "cogitável", num verdadeiro quem é quem no quadro estadual.

Nessa linha, qualquer que seja o futuro governador de São Paulo, escolhido via Brasília, contará, ao menos teoricamente, com um respaldo político. Em outras palavras: haverá, de qualquer forma, um comprometimento implícito das chamadas forças vivas de São Paulo, que uma nota oficial do Se-

cretariado prefere definir como "complexo sócio-econômico, cultural e político".

Se o sucessor de Paulo Egydio no Palácio dos Bandeirantes vier a ser Laudo Natel (considerado hoje favorito, assim como na área federal encontra-se o general João Baptista Figueiredo), seu retorno ao Morumbi não representará uma "derrota" de Paulo Egydio. Aliás já se realizaram algumas reuniões entre o esquema do ex-governador e do do atual.

Assim, o comportamento de Paulo Egydio na questão sucessória revela, mais uma vez, sua capacidade de contornar o que poderia se transformar em "situações críticas", revelando uma frieza que os círculos políticos sempre lhe "cobraram" diante de problemas bem mais simples. Traduzindo: ao mesmo tempo em que Paulo Egydio é criticado por permitir que "falhas políticas" interfiram em episódios "fáceis", nos momentos mais delicados, despontou como estrategista integrado nas realidades estadual e nacional.

Na política interna, Paulo Egydio sofreu desgaste por ter cometido alguns equívocos. O principal deles, sem dúvida, no que se refere à Casa Civil. A princípio, ele depositou tantas esperanças na ação política que seria desenvolvida pelo falecido Arrobas Martins, que esperou sete meses com a Casa Civil vaga apenas para que Arrobas pudesse se aposentar no Tribunal de Contas do Estado. A ascensão de Arrobas ao posto que lhe foi "guardado" com todas as honras desde o início do Governo, acabou produzindo efeito contrário ao esperado. Hoje, conclui-se que os sete meses de ausência teriam sido fatais ao bom desempenho de Arrobas. Para suportar esse período, é óbvio que uma estrutura não-oficial teve de ser montada. Quando Arrobas assumiu a Casa Civil, inevitavelmente "pisou em calos", exacerbou os

ânimos, que chegaram ao ponto de provocar sua saída da Casa Civil.

O episódio seguinte é o que se está vivendo hoje. Estavam previstas eleições para a renovação dos diretórios municipais, estaduais e nacionais dos partidos políticos. Em São Paulo, Paulo Egydio sabia que, se pretendia obter maioria nos diretórios, que hoje ele detem, precisava "entrar no jogo". Literalmente. Quem melhor credenciado do que Afrânio de Oliveira e a "equipe Faria Lima", até então apontada como responsável pelo sucesso político e popular do falecido brigadeiro-prefeito? Afrânio e equipe assumiram e entraram "jogando duro", o suficiente para desesperar facções arenistas contrárias. Criou-se a "carteirinha vermelha" para prefeitos, vereadores e cabos eleitorais interioranos, de "livre acesso" às repartições governamentais.

O novo "figurino" da Casa Civil era, portanto, exato. Politicamente, o governador não poderia ter feito melhor opção. Ocorreu, porém, um fato novo: os mandatos dos dirigentes partidários foram prorrogados. Todo um esquema montado diante das eleições internas dos partidos políticos, de repente tornou-se inócuo. Ao mesmo tempo, Afrânio tinha se convertido numa figura combatida dentro do chamado "secretariado técnico" de Paulo Egydio. Vinha ele já precedido da fama de político e considerava-se inevitável sua tentativa de intervenção em todos os setores do Estado. Afinal, a posição de um grupo — no caso, o "egydistas" — estava em jogo. E tudo tem seu preço. Se o preço era esse, então teria de ser pago. Afinal, reconhecia-se, a ação política de Paulo Egydio nesse episódio era perfeita.

Esgotada a "missão Afrânio", afloraram as críticas e as queixas, que só agora foram contornadas (ou suportadas?). E a sucessão estadual está aí.

Brasília escolhe entre...

Laudo Natel

Banqueiro, ex-governador de São Paulo por duas vezes (sendo que o primeiro mandato foi "tampão", de apenas oito meses, na condição de vice do então cassado Ademar de Barros). Dispõe de forte penetração no Interior do Estado e desde que deixou o governo, em 15 de março de 75, já percorreu o Estado três vezes, visitando cerca de 1500 municípios. Governador do Estado quando o general João Baptista Figueiredo era comandante da Polícia Militar paulista. Atribuiu-se, inclusive, a Figueiredo, a frase (em resposta à pergunta de que seria mantido o critério de que "quem foi, não será"): "Quem foi e mostrou que é bom, deve ser!". É, indiscutivelmente, o mais forte candidato à sucessão de

Paulo Egydio, e estaria até disposto a fazer um governo de "conciliação". Mas a única figura vetada, formalmente, por ele, é o secretário do Interior e seu ex-coordenador político, Rafael Baldacci, a quem acusa de "traidor".

Olavo Setúbal

Prefeito da Capital, foi escolhido para o cargo pessoalmente por Paulo Egydio, que o admira e respeita como administrador e homem correto. Banqueiro, foi considerado a "revelação de 74", quando procedeu a várias incorporações que deram outra dimensão ao Banco Itaú. Tenta penetrações no Interior através de seu hábil secretário Cláudio Lembo, também presidente da Arena Paulista. Também na área federal

se ressentiria de maior penetração. Apoio político: contaria, como líquido e certo, o "endosso" do antigo janismo, representado por Afrânio de Oliveira & Cia. e Rafael Baldacci, cujo grupo pretenderia reeditar a fase Faria Lima na prefeitura paulistana.

Murillo Macedo

A mais rápida carreira política de São Paulo nos últimos tempos. Banqueiro: do Banco Nacional para a presidência do Banco do Estado e daí para a Secretaria da Fazenda. Seria o "candidato de coração" do governador Paulo Egydio Martins. Se conseguir reunir em torno de si maior soma de apoio (já dispõe de considerável lastro no interior do Estado) representaria o prosseguimento do chama-

do "egydistas puro". Dispõe de excelente trânsito na área federal, especialmente junto ao general João Baptista Figueiredo. Transita também na área do ministro do Exército, Sílvio Frota. Representa o papel do clássico "desarmador de espíritos". Não sofre restrições de qualquer área.

Ademar de Barros Filho

Herdou de seu pai, o falecido ex-governador Ademar de Barros, a maior estrutura política já organizada neste Estado, o ex-PSP. Mesmo assim, demorou para "ocupar o lugar" e, quando decidiu-se a fazê-lo, teve que se empenhar arduamente para recompor as bases que se dividiram entre várias lideranças ademaristas (Arnaldo Cerdeira,

Hilário Torloni etc.) Mas recompôs. Foi um dos candidatos a deputado federal mais votados em 74. Dispõe de forte liderança no Interior do Estado e bases seguras na Capital. E um dos raros políticos brasileiros que dispõem de "carisma". Ou seja: poder econômico à parte, há lideranças interioranas que o acompanham sejam quais foram as circunstâncias. Para algumas áreas políticas, o "lado para o qual Ademar pender, será o vencedor".

Rafael Baldacci

É candidato a governador graças ao trabalho desenvolvido principalmente ao longo destes seis últimos anos (a coordenação política - informal - de Laudo Natel foi de extrema utili-

dade no Interior; antes ele praticamente só dispunha de bases eleitorais na Capital, de onde partiu via chefe de gabinete do brigadeiro Faria Lima). Mal visto por todas as demais áreas políticas paulistas, justa ou injustamente foi carimbado como "trânsfuga". Foi "coordenador político" de Laudo mas sabia que o nome a ser escolhido seria Paulo Egydio e não Delfim Netto - e passou para o lado do futuro governador de armas e bagagens, o que lhe valeu a placa de "entrada proibida" no Palácio dos Bandeirantes no período final de Laudo.

Shigeaki Ueki

Trata-se de um "tertius", com condições de "emplantar". Em linguagem de loteca, "zebra viável".



EU, VEREADOR

Sem coroa e sem reinado, o vereador vive entre dois mundos. As aparências indicam tratar-se de um cidadão especial, como representante de, pelo menos, 30 mil outros cidadãos paulistanos. Mas as aparências são enganosas: de especial, o vereador não tem nada, e dispersa seu mandato em atribuições que seriam próprias de um despachante de luxo: pedir asfaltamento de ruas, instalação de águas e esgotos, emprego para o amigo aqui...

Reportagem de Célia Maria Romano

Depois de uma estafante campanha eleitoral, onde pede favores, acerta compromissos, faz concessões, empenha a alma, o vereador entra na Câmara Municipal. E sente-se o rei do povo.

Depois de uma monótona sessão vespertina, onde se ouvem loas às cerejeiras em flor, atende-se pedidos diversos, discursa-se para um plenário deserto, o vereador sai da Câmara Municipal. E sente-se um rei sem coroa.

Os trinta, cinquenta, cem mil votos recebidos se esfumam diante da realidade. As aparências, às vezes, se transformam na única e melancólica satisfação do vereador calouro, aquele que sonhava e imaginava, como seus eleitores, um mandato bem diferente. E há quem viva de aparências, por enganosas que seja. Instalações suntuosas, fincadas

sobre um viaduto que domina todo o vale do Anhangabaú — eis o vereador sentindo-se dono e senhor da cidade. Tribuna elevada, erguendo-se soberana sobre o plenário repleto de colegas e simples cidadãos — eis o vereador empolgando-se num discurso que, pensa, há de abalar os alicerces. Além disso há o salário mensal de 14 mil cruzeiros e sedutoras mordomias, a saber: carro à disposição com chofer, sala exclusiva com carpete e ar refrigerado, telefones, secretárias e funcionários para servi-lo.

São meras aparências. A Câmara Municipal de São Paulo nada pode. Ou melhor, pode cumprir uma minúscula parcela das responsabilidades



devidas a qualquer legislativo que se preze. Culpa certamente não cabe aos vereadores, que pegaram o bonde andando e até fazem o que podem. Como Mário Américo, massagista de cinco Copas, que gasta mil cruzeiros por semana financiando sanduiches e outros modestos quitutes a eleitores que diariamente o procuram. Como José Bustamante, chefe da torcida brasileira nas Copas de México e Alemanha, que sempre inicia um discurso com um catatônico "vai falar a voz quente e sofrida da minha querida Penha de

França". Como Yukishigue Tamura, deputado federal por quase vinte anos — até ter cassado seu mandato — que derrama lágrimas sinceras quando fala sobre a necessidade de diálogo. Como...

Esperançoso, o vereador Flávio Bierrembach deixa o ceticismo de lado e, com a fé dos iluminados, sentença:

— Se eu não acreditasse em mudanças, não estaria aqui!

O microfone não foi feito para humilhar ninguém. Mas o que seria

do ridículo se não houvessem ingênuos e/ou vaidosos? É assim que a tribuna da Câmara, que se reúne em sessões ordinárias três vezes por semana, assiste a pronunciamentos nem sempre dignos de quem mereceu, um dia, a confiança do povo. No pequeno expediente, onde a palavra é livre e o tema absolutamente aleatório, o vereador pode investir contra ou a favor de qualquer coisa. Ele pode, por exemplo, exortar as autoridades a uma ampla campanha contra o vício do fumo. Pode, também, dizer das aflições dos

moradores da Vila Santa Terezinha, que não tem asfalto nas ruas nem água encanada nas casas. Ou pode, até, comentar as façanhas de Palhinha no último jogo do campeonato. Ao vereador, enfim, as batatas.

Eleito por votos qualificados, isto é, de cidadãos que aspiram a mudanças institucionais, o emedebista Flávio Bierrembach concorda em que a Câmara não tem poder algum. Seus vereadores, então, tentam se safar cumprindo tarefas não-ortodoxas, seguindo ele próprio explicando:

— Nas comunidades de baixo poder aquisitivo e de menores exigências intelectuais, o vereador é o despachante característico, que não faz outra coisa senão servir de veículo entre seu eleitorado e o poder público. A culpa disso cabe ao sistema vigente, que frustra e sabota a participação dos mais idealistas, dos mais preparados e representativos".

Talvez seja uma análise elitista, na medida em que — teoricamente — o eleitor da periferia não vota no vereador mais qualificado. O eleitor da periferia quer, no fundo, alguém que represente seus anseios e resolva seus problemas. Mário Américo, o ex-massagista, eleito por 53 mil pessoas, não sente a menor vergonha em confessar que:

— ... a discussão dos problemas da cidade fica por conta dos doutores. O atendimento da periferia, fica por conta dos menos preparados. Esse é meu esquema na Câmara".

Animado pela perspectiva de 1978, quando pretende se transferir via voto, para a Assembleia Legislativa, Américo faz uma política de clientela, recebendo cerca de vinte pessoas por dia, às quais atende com sorrisos e paciência, encaminhando soluções sempre que pode. E sua astúcia desce a detalhes mínimos, influenciando até na escolha da secretária. "É — diz ele — botei uma mulata aqui, para o pessoal não ir embora dizendo que fiquei metido a branco..." Fidelidade partidária? Mudanças institucionais? Constituinte? Nada disso parece preocupar o pragmático

EU, VEREADOR

Do jeito que vão as coisas, acabou-se o respeito pela opinião pública. Qualquer projeto do prefeito é tranquilamente aprovado, apesar do MDB ter maioria — fato que supõe, como acontece nas melhores democracias, necessidade de diálogo e de entendimento. Mas, quando os projetos do prefeito são votados, os chamados "vira-votos" do MDB saem de plenário e permitem, dessa forma, que a Arena sempre saia ganhando. Sem que haja a menor necessidade de dialogar...

tico Mário Américo, que jamais pretende se indispor com uma autoridade constituída, e que entrou no MDB por circunstâncias. Isto é, recebeu o convite primeiro, por intermédio do deputado Ruy Codo. Confessa: "Se a Arena tivesse me procurado primeiro..."

Não se trata, como parece, de uma questão apenas digestiva, até porque o vereador sabe onde pisa e como se coloca diante da chamada opinião pública. É o caso do jovem Celso Matsuda, da Arena, engenheiro formado e enfrentando seu segundo mandato, que não esconde um certo desconforto por pertencer ao partido do poder. Em entrevistas e mesmo em plenário, Matsuda já revelou sua vontade de trocar de sigla, inclusive porque aderiu à Arena por uma questão casuística — como se diz: recebeu o convite do ex-governador Laudo Natel. Ocorre que, nestes vários anos de atividade parlamentar, Matsuda viveu a expectativa de mudanças. E não esconde sua decepção: "Eu não acreditava que as coisas fossem endurecer cada vez mais".

Já culpavam o bipartidarismo pelos males da Câmara. Como colocar tantas espécies de gatos num mesmo saco, perguntam aqueles que atribuem, a Arena e MDB, o esvaziamento completo da função de vereador. Até certo ponto, o argumento procede. No MDB, bancada que tem maioria, perfilam-se Mário Américo — o ídolo da periferia, Flávio Bierrembach — um representante ideológico, Yukishigue Tamura — que encontra no misticismo todas as verdades da política, Da-



vid Roysen — que jamais escolheu entre o sim e o não, na liderança da bancada. Há quem culpe as lideranças despreparadas, na medida em que os grandes nomes populares ou populistas, não foram substituídos à altura. Até certo ponto, o argumento também procede. Mário Américo, o da periferia, não se acanha em enumerar as tarefas que cumpre, para arrancar da prefeitura, a pavimentação de uma rua, a construção de um muro para gente da Zona Nor-

te. Mas, quanto a Câmara recebe, para discutir, um projeto importante de iniciativa do prefeito, ele se retrai, dá o pinote — conforme afirma. E não quer nem discutir:

— Isso mesmo. Se o negócio está muito complicado, é porque tem atrapalhada. Então, voto contra... Heterogêneos em sua composição, os partidos jamais fecham questão, a não ser quando se trata de algo que exija intervenção de fontes mais altas — e aí, é outro departamento. Além disso,

morrem de ciúmes quando alguém aparece mais e melhor. Ninguém confessa essa fraqueza, claro, mas de aparecer, de estar em manchetes e ser falado — bem ou mal — depende o futuro de cada um dos 21 vereadores. Na sua singeleza, Mário Américo, que pouco aparece nos jornais, queixa-se de que "tem gente que tira minhas idéias". Seu oposto é Flávio Bierrembach, auto-denominado homem de prendas políticas, habitual presença no noticiário especializado:

— Minha preocupação é fazer com que todos os problemas de alcance nacional tenham a repercussão que precisam ter, na Câmara. Sei que é uma preocupação pessoal, pois sou um dos poucos que se preocupa com esse tipo de colocação.

Para o veterano Samir Achoa, também suplente do senador Orestes Quêrcia, o problema todo se resume na falta de autenticidade dos vereadores. "Deveriam ser homens de bom senso e políticos de clínica ge-

ral", essa, a receita de Achoa, uma receita que dá o que pensar, pois foi o mais votado do partido, nas últimas eleições.

"A Câmara é como um boi. Não sabe a força que tem". Na definição do folclórico José Storopoli, uma evidência de que seus integrantes não tem uma consciência clara daquilo que podem. A tal ponto que se dobram facilmente, diante de "migalhas que o poder executivo oferece", segundo afirma. Há quem diga, como Bierrembach, que o executivo até perdeu o respeito pelo legislativo, tal o baixo nível das negociações políticas. Recentemente, a bancada do MDB — que é maioria — decidiu rejeitar um projeto, arguindo que seria uma demonstração de sua força. Mas, por deliberação do líder David Roysen — reticente, cauteloso e indefinido — não se fechou questão, e a unanimidade da bancada foi para o brejo. Na hora da votação, três de seus componentes — Bustamante, Chagas Tosta e Mário Hato — saíram do plenário, permitindo a aprovação do projeto.

Há dias, um elemento do MDB discursou nostálgico, lembrando que o partido, na Câmara, era mais unido quando minoritário. Lembranças, meras lembranças. De qualquer forma, as divergências são também comuns na Arena, embora seu compromisso seja simples e objetivo: defender o prefeito, invariavelmente nomeado. Observações de Celso Matsuda:

— Essas diferenças são reflexo da não-homogeneidade dentro dos próprios partidos. Um líder, no período da pluripartidarismo, tinha de ser forte, pois repre-

Até 1965, 13 partidos e 45 vereadores compunham um plenário ativo e vibrante, que testemunhou debates históricos. É Samir Achoa, remanescente desses tempos, que rememora: "O vereador tinha convicção de sua importância. Sabia que sua posição pesava. Havia maratonas de discursos, um atrás do outro, quando se tratava de obstruir um projeto..."

sentava um pensamento comum, coisa que não ocorre na Arena de hoje. Até que ponto ele pode falar em nome da bancada, e não de uma cúpula? Ser líder, hoje, é um bom cargo, pois permite até a contratação de um amigo para assessor, entre outras vantagens".

Em matéria de lideranças, a Câmara sequer pode mostrar seriedade. Pois, quando se tenta conciliar interesses diversos e às vezes divergentes, o resultado está na direta medida da competência política do líder. E o primeiro líder desta bancada do MDB, Yukishigue Tamura, teve um triste fim: enquanto bradava aos céus — e aos jornalistas — pela união e concórdia entre seus pares, estes, a portas fechadas, deliberavam por sua deposição. Nada houve de mais grave, a não ser o fato de que Tamura, certamente, está revendo seus conceitos de concórdia. David Roysen, que o substituiu, passa todo o tempo preocupado em evitar a imprensa que, incômoda e instigante, insiste em querer saber suas posições, especialmente aquelas políticas. "Nossa bancada está infiltrada de compadrismo, sabujismo e engodos", denuncia Storópoli, que sonha em ver seu partido unido. Um colega tenta demovê-lo:

— Storópoli: você vai acabar louco. É impossível unir uma bancada que já surgiu desunida...

Chega a ser curioso. Sacudida e abalada, no

Flávio Bierrenbach

" O rigor inicial da Revolução pôs o medo dentro do peito do vereador, que deve cuidar de suas atitudes e posições, resguardar seu mandato. Então, ele não tem representatividade, e virou um despachante... "

Mário Américo

" A discussão dos problemas da cidade fica por conta dos doutores. O atendimento da periferia fica por conta dos menos preparados. Esse é o meu esquema na Câmara. Quando a coisa se complica, dou o pinote "

Celso Matsuda

" Sabe, eu não acreditava que as coisas fossem endurecer cada vez mais. No fundo, toda a classe política está passando por um trauma temporário. E o que se verifica é um profundo esvaziamento do legislativo. "

Samir Achoa

" Bons tempos, aqueles. O prefeito temia nossa força, se dobrava perante ela. Quando se discutia o Orçamento, então, havia grandes debates e grandes oradores, como Jânio Quadros, Franco Montoro... Mas isso já faz muito tempo... "

fundo de suas fraquezas, pelo escândalo do suborno dos empresários de ônibus, a Câmara parece ter acordado. E concluído que, apesar de tudo, talvez nem tudo esteja perdido. Assim, começam a surgir — de vereadores e de membros da assessoria — propostas de aproximação com o povo, propostas que sugerem o aprimoramen-

teo técnico dos vereadores, para que eles, de fato, cumpram seu papel de fiscais do prefeito. Que o vereador paulistano, hoje, não tem sequer conhecimento para discutir problemas e teses, áreas cada vez mais reservadas à afluente geração de tecnocratas. Flávio Bierrenbach coloca a questão:

— Hoje, o vereador não

é nem eminentemente político — como deveria ser todo parlamentar, nem é um especialista — coisa que seria inconveniente, pelo risco de esbarrar na tecnocracia. Na verdade, o vereador é produto de um sistema previamente constituído, que busca minimizar a participação política e favorecer os tecnocratas.

Antes de discutir se a Câmara pode — ou não — reviver velhos tempos e históricos legislaturas, é

preciso detectar as causas do seu esvaziamento. Claro está que o fenômeno não afetou exclusivamente aos vereadores, sendo reflexo de uma situação nacional. Dessa forma, as medidas e alte-

rações institucionais tiraram, dos vereadores, qualquer autoridade para o exercício de suas funções legislativas. Afinal, não pode legislar quem está proibido de apresentar projetos que impliquem gastos financeiros. Não pode legislar, também, quem está proibido de sequer apresentar emendas ao Orçamento municipal — quanto mais discutir seu teor. Amarrado, preso a uma verdadeira camisa de força, o vereador tenta fazer o que pode, dentro de suas possibilida-

des que não são muitas. Celso Matsuda diz:

— Toda a classe política está passando por um trauma temporário. Em consequência disso, o que se verifica é o fortalecimento do Executivo e um profundo esvaziamento do Judiciário e do Legislativo.

Na opinião de Flávio Bierrenbach, há um detalhe biológico que não pode ser desprezado: "O rigor inicial da Revolução botou o medo dentro do peito do vereador, que deve cuidar suas atitudes e posições, resguardar seu mandato". O corolário é óbvio,

— Sem ter representatividade popular ou ideológica, o vereador virou um despachante, um intermediário de processos cartoriais, isto é: aquele que se serve do poder público, em suas múltiplas instâncias, para resolver problemas específicos.

EU, VEREADOR

O REAJUSTE PERDIDO

O que se perdeu, perdido está. Assim se encerra, com lógica cristalina, o episódio da reposição da perda salarial de 1973, reivindicada por vários sindicatos, e negada pelo governo e Delegacia Regional do Trabalho. A rigor, ambas as partes defenderam, valores diferentes e incompatíveis. Quem pediu a reposição assim o fez porque imaginava ter direito à indenização; quem a negou, assim o fez porque o erro foi corrigido. Para se entender o impasse, é preciso ir ao fundo da questão.

Paulo Luís Miadaira

O problema não é novo. Afinal, já em 1973 o próprio Banco Central apontava o erro da Fundação Getúlio Vargas no cálculo dos índices inflacionários daquele ano. A revelação, porém, não teve maiores desdobramentos, provavelmente por falta de condições políticas que permitissem um livre debate.

De repente, a questão é retomada pelo Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo e Diadema, decidindo a recuperar o poder de compra de seus salários, afetados em 34,1% por aquele erro de cálculo. A reação oficial é conhecida. Alegando que nos anos seguintes a perda foi compensada e até superada pela concessão de aumentos sempre acima da taxa de inflação, o Ministro João Paulo dos Reis Velloso nega o mérito das reivindicações formuladas. Procura, inclusive, ressaltar o caráter inflacionário desse reajuste, e a sua contraindicação, pois os próprios trabalhadores seriam os mais prejudicados. A atitude, no entanto, não encerra a discussão. Pelo contrário, abre uma outra. E, diante desse quadro, é lícito perguntar: afinal, que senso de justiça orienta as decisões do governo nas questões trabalhistas?

Em abril, o Ministério do Planejamento divulgava o novo plano Procap — Programa de Apoio à Capitalização da Empresa Privada Nacional — no qual seriam investidos aproximadamente 5 bilhões de cruzeiros a fim de solucionar o problema do endividamento crescente das empresas nacionais. Fica

patente, portanto, a simpatia das entidades governamentais para com a classe empresarial.

Em contrapartida, a não concessão aos trabalhadores da justa reposição dos 34,1%, revela a face oculta da questão, que seria desvendada a partir da análise de outras distorções geradas pela própria conduta da política econômica adotada.

A preocupação maior é analisar a visão política-econômica que acompanha as diretrizes governamentais, isto é: como uma simples questão de reajuste salarial pode questionar a própria natureza da conjuntura econômica.

A concentração de renda, por exemplo, característica predominante em nossa economia, oferece um quadro de inexistência de distribuição equitativa dos "ganhos" econômicos. Essa distribuição vem provocando o empobrecimento de 90% da população, ao mesmo tempo em que favorece um abusivo enriquecimento de uma parcela de apenas 5%. Através desses dados, de modo geral, as disparidades salariais existentes no país.

Restam muito o que fazer, considerando que os diferenciais salariais são enormes, provavel-

mente os maiores do mundo", é a constatação do professor André Montoro Filho, da Faculdade de Economia da Universidade de São Paulo. Ele confessa, também, a sua simpatia "pelo reajuste trimestral, já que a correção deve ocorrer no momento em que a inflação exceda o limite previsto, provocando uma queda no poder aquisitivo dos indivíduos atingidos".

De qualquer forma, não se deve esquecer um dos pressupostos básicos em uma economia de mercado: o jogo de mercado é disputado entre as várias "entidades", a fim de se obter posições privilegiadas. Esse "privilegio" vem acompanhado pela necessidade de se abocanhar as partes mais generosas do chamado "bolo" econômico. Daí, ser indispensável a obtenção dessas posições representativas nas decisões político-econômicas do país.

E quais seriam as reais condições em que se encontram distribuídos esses privilégios? E de que modo os trabalhadores poderiam aumentar o poder de barganha?

Para a classe empresarial, possuir o "capital" em suas mãos é importante para mostrar a sua força, haja visto a necessidade e o empenho do governo em promover subsídios, créditos que venham facilitar a expansão desse capital concentrado. Sem dúvida alguma, é forte componente e aliado para a

manutenção e equilíbrio do poder.

Em contrapartida, a classe dos trabalhadores entra no jogo, possuindo a força de trabalho, que deve ser oferecida e disputada no mercado. Carente de uma posição privilegiada, dada a grande quantidade de mão-de-obra dispersa e mal remunerada, é inevitável que sofra uma depreciação e abusos em seus direitos trabalhistas.

A partir dessas condições, inerentes ao próprio sistema, o professor André Montoro considera de importância vital o "fortalecimento do sindicato, pois ele agiria como intermediário e tomaria para si o poder de barganha da classe dos trabalhadores, evitando as decisões unilaterais". Entretanto, seria necessário avaliar as reais possibilidades do sindicato dentro da própria conjuntura em que se encontra. Até que ponto ele seria capaz de defender a "classe" como entidade autônoma e representativa, sem ser levado pelas forças que atuam em sua volta? A realidade nos mostra que os próprios sindicatos, em várias ocasiões, tomaram posições ambíguas, a ponto de serem elogiados pelos próprios adversários. O próprio governo os analisa como entidades coerentes dentro do regime, não utópicos dentro de suas reivindicações.

O professor André Franco Montoro Filho, procura deixar claro a

não responsabilidade dos indicatos pelos impactos inflacionários de períodos anteriores. Além disso, a própria legislação os mantém atrelados e dependentes do Ministério do Trabalho. Isso vem provocar descontentamentos, na medida em que os objetivos e necessidades fundamentais da classe são escaмотeados através de simples benefícios de assistência social. A legislação, em si, não deixa de receber críticas dentro dos parâmetros que a nossa economia oferece, já que tem servido, principalmente após a sua reformulação, de ameaça ao trabalhador: as reclamações mais constantes são direcionadas aos depósitos compulsórios, principalmente o FGTS — Fundo de Garantia por Tempo de Serviço — que possibilita a instabilidade de emprego. É uma maneira de se efetuar uma maior rotatividade da mão de obra disponível, abundante no mercado, deixando claro os benefícios auferidos pelo empregador. "O FGTS é o AI-5 do trabalhador", foi o desabafo de um metalúrgico paulista, ao se declarar contrário à legislação vigente, pois possibilita, em maior intensidade, a exploração da mão-de-obra.

A melhor indicação, para solucionar esse conflito, usando as palavras do professor Montoro, seria o de "ouvir as várias camadas sociais, a fim de se obter uma espécie de consenso".

AS IDÉIAS

DE DOM HELDER

O arcebispo de Olinda e Recife, cidadão da Igreja e do mundo, indicação de Prêmio Nobel da Paz, fundador da CNBB, fala sobre coisas que o preocupam. E mostra, uma vez mais, que continua sendo um otimista em Deus...



Helder Pessoa Câmara, cearense, 68 anos, arcebispo de Olinda e Recife (PE) desde 1964.

Conhecido em todo o mundo por suas pregações em favor dos "pobres, enfermos e oprimidos", e acusado, por seus adversários, de "arcebispo vermelho". Ordenado em 1931 no

Seminário Arquidiocesano de Fortaleza. Mudou-se para o Rio de Janeiro, então Distrito Federal, em 1936, onde passou a atuar à frente de vários órgãos do Governo e da Igreja.

Tornou-se arcebispo em 1955. Pioneiro da criação da Conferência Nacional dos Bispos do

Brasil, da qual foi secretário desde a sua fundação, 1952, até 1964. Participou com destaque do Concílio Vaticano II e do IV Sínodo Mundial de Bispos.

ESTUDANTES

(que continuam a se manifestar)

Vejo a atual movimentação com alegria imensa. Infeliz do povo cuja juventude perde a chama. Ainda bem que nem o Decreto 477 conseguiu amedrontar os jovens estudantes do nosso país.

PERSPECTIVAS INSTITUCIONAIS

(que continuam nebulosas)

Quando se está fora do Rio e de São Paulo, se está longe da Corte. Para saber o que se passa — e prever o que possa acontecer — é preciso ler uns dois ou três jornais, e uma duas ou três revistas do sul. Ou escutar, em ondas curtas, a BBC de Londres. Daqui, a impressão é de que não vai ser fácil evitar a reconstitucionalização do país.

NOVOS PARTIDOS

(que os atuais continuam inviáveis)

Sonho com partidos criados pelo povo, e não pelo governo. Partidos que não sejam diferentes apenas em rótulos e em caciques que os manobram. Partidos que correspondam a programas que encarnem os grandes anseios de nossa gente, e tracem pistas de solução para os grandes problemas.

SUCESSÃO

(que continua fechada)

Meu candidato à presidência é qualquer um que não seja biónico, nome com que a vivacidade do nosso povo ferreteou candidatos não-eleitos por ele, povo, mas impostos pela força.

CONSTITUINTE

(que continua sendo uma alternativa)

Quando em um país, existe uma ordem constitucional que, a qualquer instante, pode ser pisada — e é pisada, na prática, várias vezes, então impõe-se uma Constituinte que nos livre da Constituição imposta. E elabore, portanto, uma Constituição que paire acima dos arbítrios de todos nós.

EIXO RECIFE-SÃO PAULO

(que foi proposto por ele mesmo)

As duas primeiras escolas de Direito, no Brasil, surgiram em Olinda e São Paulo. Nada mais natural do que ver idealistas de lá, e daqui, irmanados na luta pacífica pelo respeito efetivo aos direitos fundamentais do homem.

Escritas de próprio punho

NORDESTE

(que continua objeto maior de suas preocupações)

O nordeste está perigosamente marginalizado. E só se engana com as verbas que nos chegam (ao nordeste) quem desconhece as senhoras verbas aplicadas no sul.

PAPA PAULO VI

(que completa 80 anos)

Ele ficará entre os grandes Papas de todos os tempos. Basta lembrar Encíclicas como a "Populorum Progressio" e a "Octogésima adveniens". Basta ter presente que a ele coube proclamar todos os grandes documentos do Concílio Vaticano II e criar a Pontifícia Comissão Justiça e Paz.

PRÓXIMO PAPA

(que já se especula sobre sua sucessão)

O importante não é que o próximo Papa seja desta ou daquela parte do mundo, ou que se chame Pedro, Paulo ou Barnabé. O importante é que ele tenha condições de viver o que os últimos Papas certamente desejaram viver: ser Bispo de Roma e presidente do

Sínodo dos Bispos. Viver a Colegialidade Episcopal, e a co-responsabilidade do povo de Deus. Viver o primado em termos exclusivos de serviço e de amor. Transformar a Cúria Romana, efetivamente, a serviço de todo o povo de Deus.

RELAÇÕES IGREJA ESTADO

(que continuam)

Parece-me cada vez mais evidente que o compromisso, tanto da Igreja, como do próprio Estado, é com o povo. Se, de lado a lado, formos fiéis ao nosso compromisso, poderemos até nos encontrar no serviço ao povo.

DOM PEDRO CASALDÁLIGA

(que continua ameaçado de expulsão)

Ele realiza um autêntico trabalho de Igreja ser-

vadora e pobre, na linha perfeita do Evangelho e do Vaticano II.

CARDEAL MARCEL LÉFÈVRE

(que continua divergindo do Papa)

Ele é vítima do grupo que o manipula, não por motivos religiosos (que são apenas pretexto), mas para ver a Igreja fora da preocupação de ajudar a libertar o mundo das estruturas injustas que esmagam mais de dois terços da humanidade.

IGREJA LATINO-AMERICANA

(que continua múltipla e diversa)

Deus nos ajudará a nos dedicar, a qualquer preço, à libertação do nosso povo do pecado — e das consequências do pecado, do egoísmo — e das consequências do egoísmo.

LIBERTAÇÃO

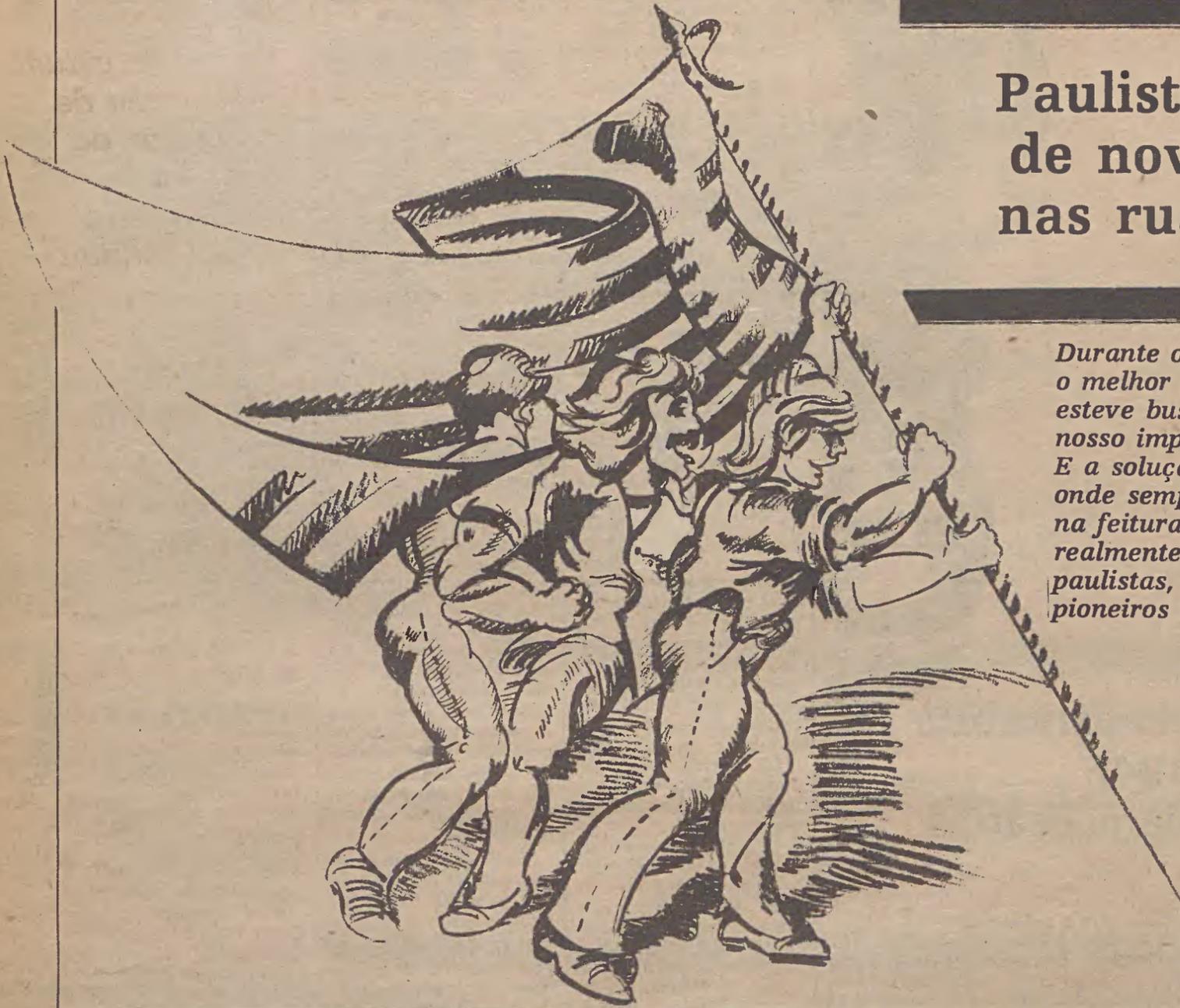
(que continua um conceito discutível)

A pressão moral libertadora, presente hoje no seio de todos os países, de todas as raças, de todas as religiões — essa pressão me parece criação autêntica do espírito de Deus que, em toda parte, está soprando que é hora de um mundo mais respirável, mais justo e mais humano. Depois, renascerá o egoísmo humano, surgirão novas engrenagens. Mas a última palavra não caberá ao egoísmo, à opressão, mas a Deus que é Amor.

Helder Câmara

CONSTITUINTE

Paulistas de novo nas ruas



Durante os últimos quatro anos, o melhor da imaginação criadora esteve buscando saídas para o nosso impasse institucional. E a solução, parece, estava onde sempre esteve, isto é, na feitura de uma Constituição realmente democrática. E são os paulistas, uma vez mais, pioneiros nessa batalha cívica.

De como os paulistas, em 32, defenderam a Constituição

“E livre a manifestação de pensamento, de convicção política ou filosófica, bem como a prestação de informação independentemente de censura, salvo quanto a diversões e espetáculos públicos, respondendo cada um, nos termos da lei, pelos abusos que cometer. É assegurado o direito de resposta. A publicação de livros, jornais e periódicos não depende de licença da autoridade.” (Do parágrafo 8, artigo 153, da Constituição de 1967, em vigor)

Quem não for como aquele personagem de Millor Fernandes que pensa que livre pensar é só pensar, pode respirar aliviado: a Constituição garante. Mas há um detalhe. O parágrafo continua: “Não serão, porém, toleradas a propaganda de guerra, de subversão da ordem ou de preconceitos de religião, de raça ou de classe, e as publicações e exteriorizações contrárias à moral e aos bons costumes”.

“Dar-se-á **habeas corpus** sempre que alguém sofrer ou se achar ameaçado de sofrer violência ou coação em sua liberdade de locomoção, por ilegalidade ou abuso de poder.” (Parágrafo 20 do artigo 153)

Quem não deve, não teme. Mas se vier a ser detido, a Constituição garante. Mas há um detalhe. O parágrafo continua: “Nas transgressões disciplinares não caberá **habeas corpus**”.

“Todos podem reunir-se sem armas, não intervindo a autoridade senão para manter a ordem. A lei poderá determinar os casos em que será necessária a comunicação prévia à autoridade, bem como a designação, por esta, do local da reunião.” (Parágrafo 27, artigo 153)

Este parágrafo não tem detalhes. O problema é que a autoridade sempre intervém em nome da ordem. Quem delimita o que seja ordem? Quem delimita o

que seja subversão da ordem? Quem sabe exatamente o limite de uma exteriorização contrária à moral e aos bons costumes? Quem sabe, com clareza, quando está transgredindo a disciplina?

Quem não deve, não teme. Logo, somos todos devedores. E acima de tudo, existe o Ato Institucional nº 5 para liquidar qualquer dúvida.

A Constituição em vigor tem o espírito da dualidade, conseguindo ser ao mesmo tempo liberal e autoritária. E porque essa Constituição não permite a volta à democracia, o MDB deliberou lutar pela convocação de uma Assembleia Nacional Constituinte. Mas, uma Constituinte resolveria o drama brasileiro?

Tito Costa, professor de Legislação Eleitoral, prefeito de São Bernardo do Campo e suplente de senador pelo MDB, acha que uma Assembleia Nacional Constituinte não precisaria de muita cria-

tividade para promulgar uma nova Constituição: bastaria aprimorar os vários artigos da atual, dotando de instrumentos específicos — particularmente nos capítulos referentes à garantia dos direitos individuais — que hoje não passam de letra morta. E, obviamente, extinguir o AI-5.

Constituinte não é novidade para os brasileiros, especialmente paulistas, e sempre foi reclamada para reorganizar o país em termos políticos, econômicos e sociais. Já nos meses que antecediam a revolução de 32, o povo paulista exigia nas ruas a institucionalização a curtíssimo prazo, com manifestações ruidosas e comícios em praça pública; uma Liga Pró-Constituinte organizava o movimento para que os princípios da revolução de 30 fossem re-colocados no caminho democrático.

Esgotados todos os esforços para uma conciliação, a 9 de julho ex-

Orestes Quércia
foi a primeira
voz a se
levantar no
Congresso, pedindo
a Constituinte.



De como a Constituinte de 1946 fez o país democrático

plode a insurreição, que duraria 3 meses. O primeiro manifesto revolucionário traz a assinatura do general Isidoro Dias Lopes e do coronel Euclides de Figueiredo, pai do atual chefe do SNL, general João Baptista Figueiredo:

"Neste momento, assumimos as supremas responsabilidades de comandar as forças revolucionárias empenhadas na luta pela imediata reconstitucionalização do país. Para que nos seja permitido desempenhar, com eficiência, a delicada missão de que nos investiram povo e governo paulistas, lançamos veemente apelo para que todos nos secundem na ação primordial de manter a mais perfeita ordem e disciplina em todo o Estado, abstendo-se e impedindo mesmo a prática de qualquer ato atentatório aos direitos dos cidadãos, seja qual for o credo político que professem. No decurso dos acontecimentos que se seguirão, não encontrará a população melhor maneira que colaborar para a grande causa que nos congrega, do que

dando, na delicada hora que o país atravessa, mais um exemplo de ordem, serenidade e disciplina, características fundamentais da nobre gente paulista."

O comandante da Força Pública de São Paulo, coronel Marcondes Salgado, por sua vez, lançava a seguinte proclamação:

"Paulistas! Na mais vibrante manifestação de civismo, na mais pujante prova de amor ao Brasil e a São Paulo, na mais heróica atitude de abnegação e renúncia, na madrugada de hoje, o Exército, a Força Pública e o povo de S. Paulo lançaram, aos quatro ventos da terra bandeirante, o grito de revolta pela pátria redimida.

Hoje em São Paulo, amparada pelas armas e pela vontade indomável da população paulista, a idéia reinvidicadora não poderá sofrer os vesgos imperativos de uma ditadura da anarquia e descredito para o Brasil.

A República que naufragava, está, nesta bendita hora, salva.

Paulista! Para diante! Continuai a cruzada

redentora!

O nosso sangue não valerá tanto como a glória de tombardar por São Paulo e pelo Brasil."

A revolta dos paulistas não foi em Vão. Em 1934, Vargas promulga uma constituição que, na prática, era herdeira da revolução de 30. Três anos depois, institui-se a "polaca" — baseada na constituição polonesa de pós-guerra. Era a carta magna da ditadura de Vargas.

Com a deposição de Getúlio em 1945, o país retoma seu caminho democrático. Em eleições livres e diretas, participam da Assembléia Nacional Constituinte desde democrata-cristãos até integralistas e liberais de todos os matizes.

Nas urnas, são eleitos 320 congressistas, entre senadores e deputados, tendo à frente o PSD (Partido Social-Democrático), com 173, seguido pela UND (União Democrática Nacional) com 85, depois o PTB (Partido Trabalhista Brasileiro), o PSP (Partido Social-Progressista), PDC (Partido Democrata-Cristão), PR

(Partido Republicano) e PL (Partido Libertador).

No novo Parlamento, o projeto constitucional é preparado em dois meses por uma comissão integrada por membros de todos os partidos, seguindo-se a apresentação de 4.092 emendas. Três meses depois (18 de setembro de 1946), a Assembléia Nacional Constituinte promulgava a nova Carga Magna brasileira, que iria vigorar até 1967.

A exemplo do movimento de 32, foi novamente de São Paulo que partiu a primeira voz a reclamar a convocação de uma Assembléia Nacional Constituinte capaz de conduzir o Brasil à normalidade democrática.

Em abril do ano passado, da tribuna do Congresso e em meio a uma tumultuada sessão, o senador Orestes Quércia propunha que o Congresso Nacional a ser eleito em 1978, tivesse plenos poderes — dados pelo povo em eleições livres e diretas — para elaborar e promulgar uma nova Constituição. A partir daí, a idéia foi se avolumando, ganhando adeptos em todas as camadas sociais, até se tornar a bandeira política do MDB e reivindicação de operários, intelectuais e parcela considerável do empresariado.

Orestes Quércia entende que o chamamento do povo brasileiro à ação, para resolver seu próprio destino como titular absoluto e incontestável do Poder Constituinte, é a única saída para o impasse institucional do País. E para isso, como primeiro passo, a Constituinte excluiria do cenário jurídico nacional as leis de exceção, entre as quais o AI-5 e o decreto-lei 477:

— Acho que uma Constituinte não pode conviver com o AI-5 e proponho então que no mesmo dia da instalação da Assembléia Nacional Constituinte, ele deixe de vigorar. Mas isso, dotando o Estado de instrumentos de autodefesa contra os extremismos, a corrupção e a desordem.

Na formulação de uma nova Constituinte, o senador considera que os dois únicos partidos hoje existentes, não devem ser extintos, e que novos e mais partidos participem na elaboração de uma nova Constituição onde as mais diversas correntes de pensamento, quer da direita, quer de esquerda, possam ter representatividade:

— Só condeno — afirma

Quércia — os que falam em transformar o atual Congresso em Constituinte, o que seria repisar o que ocorreu em 67, quando o Congresso votou uma Constituição de cuja elaboração não participou. Somente uma eleição própria, especificamente convocada, poderia delegar poderes legítimos aos legisladores que iriam discutir, aprovar e promulgar uma nova Constituição. Tudo porque, conforme disse o senador Marcos Freire em aparte ao meu primeiro discurso pré-Constituinte, uma Constituinte só é válida sem peias, sem tutelas, sem AI-5: "Um Congresso mutilado na sua representação um Congresso que viu vários de seus componentes caírem por atos de força, um Congresso como esse não teria legitimidade para reconstitucionalizar o país em bases democráticas".

Além dos problemas políticos fundamentais dos dias de hoje — continua Quércia — uma Assembléia Constituinte poderia analisar outros assuntos paralelos e básicos do mundo moderno e da vida nacional, como a política tributária, os conceitos de propriedade, a poluição, os esforços de ordenação urbana, entre tantos outros problemas.

Quando indagado sobre a viabilidade de sua proposta, o senador declara

— Muitos poderão julgar, de boa ou má fé, que nossa proposta é lírica, de absoluta impossibilidade prática. Se eles, os que julgam assim, tiverem razão, será porque a democracia que nós pretendemos para o Brasil é uma idéia lírica, de absoluta impossibilidade prática.

O apaixonado debate público que a tese da Constituinte tem provocado, fez surgir vozes bastante autorizadas sobre a questão. Um exemplo é Paulo Duarte, revolucionário em 24, 30 e 32, exilado político na época do Estado Novo e agora relator e signatário da "Carta aos Brasileiros", escritor e jornalista. Para ele, o movimento pró-Constituinte de hoje é uma repetição da experiência que o país atravessou em 1932:

— Nossa luta em 32 foi para recolocar 1930 dentro dos seus princípios iniciais de democracia. A bandeira da constituinte foi levantada mais por um problema tático, já que nós queríamos era exta-

mente o fim do regime autoritário da época. Hoje, a luta pró-Constituinte é também uma tática, igual a de 32, para que o país volte a normalidade e sejam respeitados os direitos humanos e a livre manifestação de pensamento

Para Paulo Duarte, a Constituinte deveria ser convocada com a criação de novos partidos, para que o País deixe de girar em torno de dois partidos: um dos perseguidos e outro dos perseguidores, pois a lei aqui existe para perseguições e não para a administração".

Explicando sua participação como conspirador na revolução de 64, Paulo Duarte deixa seu testemunho de porque voltou atrás e hoje é um dos seus críticos mais ativos:

— Até junho de 63, participei como representante dos paulistas na conspiração que estava então sendo preparada. Frequentemente eu ia a algumas reuniões no Rio de Janeiro. Até que um dia cheguei para o Julho Mesquita e disse: "Não volto mais, isso aí está caminhando para o fascismo. Basta dizer que participam da conspiração o almirante Penabot, da Cruzada Antio-Comunista, e o deputado integralista Raimundo Padilha". Este, por sua vez, introduziu nas reuniões o Chateaubriand, chefe de imprensa venal do país. Naquela ocasião cheguei a apresentar um programa de governo socialista. Rompi com eles, que continuaram conspirando. E a primeira de abril eles venceram, na companhia de uma mulher chamada Conceição da Costa Neves — a corrupção de saias, e de Ademar de Barros — a corrupção de calças.

De como o senador Quércia levantou a questão e lidera a luta



Em 1946, os deputados constituintes aplaudem a Carga Magna que iria vigorar até 1967.

De como o professor Paulo Duarte analisa sua participação



Em 1964, o povo diante do Palácio Tiradentes, esperando a notícia da promulgação da nova Constituição.

Quem tem medo da Constituinte ?

As propostas de Constituinte encerram problemas muito mais amplos e profundos do que em geral se acredita.

"Atentando às legítimas aspirações do povo brasileiro, à paz política e social, profundamente perturbada por conhecidos fatores de desordem, que uma notória propaganda demagógica procura desnaturar em lutas de classes e (resultante) da extremação dos conflitos ideológicos... Atendendo ao estado de apreensão criado no país pela infiltração comunista, que se torna dia a dia mais extensa e mais profunda, exigindo remédios de caráter radical e permanente. Atendendo... etc, etc."

Não, aos mais apressadinhos, não se trata do último discurso do Zéinho Bonifácio, nem de novas acusações de Sinval ou de Arbage. Trata-se, isto sim, do preâmbulo da Constituição Outorgada de novembro de 1937, que marcou o início do Estado Novo. Constituição sem Constituintes, retirada com incrível presteza do bolso do colete do Dr. Francisco Campos, com claros postulados, cuja fonte inspiradora se achava no fascismo peninsular e que regeria os destinos do Brasil por nove longos anos.

Constituição aos "pacotes" dá nisso. Daí a posição do MDB — diga-se de passagem a única justa e compatível com o caráter oposicionista — de iniciar uma campanha de âmbito nacional pela convocação de uma Assembléia Constituinte.

Mas começam a surgir os senões a Constituinte em si mesma não representa uma fórmula mágica que traria ao País, mais que a "normalidade democrática", a democracia plena e verdadeira. "Hay Constituintes y Hay Constituintes", como já deve ter dito alguém em tempos mais remotos.

A transformação do atual Congresso Nacional em Assembléia Constituinte, como chegaram a propor alguns dos líderes emedebistas, em nada contribuiria para o restabelecimento da plenitude democrática. Ao contrário, consagraria como reformuladores

do sistema político, os membros de um Congresso mutilado pelas cassações de mandatos, amedrontado pelo AI-5 e sem condições de exercer esse papel. A Constituinte, para ter a necessária solidez, precisa ser composta de elementos eleitos para este fim específico, e nenhum outro.

Mas — e aí outro senão — as eleições para uma Assembléia desse tipo não podem ser feitas dentro do regime de exceção caracterizado pelo AI-5, pelo DL-477, pela Lei Falcão. Para representar verdadeiramente as várias correntes de opinião e os vários setores da Sociedade Civil, a campanha eleitoral teria de ser feita dentro da mais ampla liberdade. Mais ainda, teria de ser procedida de uma anistia completa para os crimes de natureza política, para todos os atingidos pelos Atos Institucionais, sob pena de se marginalizar milhares de pessoas do processo político, algumas delas representativas de poderáveis setores sociais.

A oposição deve, hoje, conscientizar-se desse fato: fazer campanha por uma Constituinte, significa uma luta prévia pela abolição dos Atos, Decretos e Leis de exceção, e não o inverso: esperar que a Constituinte venha a solucionar o "dilema democrático". Indo mais longe, diríamos que a luta pela Constituinte confunde-se necessariamente com a luta pelas liberdades democráticas para todas as camadas sociais, a começar pelos trabalhadores, para quem o regime nitidamente corporativo da organização sindical é ainda o guante de ferro que lhes impede a livre expressão e organização.

Só assim, como diria o velho mestre Goffredo da Silva Teles, teremos uma Constituinte legal e legítima, que possa representar, sem subterfúgios, as aspirações da grande maioria do povo brasileiro.

Antonio Mendes Junior

É HORA DE
VER,
JULGAR
E AGIR.
É HORA DE

PARTICIPAÇÃO

Quando um muro separa, uma ponte une: é assim que, apesar dos pesares, as pessoas voltam a participar, voltam a se congregarem nos sindicatos, nas torcidas, nas igrejas e nas associações de bairro. Mostrando, que estão, mais do que nunca, preparadas para decidir seus problemas e escolher seus objetivos. Nesta reportagem de Valdeci Verdelho e Paulo Markun, um amplo painel sobre um povo que participa. E se abre para o mundo

Fazer política não é entrar na Arena, apanhar a carteirinha de sócio e fazer aquilo que seu Lembro mandar. Também não é empunhar as teses do MDB apenas porque o negócio agora é ser do contra.

Política é outra coisa. Que, entre a política dos partidos e a política de participação, há uma distância que o tempo e as (atuais) instituições só fazem aumentar. Porque as pessoas, em verdade, não se comovem com os chamamentos burocráticos da Arena e MDB, entidades quase abstratas que pairam muito acima do povo. Política se faz é no meio da torcida, dentro dos sindicatos e sociedades de bairro, nas igrejas e centros acadêmicos, nos mutirões de fim-de-semana e nos saraus lítero-musicais. É nessa hora que o cidadão comum realiza seu desejo, aliás próprio da espécie humana, de estar entre seus iguais, fazendo, construindo, brigando por uma causa comum e

bem dividida. Sem que precise receber outra recompensa que não seja aquela íntima satisfação de estar justificando seu papel de cidadão.

É isso, em poucas palavras, que explica o súbito crescimento das associações de bairro. Das torcidas organizadas. Das assembleias sindicais. Das reuniões estudantis. Dos grupos de interesse. Todo mundo, de um instante para o outro, começou a se mexer. Porque, no fundo, o que vale é ter um escudo no peito: é o que transforma o anônimo transeunte em membro definido de uma confraria. O desejo de participar está nas pessoas, de forma incontornável ou latente. Por isso, quando o sindicato é vigiado, quando o movimento estudantil é reprimido, quando a sociedade de bairro é manipulada, até o futebol serve como pretexto.

Este é o caso do corintiano Plínio José Berti Freitas, alto gerente de uma importante indústria, sócio mais novo da torcida organizada "Gaviões da Fiel".

Por que um homem bem sucedido, de status e de elite, alegrou-se tan-

to em ingressar nos Gaviões? "Por causa do Corinthians — responde ele, sem hesitar. O Corinthians é sagrado. Faz parte de mim, da minha família". Fanatismo à parte, Plínio admite que, dentro dessa torcida, encontrou uma saída para participar de alguma coisa. Tanto que, entre cerca de trinta diferentes torcidas organizadas, ele optou conscientemente por uma:

— Os Gaviões são uma força independente. Não tem vínculos. É muito democrática, cujo objetivo é aglutinar forças para reivindicar em favor do time. O nosso objetivo é dirigir o clube. Influir nas contratações de jogadores, na administração, nas decisões, enfim. Foi por isso que escolhi os Gaviões.

Através das torcidas organizadas, Plínio acha que virá o dia em que as massas terão força para exigir eleições diretas no clube. E não se trata de fantasia, até porque os Gaviões reúnem 5 mil sócios, tem sede própria e uma administração ativa.

Enquanto isso, Cláudio Lembo, presidente da

Arena paulista é monócórdio na sua análise: "Participação? Ela deve ser feita através dos partidos políticos. Todo cidadão deve se inscrever nos partidos, na Arena ou no MDB". Estes apelos, claro, vem sendo infrutíferos, apesar dos 38 mil cruzeiros que seu partido gastou para instalar 250 painéis de rua (outdoors) contendo a mensagem. Na verdade, os partidos oferecem muito pouco, em troca de um comprometimento mais sério do que podem imaginar aqueles que vivem em cima do muro. Na Arena, os filiados escolhem seus delegados para diretórios a cada dois anos. E não são chamados para mais nada. O diretório pode, até, reunir-se periodicamente, mas apenas quando seus integrantes combinarem um programa setorial e vinculada, obviamente, às regras do jogo.

Natal Gale, presidente do MDB paulista e da Assembleia Legislativa, garante que "nossas decisões são adotadas após pronunciamento das bases às quais se assegurar liberdade de manifestação". Nos dois partidos, o estímulo é dado pela existência de uma doutrina ideológica, ainda que amarrada aos vícios institucionais do atual regime. Lembo acrescenta: "Política é muito mais dádiva que recebimento".

Definindo-se com o neoliberal, ele se revela contrário à participação em determinados momentos históricos:

— Nós, brasileiros, temos uma tendência ciclotímica. Temos momentos de grande euforia — como aconteceu nos anos de sucesso econômico, e instantes de grande apatia. Ora, se queremos um sistema político estável, devemos compreender que política se realiza continuamente, e não apenas quando existem desafios imediatos. Não se deve clamar por participação apenas quando as coisas vão mal, e esquecê-la quando tudo vai bem...'

O temor de Lembo é que uma participação fora dos canais apropriados venha a romper uma possível normalidade. "E isso — adverte — apresenta riscos sérios".



PARTICIPAÇÃO

Eles querem o direito de transformar a realidade

Por outro lado, Natal Gale, do MDB, acha que participar só ameaça "a segurança de regimes não-democráticos, que marginalizam a maior parte da nação."

Por mais opressor que seja uma regime, sempre floresce no coração do Povo oprimido um sem-número de gestos de solidariedade e explode também nestes corações um anseio incontido de liberdade. (dom Angélico Sândalo Bernardino, bispo na Zona Leste de São Paulo).

Mais do que uma filosofia de atuação, esta frase é praticamente uma conclusão para o pastor que, há dois anos, dirige um rebanho de um milhão e meio de pessoas na área mais pobre, mais sofrida da cidade. E esta conclusão, garante dom Angélico Bernardino, não é um falso otimismo, mas uma constatação realista do processo de participação sustentado por uma população antes tão marginalizada.

Atrás das lentes grossas, os olhos claros de dom Angélico se enchem de alegria quando ele fala do que considera as duas vitórias retumbantes do povo: a assembléia da água em AE Carvalho, e a assembléia das porteiros em Arthur Alvim. Ambas, com milhares de pessoas, atingiram os objetivos visados.

No primeiro caso, a Sabesp se comprometeu a suprir o bairro, onde uma longa estiagem sequeu os poços, deixando a população sem água. No segundo, a Rede Ferroviária Federal prometeu colocar porteira e guardas nas passagens de nível de Vila Ré, Arthur Alvim, XV de Novembro e Guaianazes.

Também, não fosse assim, as missas da zona Leste seriam suspensas num domingo de manhã e, os fiéis fariam uma manifestação de protesto bem original: iriam se sentar nos trilhos na passagem de nível de Arthur Alvim, onde, recentemente, a falta de porteira provocou um acidente que deixou 22 mortos e dezenas de feridos.

Estas foram apenas as mais importantes mas não as únicas demonstrações de participação maciça das 34 paróquias e 20 comunidades existentes na Região Episcopal Leste-2, que se estende do bairro da Penha até a divisa de São Paulo com Itaquaquecetuba, em Itaim Paulista. Dentro destas comunidades, há uma verdadeira explosão de grupos, com as mais variadas denominações e funções, que realizam encontros, "nas ruas, nos becos e nos quintais, sempre com o objetivo de ver, julgar e agir".

É nestes três verbos, ver, julgar e agir, que está toda a metodologia do processo de participação do rebanho de dom Angélico. Para ele, "participação do povo é a possibilidade ampla a que o povo tem direito de ver a realidade e o que está atrás dela; é o julgamento desta realidade, segundo o evangelho; é a ação conjunta do povo

visando a transformação desta realidade".

O papel da Igreja, neste processo, é fazer o povo ver a realidade e transmitir o evangelho onde se inserem os ensinamentos de Cristo para o julgamento. Para os defensores de dom Léfebvre, a Igreja estaria entrando num campo que não é seu, mas a voz pausada e macia de dom Angélico explica que "nas novas formas de participação da Igreja, definidas pelo Concílio Vaticano II, tem-se a consciência nítida de que Igreja é a própria comunidade, não é apenas um local de culto".

O bispo vai mais além: "Para o cristão, não participar é o mesmo que abdicar de sua condição de cristão". Ele acredita que o cristão tem uma missão de fraternidade no mundo e fraternidade se constrói na participação. "Não pode haver participação autêntica que não contemple também os aspectos econômicos e sociais da vida. A gente não pode falar e pregar, se não atinge o homem e a mensagem de Jesus não deve atingir o homem num só nível, mas no seu global-acrescenta.

É por isso que nas modestas igrejas da zona leste, os fiéis encontram muito mais do que aliturgia tradicional. Ao lado do incrível milagre da Eucaristia, as pessoas deparam também com coisas mais simples, como explicações sobre os motivos que fazem o transporte ser tão precário ou os preços dos alimentos tão altos. Os sermões jamais deixam de ter sentido bíblico, mas sempre tocam a situação atual.

Fora das missas, a

igreja distribui livretos educativos que tratam de assuntos puramente religiosos ou do custo de vida. A estes impressos, com tiragem até 15 mil exemplares, dom Angélico chama "a universidade do povo", porque é onde o trabalhador e a dona de casa encontram informações a que antes nunca tiveram acesso.

A Igreja se limita a municiar a população de informações. O julgamento e a ação são competência exclusiva da comunidade porque, como afirma dom Angélico, "a transformação autêntica de um País não é feita por grupos nem por revoluções, mas pela participação do povo".

Esta participação, na zona leste, existe de várias formas. Desde a mobilização maciça para resolver problemas comuns, até mutirões para construir centros comunitários nos fundos da igreja, como ocorreu há dias em Guaianazes. Estes centros são bastante simples, geralmente um salão sem acabamento, mas têm uma função importante na periferia: suprem as necessidades básicas e lazer e, mais que isso, funcionam como verdadeiros centros de formação de mão de obra. Na igreja Santa Cruz, por exemplo, se preparam desde auxiliares de escritório até overloquistas.

As atividades nas comunidades são tão intensas que todas tiveram que recorrer a boletins periódicos para suas comunicações. Nestes boletins, fala-se indistintamente das atividades paroquiais e dos problemas de transporte, saneamento, saúde, educação, segurança, habitação e outros que transforma-

vam a zona leste na área mais depreciada da cidade.

Mas a participação da comunidade pode resolver estes problemas? Dom Angélico responde: "Teoricamente, acho que o povo vai percebendo que somente na união e na organização é que ele tem força. Quando as pessoas se dão a alguma ação conjunta e depois fazem uma revisão daquela ação, elas são marcadas por uma convicção profunda de que as conquistas que realmente contemplam o bem do povo somente virão através de um povo que se une, se organiza, que é, numa palavra, participante".

Não existe nenhuma facilidade para que haja essa participação. O que existe, segundo dom Angélico, é represália, medo, insegurança. Mesmo assim, ele vê uma florada de participação, "É a igreja que se renova, dá maiores e reais chances de participação. É o povo que, através de sua caminhada histórica, vai fazendo descobertas" — afirma cheio de fé, para concluir, incisivo: "Sempre que forças adversas tentam marginalizar o povo, há uma rica e criativa imaginação popular, de novas e até originais formas de participação. A piada, por exemplo, é uma delas".

Sindicato é certamente o setor menos gratificante para quem quer se integrar neste processo de participação popular. Primeiro, porque não permite novas conquistas trabalhistas; segundo, porque é o setor mais visado pelos órgãos de segurança.

O Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo,



PARTICIPAÇÃO

Custo de vida subiu, salário baixou: isso é fazer política?

por exemplo, entidade que congrega 300 mil trabalhadores, evita até a divulgação do seu trabalho para "não criar problemas", observa timidamente um diretor.

Não bastasse a rigorosa vigilância que sofrem as entidades trabalhistas, a própria estrutura atual do sindicalismo brasileiro não estimula a participação. Numa campanha pelo dissídio da categoria, por exemplo, tanto faz as assembleias terem dez mil ou cem trabalhadores: o resultado será o mesmo. Afinal, é o governo que decide os índices de reajustamento, independente da força dos trabalhadores. Mesmo assim ainda existe quem participe.

O pernambucano Ataíde Gomes da Silva deixa de fazer horas extras vitais para o seu ordenado e gasta mais de uma hora para ir da fábrica onde trabalha, na Lapa, até a sede do Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo, no centro da cidade, onde raramente perde uma assembleia ou reunião da classe.

A primeira coisa que o cauteloso Ataíde faz questão de esclarecer com seu sotaque carre-

gado, apensar de estar há 23 anos em São Paulo, é que no seu sindicato "não existe esse negócio de política, não". A observação é consequência das advertências do presidente Joaquim Andrade, que proíbe seus pares de diretoria de darem entrevistas, exatamente para evitar problemas de ordem política.

Apesar da rígida recomendação, um diretor rompe o silêncio e conta os motivos de tanta preocupação: "Toda semana tem polícia aqui vigiando a gente. O presidente sempre é chamado para prestar esclarecimentos em alguma delegacia, e nós estamos proibidos de nos envolvermos em política, não podemos nem apoiar oficialmente um candidato a cargo eletivo."

Associado do sindicato há 15 anos, o operário Ataíde Gomes é o que se pode chamar de verdadeiro líder sindical. Numa das fábricas em que trabalhou, sózinho, conseguiu aumentar de dois para noventa o número de sindicalizados. Hoje, depois de 29 anos em indústria metalúrgica, ele não se acomoda, como é tendência da maioria, e sempre arrasta muita gente para as assembleias. Diretor, ele nunca foi, porque não completou nem o curso primário e, por isso, não se considera preparado para ocupar um cargo de direção. Mesmo assim, nunca deixou de assumir um papel de liderança nas campanhas de mobilização de classe.

Recentemente, a empresa em que trabalha colocou-o numa "escolinha", onde foi dar aulas para trabalhadores que

antes não tinham nenhuma profissão e por isso, ao fim do curso, tiveram que se sujeitar aos salários aviltantes que a fábrica impôs. Mas esta não é a única forma de exploração que ele conhece. Outra muito comum, é a empresa deixar seus portões cheios de gente procurando emprego, para depois contratar exatamente os que estão em piores condições financeiras, sem jeito de recusar qualquer proposta. Nesta manobra a empresa não encontra nenhuma dificuldade, basta examinar todos os documentos dos candidatos.

Quando lembra destes problemas, o medo de Ataíde Gomes cede lugar para uma afirmação que ele considera corajosa: "se a gente fala que o custo de vida subiu e o salário baixou, ninguém pode dizer que a gente tá fazendo política, porque isso, até eu sei que é verdade. Mas se todo mundo participar das assembleias acho que ainda dá prá resolver o problema".

"No meu tempo de estudante..." Para muitos senhores hoje bem postos na vida, essa frase é o começo de uma longa digressão que inclui sua participação no centro acadêmico da faculdade, seu idealismo de juventude e a maneira como eles trocaram essas idéias por uma postura mais realista, poucos anos depois de ingressar na vida profissional. Mas o interesse dos jovens universitários de hoje, sua tentativa de participar da vida nacional, recoloca a pergunta: como pretendem enfrentar o desafio da participação, depois de formados?

Se a participação for coletiva todos trabalham muito menos

A resposta, certamente, não é unânime. E nem fácil de ser obtida. Porque nesses tempos pouco amistosos, não é simples encontrar um universitário que confesse sua participação e admita refletir sobre ela. Alguns dos primeiros entrevistados explicaram, simplesmente, que já haviam sido detidos e temiam uma represália por suas declarações. Outros, tinham amigos nessa situação e também se recusaram a falar. E não foi difícil nem mesmo encontrar alguns dos 37 universitários enquadrados na Lei de Segurança Nacional, que não precisaram de outro argumento para explicar a recusa.

Bruno Blecher, segundista de Direito na PUC, primeiro secretário do Centro Acadêmico 22 de Agosto, aceitou falar. Ele encara o comodismo e a falta de participação como algo normal:

"O pessoal acha melhor se acomodar e não fazer nada, por que, como todo mundo sabe, não há prêmios para a participação efetiva. Muito ao contrário. É mais fácil, é mais simples, desde que você esqueça sua consciência e o dever que todos nós temos de influir na vida de nossa comunidade."

Para Blecher, não é impossível continuar participando, fora da universidade:

"Eu pretendo não me acomodar, embora não possa falar com certeza. Na verdade, nem sei ao certo se me formarei em Direito, pois talvez passe para jornalismo. O impasse que sempre surge é que a gente tem de cuidar da vida pessoal, ga-

nhar dinheiro, organizar a família e a participação quase sempre prejudica a vida pessoal. Não se pode estudar direito, não se pode trabalhar direito. Isso não é na vida profissional, na escola também: o próprio centro acadêmico enfrenta dificuldades, a disponibilidade das pessoas é limitada. Mas isso não é um empecilho definitivo."

Bruno aponta, inclusive, uma fórmula - coletiva - de se facilitar a participação:

"Se todos participarem, o que deve ser feito resultará numa tarefa menor para cada um. De certo modo, é um círculo vicioso que pode e deve ser rompido."

Na universidade, esse círculo já não é tão vicioso. Pois o dirigente do 22 de Agosto identifica um aumento significativo da participação, nos últimos anos:

"De três anos para cá, mas principalmente em 1977, o estudante voltou a participar da vida acadêmica e da vida do país. Antes, era difícil falar nas classes até sobre um problema menor, de qualidade de ensino. Hoje, os alunos recebem bem inclusive, as discussões sobre a Constituinte. Quem leva esse tipo de debate não é mais taxado de comunista, de subversivo, pelos estudantes de um modo geral. E isso é ótimo."

Bruno começou a se interessar pela vida acadêmica um ano depois de ter entrado na faculdade. Antes, confessa, tinha curiosidade mas sempre procurou manter uma atitude de distanciamento, não se envolvendo em nada.

taram contra a atitude da polícia. O importante é que essa revolta não fique apenas no emocionalismo, mas gere uma conscientização. Que todos partam para a luta, conscientemente. Tinha gente nas classes que jamais quis se envolver com o movimento estudantil e terminou presa. Talvez esse pessoal, hoje revoltado, venha a participar."

"Resgatar o choro das sombras". O lema, recordam os idealizadores, surgiu sete dias depois da morte do compositor Armando Neves, em outubro de 1976. E em pouco tempo, espalhou-se pela cidade, em cartazes, shows, apresentações musicais e documentos de uma entidade recém-criada — a diretoria definitiva foi eleita no dia 15 de setembro — mas que conta já com 400 associados, dezenas de apresentações realizadas e muitos projetos: é o Clube do Choro.

E para os entusiastas do Clube, não há menor razão para se desvincular o surgimento da entidade de uma efervescência mais geral do que os especialistas chamam de sociedade civil.

"O Clube do Choro — explica o jornalista Sérgio Gomes, hoje diretor de publicações da entidade — tem um sentido associativo bem claro. Ele permite que os músicos, que andavam dispersos, se encontrem, enquanto categoria. E garante, que entre eles, possam circular partituras e maneiras de tocar, composições e idéias, contribuindo, dessa maneira, para o processo de renovação da própria atividade musical."

Mas a coisa não se esgota aí: "Realizando espetáculos, como os que foram apresentados no Instituto de Arquitetos e os que continuam a acontecer todas as segundas-feiras, no Café Paris, ele permite que pessoas que antes andavam sem alternativa, encontrem outras pessoas com um apetite cultural semelhante. E até mesmo essa função é muito importante."

Se os músicos e os cultores do choro ganharam um ponto de referência, a grande equipe que hoje trabalha em torno do Clube — mais de 30 pessoas de todas as idades e todas as profissões — começa a se entrosar, aprendendo também a fazer as coisas conjuntamente. E se os momentos de encontro dos músicos se multiplicam, agora que o choro conquista o espaço em rádios e emis-

soras de televisão, os projetos do Clube do Choro também vão aumentando.

Uma revista mensal com partituras, entrevistas e análises, vai ser lançada em breve. A gravadora Marcus Pereira vai gravar um disco com as composições de Armandinho Neves, o compositor que morreu no ano passado em meio ao silêncio de quase toda a imprensa. E a rádio Gazeta vai lançar um programa semanal, de uma hora de duração, inteiramente dedicado ao Clube do Choro. A sede do Clube, que provisoriamente funcionou no Sindicato

dos Jornalistas, será compartilhada com a do Clube dos Advogados: um casarão enorme, com espaço para uma escola de música, um privê dos associados, e muito mais.

A tarefa de resgatar o choro das sombras e criar o clube não tem sido das mais fáceis. Tanto assim que, entre o surgimento da idéia e os dias de hoje, já se passaram quatro anos. E bem verdade que o movimento pelo Clube do Choro — com o nome e tudo, oficializado — surgiu em junho de 1976, durante uma noite de chorinho, na casa de um co-

nhecido desenhista, o Laerte. Ali foi assinado, por 130 pessoas, o manifesto inicial. Depois disso, veio a morte de Armandinho, o primeiro espetáculo público, no Sindicato dos Jornalistas, com o violinista Geraldo Ribeiro apresentando músicas do compositor falecido alguns meses antes, e às segundas-feiras no Café Paris.

O Clube mesmo foi fundado no dia 27 de maio, com a presença de Paulinha da Viola, Tia Amélia Paulo Vanzolini. E o impulso que vem tomando nos últimos meses chegou a surpreender os mais pessimistas:

"Nunca imaginei que tivesse tanta gente disponível e interessada em participar de uma entidade assim, confessa um dos sócios que primeiro se inscreveram.

Hoje, o Clube tem uma diretoria, um departamento jurídico, a consultoria de Marcus Pereira, um nome conhecido por todos os que se interessam pela música popular brasileira. E até mesmo, os primeiros frutos, como as iniciativas de alguns grupos do Interior que pretendem levar a idéia para outras cidades.

PARTICIPAÇÃO

Hoje, acredita, participar da vida nacional é necessidade que não deve parar quando receber o diploma. E, para dar continuidade à sua participação, pretende se filiar a uma entidade de classe, continuar a trabalhar em algo semelhante ao que desenvolve o departamento jurídico do centro acadêmico — que assessora os moradores da periferia, procurando mostrar a eles quais os seus direitos legais e como fazê-los valer — Em termos gerais, ele considera qualquer instrumento válido para exercitar a participação. E só tem dúvidas quanto aos mais importantes — os partidos políticos:

"Depende do que você for fazer dentro dele. Porque os que existem

Eles não sabiam que havia tanta gente

hoje em dia são muito abertos a participação, nem muito autênticos."

Bruno, como todos os colegas de sua Universidade, acaba de enfrentar uma prova difícil: a invasão da PUC por forças policiais, que reprimiram uma manifestação de estudantes e detiveram mais de 700 pessoas. E ele acha que o efeito dessa atitude pode ser positivo:

"Há dois tipos de reação. Alguns colegas ficaram assustados realmente, mas muitos se revol-

Flávio Cavalcanti
Marcia de Windsor
Hebe Camargo
Elke Maravilha
Gilmarasanches,



JUNTOS NA MELHOR PROGRAMAÇÃO.



DOENÇA, DECADÊNCIA OU AMOR?

Homossexualismo

Mudou o mundo ou mudou o Natal? Até cinco anos atrás, o psiquiatra Flávio Gikovate cuidava de vários homossexuais que se encaravam como doentes, anormais. Hoje, Gikovate continua tendo alguns homossexuais

como clientes, mas nenhum deles nega ou renega sua condição. O que determinou essa mudança de atitude?

Por que a população homossexual está crescendo? Gikovate dá algumas respostas neste polêmico artigo.

Homossexualidade. Eis um assunto complexo, um tema controverso, cheio de hipóteses e onde quase nada se sabe. Sendo assim, me sinto também no direito de fazer algumas especulações, baseadas mais que tudo em minha experiência clínica.

Até cerca de cinco anos atrás, atendi vários homossexuais que buscavam "cura", ou seja, queriam um remédio para aquilo que sentiam como comportamento doente. Na verdade, muito poucos casos desse tipo tiveram sua meta atingida durante processos psicoterápicos de qualquer natureza, o que me faz supor, hoje, que os homossexuais nunca quiseram realmente "se curar", mesmo quando "entendiam" sua condição como doentia.

Nos últimos anos só tenho atendido homossexuais por razões outras. Ou seja, ninguém vai mais em busca da "cura" da homossexualidade, que, aliás, deixou de ser catalogada como doença nos EUA. Isso não ocorreu porque alguém chegou a conclusões científicas que expliquem a homossexualidade como fenômeno natural; apenas que o número de pessoas com

essa conduta sexual passou a ser extremamente grande (cerca de 10% da população geral) de modo que se tinha que dar uma "solução prática" para o problema: a mais simples, a que menos exige reflexão e autocritica, a "oficialização" da homossexualidade. Bastou isso acontecer para que ninguém mais buscasse auxílio psicoterápico para modificar sua conduta sexual. Porém, isso não é um dado definitivo porque as coisas são muito recentes. E a mim não surpreenderia em nada se, dentro de pouco tempo, começasse a reaparecer nos consultórios gente querendo deixar de ser homossexual.

A teoria psicanalítica aceita uma hipótese que facilita (e de certo modo simplifica) o entendimento do fenômeno: o ser humano nasce bissexual, quer dizer, com o instinto sexual não dirigido especialmente em uma dada direção, e a forma como o instinto sexual vai se manifestar na vida adulta depende de variáveis da vida infantil. Assim, dependendo da natureza dos traumas de infância, do tipo de identificação de um menino com seus pais, de qual dos adultos significativos é a figura mais autoritária, mais admirada, mais repressora etc., o impulso sexual se dirigiria de uma forma heterossexual ou homossexual. A partir dessa hipótese, seria mais provável que um menino se tornasse homossexual se tivesse, como pai, uma pessoa pouco expressiva e dócil e, como mãe, uma pessoa autoritária, mais forte e admirada. Então o garoto se identificaria fundamentalmente com ela e desenvolveria comportamentos femininos; ou então, uma figura feminina muito meiga e dócil e uma figura masculina muito autoritária e repressiva que desenvolvesse um sentimento de hostilidade do menino contra o pai, que poderia assumir um caráter sexual.

Na Grécia antiga — especialmente no século IV AC —, a homossexualidade, entre os homens, era muito comum, uma prática aceita como normal. Ela tinha relações claras com o tipo de ligação afetiva e intelectual que se estabeleciam entre mestres e discípulos, no período áureo do pensamento filosófico. E aí a homossexualidade estava fortemente relacionada com o amor, especialmente com o amor entre criaturas semelhantes. Na Roma antiga, parece ter havido um comportamento "copiado" dos gregos, sem nenhum sig-

nificativo comprometimento com o amor.

Durante longos períodos da história humana, a homossexualidade foi uma prática proibida e bastante pouco comum, embora seja difícil saber se era tão incomum quanto se pensa ou se os homossexuais se escondiam bem, por medo das represálias impostas pelo meio. Sua frequência, ao menos no ocidente, voltou a crescer a partir do fim do século passado, sendo hoje um evento absolutamente usual. A homossexualidade foi muito menos comum que a masculina, apesar de que não existe nenhuma razão biológica para tal, até pelo contrário.

É realmente muito difícil se entender esse amontoado de dados — e existem, é claro, muitos mais —, saber da influência cultural e ambiental sobre a homossexualidade e de seus componentes biológicos. Estes últimos muito mais difíceis de se entender, pois se trata de uma condição não reprodutora, de modo que os verdadeiros homossexuais — aqueles que têm essa conduta como exclusiva — não teriam descendência e a condição tenderia a se extinguir. Mas, exatamente por esses dados todos, sustento a hipótese de que não existe absolutamente uma causa só para a homossexualidade, uma única explicação válida para todos os casos e todas as épocas; a homossexualidade é uma síndrome, o resultado final comum oriundo de uma multiplicidade de condições.

Um dado importante que dispomos é que a homossexualidade pode assumir o caráter epidêmico em determinados períodos da história da humanidade — epidêmico usado outra vez sem conotação obrigatória de doença. Apareceu tanto em períodos de apogeu (Grécia) como em decadência (Roma), e não apenas em períodos de decadência, como se costuma falar. O fato da homossexualidade poder se transformar numa conduta muito comum em determinados momentos e quase desaparecer em outros, faz com que se pense em alguns fatores sociais como sendo muito importantes.

Em particular, a homossexualidade deve ser influenciada pelo modo como se dão as relações interpessoais em geral e especialmente o relacionamento homem-mulher. E é bem provável que em períodos especiais da história os re-

lacionamentos humanos sejam mais intensamente alterados. Minha idéia é de que o impulso sexual heterossexual essencialmente. Porém, sob a influência de algumas variáveis importantes pode assumir o caráter homossexual. E estas variáveis podem ser de dois tipos: aquelas que determinam um bloqueio no natural envolvimento homem-mulher (dificuldades especialmente aumentadas no relacionamento entre homens e mulheres) e aquelas que determinam uma facilitação muito especial do envolvimento homem-homem. Em outras palavras, o curso habitual da sexualidade humana (que é heterossexual) pode ser alterado por fatores que tornem es-

fatores que tornem especialmente favoráveis o entendimento homem-homem. Estou falando aqui da homossexualidade masculina, que me parece muito mais frequente e mesmo mais importante; na história da humanidade, só muito recentemente a da mulher passou a ter significado, e ainda assim de um modo muito especial, que voltarei a discutir.

A se levar em conta o Banquete, diálogo de amor de Platão, pode-se entender que eles distinguem duas formas de amor ("duas deusas do amor"): aquela que se estabelece de uma forma muito frouxa, banal, entre criaturas diferentes e com função reprodutora — é o amor que se estabelece entre um homem e uma mulher, criaturas essencialmente diferentes, com interesses e universos muito poucos comuns —, e aquela onde o pleno amor só pode ser entendido entre semelhantes, entre pessoas que buscam a plenitude do pensamento verdadeiro, uma união que tem em comum a filosofia, uma ligação não reprodutora, mais preocupada com o enriquecimento do espírito, sem contudo desprezar a beleza (outra das virtudes muito louvada). E é nesse clima que se estabelece a homossexualidade, onde os valores espirituais têm uma importância primordial, de tal forma que se chegou a confundir isso com a idéia de que esse tipo de

união amorosa seria absolutamente desprovido de interesse ou envolvimento sexual, o que não é verdade, a meu ver.

O que se costuma chamar amor platônico não corresponde ao que se passou nos templos de Platão, onde o pleno amor tinha um caráter muito claramente homossexual. A impressão que eu tenho é de que o elemento sexual é secundário ao envolvimento de tipo humano, no sentido mais amplo e mesmo superior. As virtudes de caráter, inteligência e genuíno desejo de saber eram o grande fator de aproximação dos homens entre si (claro que não todos!). Nasciam recíprocas admirações (aos mais velhos se admirava essencialmente o saber; aos mais novos, a beleza), de onde deriva

femininas pela emancipação e por seus direitos, tidos como igualitários, as coisas têm sido muito confusas e contraditórias. Criei uma certa atitude geral de hostilidade contra o homem, inimigo genérico, mal visto antes de ser conhecido (e é bom que se diga que a homossexualidade feminina assumiu proporções significativas pela primeira vez justamente neste período).

As mulheres recusam todas as desigualdades, mesmo algumas que derivam da biologia; é o que ocorre quando elas se consideram com igual direito à "paquera ativa", coisa que sempre foi função masculina, acompanhando todos os mamíferos, onde é sempre o macho que toma as iniciativas de abordagem. Muitas vezes tenho dito que os homens são

acomodando-se nesse tipo de procedimento. Se, ainda mais, encontrarem um bom ajustamento amoroso em alguma relação homossexual, está tudo resolvido.

O que tento dizer é que, nos tempos de hoje, a principal causa da homossexualidade masculina é uma fobia da heterossexualidade. Esta se deve a múltiplas causas: às pressões exageradas de uma cultura machista que define masculinidade como sinônimo de agressividade, a abusos momentâneos do movimento feminista igualitário, que não leva em conta as fraquezas e limitações dos homens (vistos, atualmente, como inimigos, os que causaram a escravidão milenar, e não como seres humanos frágeis), que aumentam as já grandes dificuldades masculinas de lidar com competência sexual, obrigando muitos a se afastar de encontros heterossexuais por medo de fracassarem.

Sintetizando, penso que o grande fator gerador de um novo pico de incidência da homossexualidade é um sério desentendimento entre homens e mulheres, uma piora temporária desta já confusa relação humana. Casualidade infeliz ou intencionalidade maldosa, o fato é que estamos vivendo estas dificuldades em grau maior — e incluo como sinal destas dificuldades o aumento brutal da incidência da homossexualidade — justamente quando, pela primeira vez, se pode imaginar como possível e real a plena expressão do amor entre um homem e uma mulher, entendidos como seres semelhantes. Postas as coisas dessa maneira, a homossexualidade atual faz parte dos ingredientes contrários ao amor e às relações interpessoais mais ricas (falando do fenômeno em geral e não nos casos especiais onde a homossexualidade por ter relações diretas com o amor, a exemplo da Grécia antiga).

Pelo jeito, nossa cultura está disposta a aceitar qualquer coisa, mesmo a homossexualidade que ela tanto abominava, como normal, desde que contribua para atraparilhar as coisas do amor. E — o que é bem possível — se as relações homossexuais passaram a ter um caráter mais amoroso do que promíscuo, é bem provável que a homossexualidade volte a ser considerada doença.

Homossexualismo

indiscutivelmente o sentimento de amor verdadeiro. E, deste, a tendência ao desvio do impulso sexual para o objeto do amor. Penso que o amor é um importante fator, muito mais influente e hierarquicamente superior ao sexo, de modo que o envolvimento amoroso é capaz de definir a conduta sexual. A homossexualidade na Grécia derivava de um encontro amoroso particularmente feliz, só possível entre homens. São de Platão as mais belas e únicas falas de amor pleno bem sucedido, de duração eterna, que conhecemos até hoje, que não sejam contos de fada. E tal fato não quer dizer em absoluto que o desenvolvimento atual da homossexualidade tenha alguma coisa a ver com o amor. Muito ao contrário. Entender deste modo significaria outra vez recair no erro mais comum do nosso tempo (como o era também na Grécia antiga), que é o de provar a igualdade de uma condição a partir de suas semelhanças. O resultado final (comportamento homossexual) é o mesmo, mas as condições são diferentes e as relações interpessoais envolvidas também.

Do que tenho podido observar, a homossexualidade dos tempos atuais está fundamentalmente relacionada com um aumento importante das dificuldades do relacionamento homem-mulher. Neste período — que espero estar chegando ao seu final — de lutas

muito inseguros sexualmente, isso em virtude de vivermos numa cultura muito exigente, especialmente por parte de homens mais sensíveis, e que são sempre os mais inseguros sexualmente. E isso provoca um retraimento, decorrente de uma sensação de pânico. Pode se compor com facilidade aquilo que se chama fobia sexual, especialmente relacionada com a atividade heterossexual. Insisto: os homens já são muito inseguros nesta área, são todos contaminados com um enorme medo de fracasso em suas funções de macho. De modo que se exigir ainda mais dele, que é o que está acontecendo hoje, pode levar um grande número de rapazes a uma situação de medo tal que o impulso heterossexual desapareça por completo.

Após um lapso de tempo, os elementos homossexuais acabam fatalmente aparecendo, pois a cultura machista diz que quem não tem competência heterossexual é, inevitavelmente, homossexual. E assim acaba acontecendo, pois o próprio rapaz vai duvidando cada vez mais de sua masculinidade, cada vez menos sente desejo ou interesse pelas meninas — pois o desejo está bloqueado por uma força hierarquicamente maior, que agora é o medo —, de modo que é obrigado a concluir que é homossexual. Acaba tendo experiências desse tipo e não vê necessidade de procurar mais nada,

ALDIR BLANC

LETRISTA PSIQUIATRA CRONISTA

Alguém disse que o grande mérito do cantor João Bosco não está em ser músico, mas sim porta-voz de Aldir Blanc. Que os rótulos fiquem para os críticos: poeta do cotidiano dos subúrbios, menestrel dos pingentes da sociedade, Aldir criou um estilo. Mais que isso: criou um novo segmento dentro da música popular brasileira. Ele mesmo define seu gênero: "Minha música é obcecada pelo ser humano".

Entrevista de Tânia Carvalho
Fotos de Vieira Queiroz



Antes de começar a entrevista, Aldir estava em pânico. Fumou alguns maços de cigarros, bebeu em três copos diferentes ao mesmo tempo e andou de um lado pro outro do seu pequeno apartamento na avenida Maracanã, Rio. Mas se ele não contasse isso, ninguém perceberia. Não é preciso nem fazer pergunta pra que ele comece a falar incessantemente ou "ansiosamente", como prefere definir. Interessante é que durante a entrevista ele não fuma nem bebe, embora o maço de cigarros e os copos fiquem por perto - "me protegendo", explica.

De saída ele fala do abandono da atividade de psiquiatra, o que resultou na entrada definitiva para a música e a crônica.

- Em determinado momento da minha vida eu briguei com a psiquiatria porque compreendi que ela era uma estrutura fortíssima de poder. Isso é facilmente constatável pela forma como ela é exercida nas repúblicas pretensamente socialistas, como a União Soviética, ou nas supostamente democráticas, como os Estados Unidos. É muito claro que o exercício da psiquiatria é uma forma de poder, de manipular e de calar. E isso eu não aceito.

E o trabalho com João Bosco?

- Nosso trabalho tem a obsessão pelo ser humano, no primeiro plano tem sempre um rosto.

Esses rostos, aliás têm sempre feições muito marcadas e pouca psicologia. Aldir explica:

- Quem parte imediatamente do tipo real para o

psicológico é porque não está compreendendo bem o momento e a existência daquele tipo real. Quem usa o psicologismo, de certa forma se protege como criador. Eu rejeito isso porque vivi experiências concretas nesse sentido e vi muito pouca coisa que tratasse da psicologia de personagens populares. O psicologismo é elitista. Eu prefiro outro caminho. Constatar a realidade dos meus personagens, que eles estão mal vestidos e pouco alimentados, e a partir dessa constatação construir, se tiver fôlego, a psicologia possível de cada um. Eu prefiro assim, com todas as falhas que possam estar implícitas nesse método. Não me interessa criar indivíduos ilhados que não trazem nenhuma espécie de denúncia social. No Brasil é preciso agir dessa maneira.

Uma conclusão:

- Eu dou mais valor a uma refeição do que a uma digressão a respeito de problemas existenciais.

No trabalho do autor

de "Incompatibilidade de Gênios", existe muito o que já se convencionou chamar de estética do terceiro mundo ou estética da fome. "Os títulos já estão todos prontos!", brinca, e explica o que isso significa para ele:

- Eu sou daqueles caras chatos que vão para o boteco na hora do almoço e vejo que tem uma porção de gente que pede uma batida de limão com um ovo cozido. É ali que eu aprendo.

A atenção do poeta é desviada para o operário que trabalha na construção do prédio em frente à sua janela.

- Acho admirável esse cara que fica na serra o dia inteiro. Esse cara é um verdadeiro herói. Apesar de não ser de graça, porque muita gente apanhou, sumiu ou morreu, acho que atualmente existe uma tendência muito forte em transformar imediatamente o artista num herói. Eu não sei quem é ou quem não é

herói no meio artístico, o que sei é que a quantidade de heróis anônimos é um massacre. Essas pessoas é que estão dando a dica. Não vejo razão pra esse pessimismo de dizer que o povo vai mal...

E completa, para que não surjam mal-entendidos:

- Economicamente ele não pode ir pior. Mas ao mesmo tempo ele está sabendo de tudo, seu nível crítico está aumentando, em cada esquina você escuta uma frase contundente. Nós, os intelectuais, é que perdemos a capacidade de ouvir porque entramos todos em crise existencial. Eles também entram, não é privilégio nosso, mas eu posso ficar deitado com enxaqueca; eles não, e por isso continuam a ser a força ativa, os resistentes de fato, que nunca perdem a capacidade de criticar. O problema é muito mais nosso do que deles. A gente precisa voltar a ouvir.

Aldir gosta de falar daquilo que conhece mais profundamente - "Esse é um conceito hemingwaiano, não é novo, mas acredito nele". Uma de suas músicas de maior sucesso, "Dois pra lá, dois pra cá", retrata uma situação vivenciada pela juventude da classe média da década de 50.

- Eu vivi muito aquilo, o smoking, a timidez de tirar uma moça pra dançar, o constrangimento de levar a moça pra mesa porque o salto do sapato quebrou. Se a fantasia, o sonho é inerente à profissão de um escritor, isso não significa que ele precisa mentir. Falar sobre o que se conhece não limita nada, não castra coisa nenhuma porque dentro disso você pode ter qualquer tipo de devaneio.

Aldir pouco ri. Recusa, porém, a se considerar sério.

- Nesse contexto atual onde a autoridade é séria, impoluta e sem vícios e tende a transformar o País inteiro numa coisa burocrática, sistematizada e triste, eu faço questão de não ser sério. Por pior que seja a cacetada, o riso não pode cair da cara. Contra a falta de humor deles tem que existir a nossa capacidade de ficar alegre. Se a Aldeia Global é séria, eu faço questão de ser o idiota da Aldeia e, se precisar, babo na gravata na esquina sem o menor conflito.

Ele exerce, basicamente, o humor em suas crônicas. Nelas, Aldir fala sobre Vila Isabel, bairro carioca onde ele passou a infância e para onde voltou, após o retorno ao Estácio, onde nasceu. Nessas crônicas, conta

a história da Vila que ele conheceu, da sinuca, do papo no boteco, das brigas e das garrafadas. Essa Vila não existe mais. A nostalgia é válida?

- Eu acredito muito na frase que abre o "Minha Vida", de Trotsky, onde ele diz que tem um momento que parece que a História parou e que a gente é obrigado a pensar e repensar sobre o passado porque essa é a única conduta possível. Tá certo, a Vila de que eu falo não existe mais, mas até que ponto não é preciso que ela seja criada de novo? Eu me pergunto muito isso. E ainda não tenho todas as respostas. E nem gostaria.

Em Vila Isabel, Aldir Blanc gosta de ser chamado de Mendes - "Meu terceiro nome que não é público".

- Eu gosto de conviver com as pessoas que, apesar de conhecerem as minhas músicas e as minhas crônicas, jogam bola e sinuca comigo. Isso me faz bem.

Mas nem sempre isso é possível. E Aldir conta com muita tristeza:

- Eu frequentava um bar há muito tempo, há seis anos que eu tomava chope na mesma mesa, tudo na santa paz de deus. De oito meses pra cá isso ficou impraticável. Eu não posso be-

"Eu não sei quem é ou quem não é herói no meio artístico."

"O que sei é que a quantidade de heróis anônimos é um massacre".

"A não aceitação da crítica, é a atitude que interessa ao Sistema".

ber lá sem ser conclamado a fazer um discurso. Eu não perdoo o fato de ter sido removido da mesa com a violência de uma escavadeira. Sem nenhuma demagogia, eu quero ser um mais no balcão a tomar um limão com um pedaço de queijo cheio de mosca.

Uma provocação: o sucesso te cansa?

— Eu não tenho malandragem suficiente pra ser artista, não subo num palco. Quem sabe daqui a algum tempo estarei rindo e dando autógrafos? Acho, porém, improvável, porque sou muito cético com relação a isso. Acho importante constatar que o sucesso nada mais é que uma forma de exercer poder e quando você combate o poder é preciso combatê-lo de todas as formas. Se, de repente, o vizinho começa se achar menos importante que você, é porque você já está exercendo poder de certa maneira, e isso não leva a lugar nenhum. É trágico, catastrófico.

Para essa situação, Aldir não poupa adjetivos bombásticos.

— Eu só acredito nos relacionamentos entre as pessoas quando as virtudes aparecem junto com os defeitos. Pode parecer uma coisa simplista mas não é. É preciso encontrar a fórmula do relacionamento em que as virtudes coexistam com as falhas e que sejam encaradas como perfeitamente normais. Isso traria consequências muito profundas, inclusive políticas. Bem, isso exige uma explicação.

— A relação estatal de poder se modificaria diante de uma população que não estivesse propensa a aceitar mistificações e que não se considerasse sistematicamente numa posição subalterna.

Posição política, poder, ovo cozido, bóia-fria, realidade social. Essas são palavras que Aldir usa constantemente. No papo, nas crônicas, nas músicas. Num momento em que se torpedeiam diversos artistas pela falta de política em seus trabalhos, onde você se coloca?

— O artista faz rigorosa-

mente o que quiser. Por outro lado, o crítico também tem o direito de dizer rigorosamente o que bem entender. O que não pode acontecer é que esses desentendimentos se transformem em bandeiras de pessoas que não tem nada a ver com a gente e que fazem um outro tipo de política. Ou a gente fala diretamente e corre uma série de riscos ou nem fala. A situação fala o que quer, na hora que bem entende e sai debaixo. Nós, artistas, temos que dialogar cada vez mais e nesse diálogo nos desentendemos milhares de vezes, mas não podemos nos comportar como provincianos, negando ao outro o direito de fazer o que quiser. Todas as vezes que a gente se comporta como província, um capitão-de-fragata, como o reitor da Universidade de Brasília, acha graça. E isso é trágico. Se o reitor ri com a discussão de dois compositores, não sobrou pra ninguém.

Mais uma vez, gol dos "homens".

E você aceitaria crítica ao seu trabalho de criação?

— Eu tenho que aceitar. É importante que eu me eduque, tenho que aceitar a crítica, a opinião do outro. Não aceitar é uma atitude que interessa ao Sistema. Aceitar, porém, não significa que eu não dê chutes na parede ou soque as portas e

me defenda, ou não, delas. O que eu não posso é aceitar uma situação acrítica. Isso não existe. A única via possível é a discussão. O resto é silêncio.

Uma dessas críticas mexeu com Aldir. E ele conta, rebatendo o autor das observações:

— Levei uma cacetada na seção de economia do jornal Movimento por causa da letra de "Rancho da Goiabada", onde eu descrevo a situação dos bóias-frias querendo comer. Então o Sérgio Buarque me contestou afirmando que eles querem é terra. Ele não entendeu nada. Ele pode trazer todos os seus diplomas de sociologia que eu continuarei achando que o bóia-fria quer é comer. Contra a minha possível falta de profundidade ao analisar um grupo sociológico específico, contraponho o idealismo do Sérgio que acha que o camponês pensa como ele. Não pensa.

Já que a polêmica foi instaurada, nada melhor que falar sobre direito autoral. E poucas pessoas entendem tão bem disso como Aldir, que milita na Sombrás e que durante mais de um ano esteve expulso de uma arrecadadora porque exigiu a apresentação de contas.

— Com a constituição do Conselho Nacional de Direito Autoral houve uma tendência a moralizar a política do direito autoral. Mas a guerra continua porque o Escritório Central de Arrecadação e Distribuição é constituído, por lei, por membros das antigas arrecadadoras. Os ratos muda-

ram de navio. Eles estavam num belo barco e a Sombrás torpedeou, viveram momentos de pânico mas se mudaram pra outro barco, possivelmente melhor ainda. Se a situação não se aclarar a Sombrás vai continuar com a sua política de devastação. Se sou pago por um critério de pontos, quero saber quanto vale um ponto. Quero ter acesso aos borderôs dos teatros onde é arrecadado dinheiro das minhas músicas.

Mas há sempre uma dose de otimismo acompanhando as soluções estrondosas.

— De maneira geral, a situação objetiva melhorou. As arrecadadoras estão botando suas sedes a leilão, provavelmente pra enrustir o dinheiro, antes que venha um processo, porque o CNDA apurou uma série de irregularidades que podem dar até cadeia. E numa hora dessas não tem que ter refresco: se algumas pessoas fizeram bonitas marchas carnavalescas na década de 30 pra cá e roubaram, é preciso que elas paguem por isso. Passar a velhice na cadeia, como argumento emocional, também me sensibiliza. Mas me sensibiliza muito mais a quantidade de túmulos pobres que vi nos cemitérios do Rio de Janeiro onde estão enterrados compositores que

mereciam um fim mais digno.

"Dilma de Olhos no Chão", "O Mistério de Juracy", são nomes de algumas crônicas de Aldir; "Jandira da Gandaia", "Violeta de Belfort Roxo", títulos de algumas de suas letras; Ana é sua mulher e Mariana, de dois anos, sua filha. Aldir fala de mulheres.

— Eu vivi numa casa cheia de mulheres, avó, mãe e tias. Os homens saíam muito cedo pra trabalhar e a casa ficava entregue às mulheres e às crianças. Fui um garoto que prestava muita atenção em tudo e desde então começou a me fascinar a posição da mulher. Foi nessa época que descobri que apesar do trabalho feminino ser aparentemente subalterno, era completamente indispensável. Sem elas a casa não funcionava. Por outro lado, apesar dos homens da minha família serem fortíssimos — meu avô era líder sindical, meu pai bom de papo e de sinuca e os meus tios os reis da anedota — as mulheres estavam sempre presentes, funcionando como eminências pardas. Então comecei a valorizá-las muito e ver que elas tinham formas muito específicas de se imporem. Elas eram falsamente submissas. Tinha aquela que era quieta e que exercia uma força muito particular sobre o marido; tinha a mais bagunceira que despertava ciúmes no marido e tinha também aquela sofrida, que apanhava, mas que também estabelecia um domínio porque participava da sequência óbvia que sem dominado o dominador não é nada. Pra mim, desde

essa época a imagem da mulher ficou ligada à força. Depois, essa força pintou de fato através da luta pelo que eu chamo de direitos humanos: possibilidade de exercer a profissão que quiser e salários decentes.

Pode-se dizer que Aldir Blanc é um feminista?

— Não confundo essas reivindicações com o feminismo. O feminismo no Brasil fala corretamente, em tese, sobre uma mulher que não existe na realidade. Endosso a crítica que é um movimento importado. Acho terrível que o princípio de uma discussão seja a importância da mulher. Pra mim ela é absoluta.

E arrematando:

— Outro dia eu estava escrevendo uma matéria sobre liberdade sexual e um amigo me gozou: "com filha mulher, é fogo!" Não, não, respondi, é por ela mesmo que estou escrevendo isso. Garanto que nunca vou dar aquela "com a minha filha, não". Estou tranquilo com relação a isso. É claro que vou me dar o direito de, em determinada situação política, existencial ou sexual, dizer: "vais quebrar a cara". Mas seguramente vou deixar que ela vá. Eu só posso ser uma pessoa consequente politicamente se conseguir estabelecer, pra mim, uma nova moral.

"Acho terrível que o princípio de uma discussão seja a importância da mulher."



"Nesse contexto, onde tentam transformar o País inteiro numa coisa burocrática, sistematizada e triste, faço questão de não ser sério"

"Só acredito no relacionamento entre as pessoas, quando virtudes aparecem junto com os defeitos. Não é fácil..."

PORTFOLIO

Ensaio, Crítica & Reportagem

O Brasil feito por nós

Goffredo Telles Neto

O que já se chamou povo — João, Waldir, José — e que hoje é chamado de Sugismundo, talvez amanhã não tenha mais que uma cifra para se identificar. Pelo menos é isso que pode sugerir a intenção do governo, externada pelo Ministro Armando Falcão de instituir o REGISTRO NACIONAL DE PESSOAS NATURAIS — RENAPE. O projeto é simples: cadastra-se cada cidadão brasileiro através de um único número, um código de computador que revelaria instantaneamente todas as informações sobre a pessoa física e jurídica portadora desse número, antecedentes criminais, curriculum escolar e profissional, estado civil, nível de renda, etc.

O que pode parecer um simples aperfeiçoamento no complicado sistema de documentação de brasileiros, adquire conotações bem mais inquietantes se analisado mais de perto. Isto porque, através do cruzamento e comparação de dados, informações estritamente pessoais sobre qualquer indivíduo assim cadastrado poderiam ser levantados seus hábitos, opiniões, preferências, amizades...

Embora o Governo ainda não tenha se dignado a informar a opinião pública sobre o que seria concretamente o RENAPE, podemos nos orientar pelos programas similares já propostos ou mesmo aplicados em outros lugares do mundo. Com efeito, a idéia não é nova. No Portugal Salazarista, o número único de identificação já havia sido posto em prática, pela polícia política. Com a queda da ditadura, o sistema foi revogado. Nos Estados Unidos, O FBI tentou algo semelhante, mas a Corte Suprema determinou que o projeto fosse suspenso. Constatou-se que a margem de erro na computação eletrônica era de 30%, pondo conseqüentemente em risco a integridade de 50 milhões de americanos, passíveis de serem incriminados por crimes que não cometeram.

Mas as desvantagens do número único de identificação não se limitam a problemas de ordem técnica, em princípio superáveis. São mais profundas as razões que determinaram a condenação da medida por parte da totalidade das nações desenvolvidas do Ocidente: o que se alegou é que o número único de identidade seria um primeiro passo para que fosse legalizada a espionagem em massa, transformando a Humanidade, com auxílio da tecnologia, na utopia totalitária imaginada por George Orwell.

É realmente interessante notar que no momento em que a Suprema Corte dos Estados Unidos resolve destruir milhões de fichas de computador elaboradas para a identificação dos cidadãos, o Sr. Armando Falcão, ministro de um país dependente de Know-How americano, declara que o RENAPE é meta prioritária do Governo. Numa certa medida isto é compreensível: a sofisticação do projeto deve ter excitado as imaginações dos tecnocratas, que parecem prescindir de nossos melhores cientistas (Que foram recentemente marginalizados na discussão do Acordo Nuclear Brasil-Alemanha) ao mesmo tempo que concebem a tecnologia como uma espécie de Maravilha Curativa, capaz de remediar todas as mazelas do sub-desenvolvimento.

As reações contra o projeto de instituição do Registro Nacional de Pessoas Naturais, já se fazem sentir. Personalidades como o Coronel José Maria Nogueira Ramos, além de políticos, inclusive da ARENA, condenaram a medida e a Ordem dos Advogados do Brasil já manifestou seu desejo de que se articule uma ampla campanha nacional de esclarecimento sobre a inconstitucionalidade do Número Único de Identificação.

O alarme se intensifica. Será ouvido? Não nos esqueçamos que na democracia relativa são sempre absolutos os desígnios do Governo.

São Paulo morre pelos pulmões

Maria da Graça Biatto

Instituído há dez anos, o prêmio Roche — Hospital Central da Aeronáutica do Rio de Janeiro, pela primeira vez foi concedido a um trabalho de medicina preventiva: "Estudo na Função Ventilatória em Escolares Vivendo em Áreas com Diferentes Níveis de Poluição de Ar", do médico baiano Herval Pina Ribeiro, 46 anos.

Formado pela Faculdade de Medicina da Universidade da Bahia, pediatra especializado em pneumologia, perito da Organização Mundial de Saúde em Poluição do Ar e pesquisador do Conselho Nacional de Pesquisas, dr. Herval começou a se interessar particularmente pelas doenças respiratórias por volta de 1966.

Trabalhando como pediatra na Fundação de Assistência à Infância de Santo André, notou que as ocorrências mórbidas motivadas por problemas ventilatórios revelavam-se cada vez mais frequentes e periódicas. Após 24 meses de análise do comportamento de crianças variando de 0 a 12 anos, concluiu que de 214.000 ocorrências, 114 mil eram de origem respiratória — asma brônquica, bronquite, iveras (infecções das vias aéreas superiores), tuberculose, cardiopatia, bronco-pneumonia, etc.

Com base em dados então disponíveis, fornecidos pela extinta Comissão Intermunicipal de Controle da Poluição das Águas e do AR (CICPAA) — que media os índices de sulfatação e poeiras sedimentares no ABCDM — o trabalho, publicado em 1969, sugeria a relação existente entre as doenças do aparelho respiratório e a poluição do ar.

A partir dessa primeira experiência, o interesse do médico baiano aumentou e, em 1973, quando ainda trabalhava na Santa Casa de Misericórdia de São Paulo, iniciou as pesquisas para um trabalho, desta vez com base em uma metodologia diferente, não mais com dados colhidos em arquivos. Os objetivos básicos dessa pesquisa eram estudar a função ventilatória de duas populações escolares vivendo na área metropolitana de São Paulo, mas residentes em cidades com diferentes níveis de poluição; estabelecer os padrões respiratórios desses dois grupos e obter uma série de subsídios sócio-econômicos e fisiopatológicos das crianças das regiões estudadas.

— As pesquisas brasileiras quanto aos efeitos da poluição do ar sobre a saúde são escassas e todas elas de caráter retrospectivo e descritivo — afirma o Dr. Herval Pina Pinheiro, esclarecendo que eles não possibilitam o controle de prováveis interferentes. Por outro lado, prossegue, inexistem padrões ventilatórios brasileiros, particularmente para as populações infantis.

Segundo o especialista, a população infantil é considerada ideal para pesquisas epidemiológicas sobre poluição do ar, em qualquer país do mundo, inclusive por recomendação da Organização Mundial de Saúde. Essa afirmativa decorre do fato de o aparelho respiratório infantil reagir muito mais aos estímulos externos. Qualquer agressão sofrida é imediatamente evidenciada pelas habituais respostas respiratórias, ou seja, espasmo dos brônquios, aumento de secreção nasal etc.

— As crianças até determinada idade não fumam, não trabalham e têm uma mobilidade bem menor que a do adulto, com seu universo geográfico bastante reduzido, limitando-se, geralmente, ao local onde residem. No mundo todo, tem-se estudado, intensivamente, a relação criança-poluição. Por exemplo: no Japão, em 1964, Sakabe concluiu que as crianças vivendo em áreas poluídas, no curso de um ano, sofreram maior número de doenças respiratórias e que os parâmetros ventilatórios não somente



eram mais reduzidos como variavam em função do nível de poluição. Na Tchecoslováquia, em 1964, Symon também observou efeitos no desenvolvimento, na maturação óssea e no teor de hemoglobina de crianças vivendo em situação semelhante.

— No incidente de Londres — continua o Dr. Herval — em 1952, a mortalidade infantil por doenças do aparelho respiratório aumentou no grupo de lactantes. Em 1966, Douglas e Waller, estudando 3131 crianças que tinham permanecido no mesmo endereço durante 11 anos, puderam comprovar aumento de frequência e de gravidade de infecções do trato respiratório, inferior no grupo residente em locais mais poluídos, sendo este aumento mais significativo nos estratos sócio-econômicos mais baixos. Diante dessas pesquisas, realizadas em países com condições econômicas e sociais superiores às nossas, onde se evidenciam alterações respiratórias, particularmente em crianças, nasceu a preocupação relacionada diretamente ao Brasil que, reconhecidamente, tem na subnutrição um dos principais fatores de morbidade e mortalidade. O presente estudo — conclui o Dr. Herval Pina Ribeiro — é o reflexo desta preocupação.

Para realizar estas pesquisas, foram selecionados estudantes de 7 a 12 anos de idade, residentes em São Caetano do Sul e Embu Guaçu, duas cidades pertencentes à Grande São Paulo. Embora as condições climáticas e meteorológicas fossem semelhantes, as condições urbanas e industriais eram bastante diversas, permitindo caracterizar São Caetano como área altamente poluída e Embu Guaçu com baixo nível de poluição.

A alimentação foi usada como indicador para triagem sócio-econômica, concluindo-se que há um evidente desnível entre as populações, evidenciado pela desigualdade de renda familiar, pelo número e distribuição dos produtores de renda nos diversos grupos de profissões e tipo de habitação. Esta desigualdade de renda não se deve às diferenças de origem dos pais, uma vez que, nos dois casos, estes eram originários do sudeste e nordeste, sendo pequena a participação de estrangeiros na ascendência imediata.

O desnível sócio-econômico parece ter por base a maior oferta de emprego em São Caetano. De fato, a média de indivíduos que trabalha nesta cidade é de 2,3 por família contra 1,3 em Embu Guaçu. Por outro lado, São Caetano apresenta a maior componente de pais com profissões privilegiadas, ou seja, 16% contra 3%. Ambas as populações estudadas têm um considerável contingente de famílias cuja renda é inferior às suas necessidades elementares — 89% em Embu Guaçu, contra 36% em São Caetano.

PORTFOLIO

Ensaio, Crítica & Reportagem

Um outro fator que se soma aos demais, aumentando as diferenças sócio-econômicas entre São Caetano e Embu Guaçu, segundo as pesquisas do Dr. Herval, é a estabilidade de residência da população de São Caetano, o que se traduz em diferenciações no desenvolvimento físico das crianças, sujeitando-as, ao mesmo tempo, por um período mais longo, aos crescentes níveis de poluição do ar. Estas hipóteses preliminares encontram confirmação em alguns dados antropométricos, ou seja, altura, envergadura e peso das crianças.

As condições de carência alimentar de quase a totalidade das crianças de Embu Guaçu talvez conduzam a um desenvolvimento desarmonico, com desproporção entre aquelas medidas antropométricas. Assim, a predominância da envergadura sobre a altura se deveria à subnutrição e à diferença entre elas refletiria o grau desta subnutrição. Os pesos das crianças de Embu Guaçu são consistentemente mais baixos que os de São Caetano.

Como as populações de ambas as cidades possuem mesma procedência, se existem características antropométricas diferentes entre elas, estas só podem ser atribuídas às condições sócio-econômicas distintas. As diferenças de peso, altura e envergadura, em favor de São Caetano, confirmam os desníveis sócio-econômico entre as populações.

Em São Caetano, foram realizados exames físicos, antropométricos e respiratórios em 1000 crianças (6,6% da população das escolas públicas do município), enquanto que em Embu Guaçu foram examinadas 877, correspondente a 76%. O comportamento com relação aos exames respiratórios foi diferente em ambos os casos. Em São Caetano foi evidente o alto número de crianças com sinais de comprometimento respiratório. Às vezes, no mesmo grupo escolar, a quase totalidade das crianças examinadas apresentavam esses sinais. Já em Embu Guaçu, os sinais mais comuns e am secreções nasais e hipocrômia das mucosas palpebrais, revelador de estado anêmico.

As pesquisas efetuadas ao longo de 10 anos pelo médico Herval Pina Ribeiro permitem-lhe afirmar que São Paulo é, sem dúvida, a capital brasileira das doenças respiratórias "também" por causa da poluição.

— Na verdade, explica o médico, a poluição não é a maior determinante dessas doenças em uma cidade onde grande parte da população vive em condições muito precárias. As medidas adotadas pelas autoridades para controlar a poluição creio meramente estruturalistas e convencionais. Elas têm um caráter muito mais corretivo que preventivo. A intervenção do Estado, nesse particular, atinge diretamente ao consumidor.

Proibir a circulação de veículos no centro da cidade, colocar aparelhos controladores de poluição nos carros ou aumentar o preço da gasolina, são atitudes que apenas minimizam o problema, de acordo com o epidemiologista. E conclui:

— Se outras medidas mais profundas não forem adotadas, a tendência é de o mal crescer gradativamente, chegando a limites insuportáveis. A opção de desenvolvimento com o estímulo às megalópolis é um equívoco que nos vai custar caro. E a sua constatação será feita quando chegarmos ao ano 2000. Aí, será tarde demais.

Todo mundo na retranca

Trechos da palestra de Carlos Queiroz Telles no encerramento do I Encontro Estadual de Teatro promovido pela Assembléia Legislativa do Rio Grande do Sul, em 17 de setembro. Carlos Queiroz é poeta e dramaturgo, autor de Muro de Arrimo, A Viagem e Frei Caneca.

(...) O autor brasileiro é atualmente um centro-avante sem possibilidades de chutar a gol, em constante posição de impedimento. As barreiras são muito bem formadas, os goleiros do outro lado cada vez melhores. E, às vezes, o juiz anula o gol marcado. Ou volta atrás, anulando a própria partida. Será que estou sendo muito metafórico? Mas o campeonato não termina hoje e é por isso que preciso aguentar pelo menos o empate. Quer dizer: a gente não marca gol mas tenta não levar. Joga na defesa, improvisa de médio-apoiador, dá bicão pra fora da área e, de vez em quando, por consciência profissional, ou mesmo esperança latente, arrisca um chute à distância. Às vezes pode entrar.

Falar em futebol, nesta altura, parece brincadeira, mas a própria brincadeira, realizada conscientemente, pode ser um dos caminhos ainda disponíveis. Os humoristas estão aí. Para encerrar o capítulo futebolístico: acho que o máximo que a gente pode (e deve) fazer é preparar o gol. Driblar, limpar o lance, desarmar o beque adversário e passar a bola para o espectador sozinho na frente do goleiro. Depois de torcer para que ele, na sua cabeça, acabe a jogada. O que é dramático é que cada vez existem menos centroavantes nas platéias. Mas contra esse problema, o teatro não pode fazer nada. A coisa é muito maior e mais ampla: retrata a própria crise do futebol nacional. Todo mundo na retranca.

Tem também outro problema. Futebol sem gols acaba cansando e o público — inclusive os potenciais espectadores — goleadores — pode acabar fugindo do estádio. E aí a crise de idéias se transforma numa crise de mercado, uma puxando a outra, cada vez para um buraco maior. Mas, reafirmo, o importante é segurar o resultado. Se não dá para jogar na primeira divisão, vamos tentar na segunda. Se não der na segunda, tem ótimos campos de várzea e de praia por aí. E público para assistir a essas peladas onde, quem sabe, seja ainda possível fazer uma boa jogada: Quer dizer, também está na hora de procurar novos públicos para a nossa mensagem. Tem muita gente séria fazendo isso. Com sacrifício da vaidade, dinheiro, críticas, prêmios e etc. Mas dando o seu recado, o seu testemunho do seu tempo e do seu lugar para o seu tempo e o seu lugar. Quer dizer: não deixando o esporte acabar por falta de jogadores e público.

(...) Meu depoimento pode ser de dúvidas, mas não pode deixar de ser de confiança. Qual é a tarefa? Qual o trabalho? Qual a necessidade de cantar? Hoje? Aqui? Agora? Como não sei há quantos mil anos, com a mesma emoção de um pastor ou de um caçador, imóvel, diante de uma beleza subitamente revelada.

(...) Escrevo teatro e poesia porque preciso fazer alguma coisa determinada para alguém que precisa ouvir determinada coisa. Hoje e aqui. Como escritor sei que sou depositário das angústias e das esperanças das gentes. Preciso ser fiel ao meu povo e ao meu tempo. Enfrentar a tarefa de falar pelos que estão quietos e gritar pelos que foram emudecidos. Assumir a fé de que — quaisquer que forem as circunstâncias — alguém há de me ouvir. E não perder nenhuma oportunidade para por a boca no mundo. Como agora. No campo de Auschwitz, antes de serem consumidos pela câmara de gás, alguns prisioneiros enterravam latas contendo depoimentos. Peter Weiss, no seu "Interrogatório", explica esse ato através da narrativa de um sobrevivente: "Naquela situação, o simples fato de permanecer consciente

era um ato de resistência". Eu generalizaria: em qualquer situação, o simples fato de permanecer consciente é um ato de poesia. Por isso vou continuar enterrando minhas latas por aí.

Olho em volta e sou forçado a ver uma humanidade cada vez mais cega e surda a tudo que não seja uma ordem pré-estabelecida de comando. Tropeço em robôs, transistores, cataventos e computadores disfarçados de gente. Preciso preservar a crença de que existem corações e de que o sangue não é só uma cor à espera das fotos dos atropelados pelo sistema.

Dez minutos de Consolação

Saulo Garroux

Ela vinha descendo pela Consolação, a pé. Eram onze horas da noite, não mais que isso. Voltava para casa, vindo de uma aula de pós-graduação na Faculdade de Medicina, que uma das poucas possibilidades do médico recém-formado é continuar estudando, pois a vida lá fora está cada vez mais difícil. Especializada em Psiquiatria, até dois meses atrás ela clinicava no Hospital Psiquiátrico de Franco da Rocha, popularmente conhecido como Juqueri. Agora, dá atendimento numa clínica que mantém convênio com o INPS: registrada como psiquiatra assistente, não ganha mais que 4 mil cruzeiros por seis horas diárias de serviço.

Ela vinha descendo pela Consolação, dizia eu. Eram onze horas da noite e ela estava na altura do cemitério. Sem perceber — e há coisas que não se percebem até que aconteçam — foi cercada por um grupo, ela se lembra bem, de cerca de dez garotos, nem trombadinhas nem delinquentes. Tipo servente de pedreiro, alguém que está se iniciando na profissão da vida, com a precocidade que a vida brasileira impõe. No que ela foi abordada, o grupo a encostou na parede do muro do cemitério, um deles separando seus braços em forma de crucifixo, de tal maneira que os outros tiveram pleno acesso e regalia à sua virtude.

Não, ela não chegou a ser violentada no sentido rigoroso da palavra. Com as mãos feridas, esfregadas pelo contato do muro, ela gritava, tentava uma forma de comunicação com seus algozes. Por histórica que estivesse, tentava um entendimento. Falava: "Vocês estão ficando loucos? Que absurdo é isso?" E coisas do gênero. E os garotos explorando suas virtudes, sem mãos a medir, e eram muitas mãos, tantas mãos que ela, assustada, apavorada, tentou uma jogada extrema, vinculando-os dentro de um mesmo problema. Isto é, tentando mostrar que eles — assim como ela — eram vítimas de um sistema de miséria e de solidão, obrigando-os a atitudes como a daquele instante. É claro, a retórica não surtiu efeito algum, e ela se dirigiu a um outro plano — que eram os transeuntes postados na fila do ônibus, aquela mesma fila onde muitos entre nós estivemos esperando condução. Por mais que gritasse e cla-

PORTFOLIO

Ensaio, Crítica & Reportagem

masse por socorro, as pessoas permaneciam indiferentes, como se a realidade a poucos metros fosse transparente, produto de sonho ou delírio. E ela, sem defesa, esboçou uma saída honrosa. Dirigiu-se àquele que parecia ser o líder entre todos, aparentando dar-lhe preferência. E o líder assumiu a condição, tanto que depois da meia-hora de bolinações (na verdade foram cerca de dez minutos que pareceram uma eternidade), proclamou aos seus pares: "A mina é minha, acabou o papoi Está comigo". E, com ela nos braços, foi subindo pela calçada e se separando lentamente dos companheiros do grupo e de farra. Que é certo, nesse episódio, a convicção do referido líder em ter conquistado a presa pelo poder da força. Subindo foram, até que, junto à esquina, ela conseguiu se desprender desses braços fortes que a enlaçavam e invadiu o primeiro bar aberto que enxergou. Aos gritos, clamou por socorro.

Nesta altura, o grupo já se tinha dispersado, e seu líder, provavelmente decepcionado, sumira pelo escuro do beco, sem esperar pelas consequências.

O que mais a impressionou, nisso tudo, não foi a ação dos rapazes. Foi a mortal indiferença daquelas pessoas que aguardavam pelo ônibus, lá na calçada. E não eram pessoas anônimas: eram estudantes, em sua maioria saídos de cursinhos e preparatórios localizados nas imediações.

Tudo o que se contou, aqui, é rigorosamente verdadeiro. E o que é pior: rigorosamente comum e diário.



eles ao nível cultural ou não, surge uma "idéia" que evidentemente, emite o juízo de uma ideologia dominante. Assim, o sistema, atrofiando um processo de discussão de uma realidade, cria, em consequência, uma idéia que fuja às discussões de uma sociedade. A pornochanchada é o resultado de uma esmagamento cultural.

A pornochanchada não discute; pelo contrário, cria valores, emite idéias de uma certa camada dominante, de uma certa faixa da população interessada nos novos bens de consumo que essa sociedade está criando para uma minoria. O novo-rico devora as secretárias, as estudantes secundárias, as empregadas domésticas, anda em carros último ano, dando a impressão que a bolsa de valores está em alta e na verdade está, para bem poucos.

Morrer, ainda não. Mas está perdendo lugar para novos temas.

Efigênia Dá Tudo o Que Tem, As Secretárias Que Fazem de Tudo, Eu Dou o Que Ela Gosta, Quanto Mais Duro Melhor, A Viúva Virgem, Quanto Mais Dentro Melhor, Loucuras na Cama, Com as Calças na Mão, Ainda Agarro esta Vizinha e tantos outros títulos, não deixam dúvidas quanto a que tipo de "idéia" estava contida nesses filmes, grande parte das 469 fitas nacionais lançadas entre 1969 e 74. Roberto Farias, diretor-geral da Embrafilme, chegaria a afirmar, com espanto: "Hoje não se pensa mais em filmes mas em títulos".

Evidente que o cinema, como qualquer outra atividade intelectual, reflete os tormentos, na medida do possível, da sociedade em que vive. A pornografia cresce assustadoramente em uma sociedade de caráter repressivo, onde a participação de várias camadas da população é considerada um ato abusivo e subversivo.

A pornochanchada ainda não morreu mas diminuiu sua participação nas salas de espetáculo, dando lugar a outro tipo de cinema, exatamente ao que pretende discutir a realidade que nos rodeia. Alguns afirmam que é a retomada do *cinema-novo*. Assim, o corpo não estava tão morto quanto se imaginou e teria sido enterrado vivo.

Mas o que proporcionou essa queda de presença - queda relativa - do que se pode chamar gênero pornô?

Quando uma parcela da sociedade procura mostrar que está presente, reivindicando a volta do Estado de Direito e que, apesar dos apertos e poucas alegrias - que vai ao futebol mas sofre com o atraso dos transportes coletivos, respondendo a isso com apedrejamentos, e começa a brigar contra os míseros salários, quando a bolsa de valores não cria mais novos-ricos, quando os anseios da classe-média não encontram resposta, então são outras formas de expressão que aparecem. A pornografia sai de cena e surge na tela, ainda que timidamente, ou até superficialmente, a discussão de temas sociais.

A maratona sem tréguas

Jorge da Cunha Lima

Quando os guepardos chegaram ao zoológico de São Paulo, ficamos sabendo que eles só praticam o amor (e, portanto, a sobrevivência da espécie) quando estimulados pela luta, que lhes potencia e inaugura o cio da gueparda amada.

No campo da cultura e mesmo da política, ainda que não se tenha percebido muito, a geração é a mesma. A potência vem do exercício, da prática renovada. E é preciso que as instituições a serem fecundadas sintam o frêmito desses desejos, para saírem da passividade morta das exceções. O que gera a qualidade das atuações políticas não é de forma alguma o bom governante, mas o saldo, sempre renovado, da atuação de todos os cidadãos na busca do aperfeiçoamento político e social. E usamos a palavra "aperfeiçoamento" não para passarmos do pessimismo para o melhor, mas do bom para o ótimo. Que jovem, inspirado que fosse, seria um bom pianista se lhe tirassem o instrumento e impedissem a prática? Maritain dizia com muita propriedade: "a arte é um hábito intelectual". A política, da mesma forma, é o hábito da cidadania.

Um dia, jogaram o corpo morto de um poeta nos campos de Andaluzia. Misteriosamente, dessa semente-adubo nasceram papoulas que, à distância, tocadas pelo vento, se assemelhavam àquele lençol de símbolos que é a bandeira da pátria. Anos seguidos, em todas as partes do mundo, Federico Garcia Lorca é cantado enquanto seus algozes estão apenas enterrados e comidos pelos vermes. Até aqui, na rua Barão de Itapetininga, num calçadão de vasos artificiais e bancos tristes, Lorca ressurgiu, porque essa é a imortalidade da poesia. No Largo São Francisco, digo, páteo, num sábado de garôa fina que lembrava seu inventor, Mário de Andrade, Pablo Neruda foi cantado. Pois é assim, toda vez que não se aprisiona a poesia nas jaulas do formalismo ela percorre as ruas e os corpos, com a fecundidade que só o ser humano sabe imprimir aos destinos. Isso é para lembrar que tudo é exercício de cidadania, tudo é exercício do amor.

Em São Paulo - onde todas as coisas acontecem, com a força caótica das metrópoles -, numa semana paradoxalmente criativa e cerceada, Neruda foi cantado e os estudantes de letras da USP organizaram um grande varal de poesia. Nele, os estudantes pregavam seus versos, um debate no qual expunham suas idéias e uma tribuna onde "pregavam" seus poemas.

Aqui, nesta mesma cidade, gastronômica, industrial, por vezes fútil, os mais importantes editores, vindos de toda parte (essa toda parte da cultura que nos desconhece, como se fôssemos uma irremediável Buenos Aires) estão reunidos para nos descobrir. A varinha mágica de Edla Van Steen acendeu as luzes do nosso subdesenvolvimento literário para que Feltrinelli, Einaudi, Maspere, Seuil, Flamarion, entre tantos, pudessem descobrir os valores de uma literatura brasileira. Ativa, ainda que soterrada, existente, ainda que desconhecida. É claro que buscamos a notoriedade, queremos ser amados e amar como os guepardos, desejamos ficar famosos pelos nossos textos e não pelo julgamento circunstancial e superficial da censura. Queremos talvez que uma crítica universal nos liberte da crítica tão entrincheirada nos preconceitos e nas máfias, e que hoje impõe seus dogminhas à cidade das artes. É bom mesmo, muito bom que a atividade artística de São Paulo tenha se tornado uma maratona sem tré-

Quanto mais (por) dentro, melhor

Paulo Ribeiro

A pornochanchada está morrendo?

A essa pergunta, precisamos especular, entre outras coisas, como surgiu, o que proporcionou o seu surgimento e o seu desenvolvimento, e relacionar tudo isso ao período em que vivemos.

O *cinema-novo*, caracterizado por seu engajamento político, surgiu numa época em que a participação popular diante dos problemas nacionais era evidente. Discutia-se livremente e, em consequência, havia rerepresentatividade das diversas linhas do pensamento ideológico na vida do país.

Rio 40 Graus, de Nelson Pereira dos Santos, filme que marca início do movimento *cinema-novo*, acontecia justamente no ano da morte de Getúlio Vargas, quando discutia-se propostas nacionalistas. De 1954 até 1967/68, o *cinema-novo* viveu alegrias e tristezas, procurou ser um cinema voltado para as discussões sócio-políticas, foi venerado e acusado e depois o mataram. E, como todo corpo em estado de putrefação, começou a cheirar mal, até que o enteraram. Não havia mais condições pelo menos no momento, de resistir.

Nas salas já se renunciavam novos títulos e enfoques.

Os filmes eróticos, pornochanchadas para alguns, chanchadas-genitais, para outros, invadiam os espaços reservados para as projeções das fitas nacionais.

Esse fenômeno, na verdade, não foi um dado novo. Em qualquer circunstância em que existem elementos sociais que buscam, através de atos extremos, bloquear os canais de representação, sejam

PORTFOLIO

Ensaio, Crítica & Reportagem

guas. Precisamos nos cansar, nos exaurir no exercício das liberdades humanas e criativas para aprendermos o amor que o zoológico nos ensinou através de um programa de televisão. Aprendi mais com os guepardos do que com todas as novelas. E os ilustres editores que a cidade hospeda não se arrependem de correr ao nosso lado, a ver que temos fôlego proporcional às nossas necessidades. E viva a poesia.

Afinal, que boom foi esse?

O. C. Louzada Filho

Um intelectual, já foi dito, é alguém que mete o nariz onde não é chamado. Ou seja, alguém que não se limita ao campo de sua profissão e afazeres, mas que procura por tudo em questão, utilizando um conhecimento que sempre procura ir além dos limites puramente técnicos ou profissionais. Por isso existem médicos e médicos, professores e professores, matemáticos e matemáticos: aqueles para os quais a medicina, o magistério, ou a matemática — de cujo saber são possuidores — ficam limitados a seu campo; e existem aqueles que utilizam um saber profissional para por em questão a história, a sociedade, o homem e o próprio saber que possuem.

O escrito (o poeta, o ensaísta, o ficcionista) é um intelectual "de nascença". Sua especialidade é exatamente meter o nariz em tudo. E no levantar problemas, por em dúvida, formular hipóteses, existem dois campos que lhe são possíveis — se de fato é um escritor e não apenas um escrevinhador de textos para entreter quem possa comprar. Primeiro, ele indaga e põe tudo em dúvida: da história do dia-a-dia todos. Depois, (a rigor, antes disso) questiona seu próprio trabalho, seu papel na sociedade, o significado do que faz. Isso, menos por uma questão moral, mais por um dever de ofício — quem não se submete à crítica não saberá muito bem o sentido da crítica que executa sobre o mundo.

Quando a situação do escritor brasileiro (ou do livro, como muitas vezes é colocada) é discutida, convém lembrar a necessidade de que o escritor também se ponha em questão para que a coisa faça sentido.

É preciso lembrar uma obviedade: um escritor é um homem que escreve livros para leitores. O que, não sendo novidade, é uma afirmação que no Brasil de hoje deve levantar uma coleção de problemas paralelos ao escritor.

O leitor não lê? Vamos explicar-lhe a importância do livro para a formação de uma consciência nacional, lá onde ele estiver, das ruas à universidade. Nos editam mal? Defendamos nossos direitos profissionais, categoria que somos como qualquer outra. O livro é desconhecido? Lancemos mão da publicidade, como é feito com qualquer outro produto. E, de fato, o livro é tão mercadoria quanto qualquer pasta de dente ou massa de tomate.

Só que, sendo tudo isso verdade, tomado cada aspecto particularmente ainda resta alguma coisa; tanto que não saímos do impasse, se é que ele não se agrava num empenho excessivo apenas na circulação do livro.

Ora, um escritor é um homem que escreve para ser lido. Mas também é alguém que sabe que os problemas do autor, do livro e dos leitores são apenas parte dos problemas mais genéricos e mais sérios.

Se pensarmos no leitor como momento decisivo da questão, alguns problemas já se manifestam — novos e imediatos — como a brutal distância entre o preço do livro e os salários que poderiam comprá-

los; um romance custa para o leitor cerca de 10% de um salário mínimo, descontos à parte.

Mas ainda aí não chegamos ao fundamental. Mesmo porque por em questão a situação do leitor apenas como um possível comprador de livros é empobrecê-lo, ve-lo só como consumidor — e, escritores, desejaríamos ser publicitários de nós mesmos ou capitães de (nossa) indústria? Ficar por aí é, portanto, não questionar o seu drama de, nós, brasileiro.

Cabe ao escritor por tudo em questão. Como o momento histórico, nosso e do leitor. Afinal, o que significou o fim do milagre e a (pequena) redução da censura? Esta última, enquanto ligeiramente diminuída, não foi mais que um movimento de amortecedor do "modelo". Só nesse estranho papel é possível compreender sua ligeira abertura associada aos problemas econômicos. Mas parece que seu pequeníssimo retraimento provocou-nos uma sensação de euforia. Voltamos nossos olhos para nós mesmos, tiramos alguns originais das gavetas, incentivamos (ou criamos) algumas revistas literárias. Só que o resto não mudou, e isso tudo soou chocho. Menos pela produção engavetada e divulgada — e ainda que livros como *Zero* ou *Feliz Ano Novo* tenham retornado para fora da circulação —, mais pelo espetáculo que montamos. Em suma, ficou menos em questão a produção — algumas vezes muito boa, pouco importa aqui — do que nosso monólogo, exasperado e autista: *leiam-nos!*

A tarefa que nos resta, neste rescaldo de boom e euforia, é terminar de cumprir nossa missão. Como escritores, questionar tudo e (ao questionarmos a nós mesmos) talvez nos dar uma importância diferente. Porque não é o leitor quem não nos quer ler. Nem é à toa a confusão editorial. Nem adianta — sem deixar de lado o que nos é mais caro — alardear nossa importância. Escritores, nos cabe escrever. Para, por e com todos, tornando claro o drama que — sendo também nosso — deve ser esclarecido em nome de todos e com todos.

Essa visão parece estar presente nas obras publicadas nestes anos (onde a visão solidária — alcançando a obra o necessário nível de qualidade — não aparece como reivindicação imediata nem como análise discursiva, já que estamos falando de obras de ficção). Esse empenho, presente na maioria do que tem sido escrito engrandece a nós todos como autores. Mas ele há que estar presente também, e aí de forma imediata, na discussão de nossos problemas. É destino do escritor não poder falar apenas de si mesmo e apenas de seus problemas, sem se perder.

Em 74/75 dois fatos aparentemente contraditórios marcavam a vida brasileira. De um lado, diminuía a censura prévia exercida sobre os grandes jornais. Por outro lado, diluía-se a idéia do milagre econômico, cultivado há anos, através de índices que — associados ou não à "crise internacional do petróleo" — contradiziam a antiga alta do mercado de ações, junto às primeiras e mais reiteradas referências à dívida externa. O universo financeiro, embora até hoje não abalado no seu poder e nos seus recursos, se defasava do mundo econômico.

Ao mesmo tempo, por aquela época, começava a ser alardeado um inefável boom da literatura brasileira — previsto, anunciado, debatido, desejado, mas nunca exatamente definido. Afinal, qual seria o seu significado dentro do quadro que, se não era inaugurado, tornava-se ao menos mais claro? Ou melhor, qual o significado do boom literário dentro do Brasil destes últimos quase três anos?

Quem é ligado à literatura começou a discutir com mais empenho os problemas do escritor, os problemas do livro e às vezes até mesmo os do leitor. Começamos a nos empenhar na "luta literária" através da crítica e do estímulo. O que parece é que ambos (crítica e estímulo) permaneceram nos estreitos limites do autor e do livro. E por isso mesmo talvez ainda não saibamos muito bem o que aconteceu se houve e o que houve, e como nos conduzir nesse novo momento.

A crítica prendeu-se imediatamente aos aspectos mais sensíveis da situação do livro e do autor. Antes de tudo, ao problema do escritor poder ser escritor, isto é, poder viver de seu trabalho. Aspirando, como outro profissional qualquer, ao direito de poder receber o suficiente pelos livros que escreve para se manter e manter a sua família — embora nem todos os outros profissionais também o consigam.

Nisso, não mudou uma situação em que uns dois brasileiros poder-se-iam dizer escritores profissionalmente. O que nos levou a indagar as razões da triste posição do escritor que, quando vende 5 mil volumes num país de 110 milhões de habitantes, vende "bem".

E as causas imediatas começaram a ser lembradas com insistência: as dificuldades da edição — o editor não se empenha, paga mal, não paga; da distribuição — ninguém se interessa pelo autor brasileiro; do leitor — o brasileiro lê pouco, o universitário, condicionado, não vai além dos testes de múltipla escolha.

Se tudo isso é verdade, na medida em que não fomos muito além das faces imediatas da verdade, começamos a propor soluções também imediatas e restritas. Em suma, se o livro é mal editado, se os direitos do autor não são bem respeitados, se o leitor não lê, procuramos combater cada uma dessas causas. E, em geral, uma de cada vez.

A mão e a luva

Wolfgang Leo Maar

Um semanário é apreendido após ter sido liberado pela Censura ("Movimento"), a prisão de um cronista precedendo reformulações radicais num dos maiores diários do país ("Folha de São Paulo"), repressão violenta ao movimento estudantil, com centenas de detidos, acusações contra a Comissão de Justiça e Paz, mobilização da Arena contra a tese da Constituinte, o MDB anunciando que não promoverá a Constituinte em campanha nas ruas...

O que teria acontecido ao "clima democratizante" que assolava o país? Seriam os prenúncios agourentos da borrasca próxima? Ou apenas as nuvens densas, mas não menos sombrias, de uma chuva de verão?

Há uma explicação que casa como uma luva na situação. A sucessão presidencial já estaria decidida. O aceno com o problema sucessório teria provocado dois tipos de acontecimento, ambos favoráveis ao Governo: de um lado, para a sociedade civil, significaria a possibilidade de mudança nos escalões atualmente de posse do poder do Estado. É a perspectiva da reforma política como consequência das alterações no Governo. Do outro lado, a sucessão em aberto implicaria numa indecisão quanto ao mando que caberia a cada um dos diferentes setores em que se encontraria diferenciada a área militar. Conforme se desse a escolha, seria uma ou outra a forma de ação adotada. Como cada setor quer agir a seu modo, comandando o processo, a indecisão implicaria numa relativa inércia dos militares.

Uma vez decidida a sucessão, não oficialmente mas para o conhecimento das áreas mais próximas ao Governo, manter-se-ia em aberto a questão da reforma política para os setores mais amplos da população, e ao mesmo tempo se permitiria a ação mais decidida do aparelho Estatal nas funções que caberiam às Forças Armadas.

Na verdade, tratar-se-ia da aplicação de uma fórmula que já dera bons frutos alguns anos atrás, traduzida no binômio "desenvolvimento com segurança". Como se sabe, a primeira grande crise de hegemonia do Governo pós 64, foi resolvida com o remanejamento da sociedade civil (criação de Arena

PORTFOLIO

Ensaio, Crítica & Reportagem

e MDB) em 1966 e a aplicação conjunta do poder coercitivo do Estado, somente após a edição do AI-5 em 1968. Assim foi possível associar um modelo econômico a um modelo político autoritário.

Dois fenômenos relativamente recentes ilustrariam a quebra que teria se verificado neste quadro: a inflação e a sucessão. Se, de um lado, a inflação mostra para os setores da sociedade civil uma certa ineficácia na política desenvolvimentista do Governo, que já não consegue ser hegemônica nem mesmo para a classe média, a sucessão coloca em aberto possibilidades de reforma política que poderiam fundamentar uma nova solução para a crise de hegemonia. Já na área governamental, o questionamento da ideologia ufanista e o problema sucessório provocam nova necessidade de remanejar a sociedade civil (o novo pacote de reformas previsto para o fim do ano), para assegurar a continuidade do regime.

Os entendimentos de cúpula que estariam sendo travados com o MDB, a Igreja, a OAB, etc., bem como a indisposição em atender às reivindicações salariais dos sindicatos e às tentativas organizacionais dos estudantes, revelariam bem em que moldes se daria esta recomposição de forças do Governo. Tratar-se-ia muito mais de estabelecer o consenso, do que em admitir o dissenso, qualificado simplesmente como subversão.

Por isto, seria extremamente razoável a explicação a que antes aludimos: a manutenção do clima sucessório para a busca do consenso, e sua definição para a repressão do dissenso. Esta solução seguramente seria um ganho para o Governo, mas uma perda para a Nação, pois como se sabe, a democracia é antes de mais nada, o consenso no dissenso.

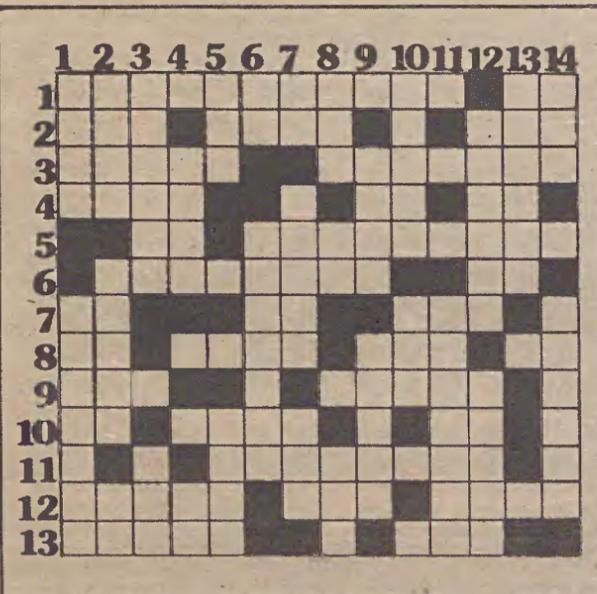
Neste sentido, vai nossa preocupação maior: de que a luva sirva perfeitamente à mão direita, mas que não seja bem esta a que estamos procurando vestir.

Palavras Políticas Cruzadas

Ernesto Braga

HORIZONTAIS

- 1 - Naquilo que todo mundo vive/ Letra grega.
- 2 - Essa situação toda? É de morrer de.../ Aquele brincado que consiste numa rodinha que sobe e desce num barbante/ Rio alemão que quebra o galho de todo cruzadista medíocre.
- 3 - Um "Deus queira" em desuso/ Aquilo que o Governo vive dizendo que o MDB representa.
- 4 - De colher pros orientistas: uma deusa hindu/ Abrev. : Supremo Tribunal/ Nove, em algarismos romanos.
- 5 - Pô, tem..., né!/ Palavra que já andou em moda e que se confundia com problemas musculares.
- 6 - Dizem que o Governo vive dele/ Símbolo do cobalto.
- 7 - Cavalcanti, o pintor que Glauber Rocha não deixou sossegado no caixão/ Abreviação do tratamento de muitos políticos gostariam de ter/ Milho torrado, outro desses apelos de reles cruzadistas.
- 8 - Em algarismos romanos, aquilo que o cartunista Redi pediu pro ministro Simonsen fazer/ Já pensaram no Zezinho Bonifácio numa assembléia estudantil? Ia ser uma tremenda.../ Cai fora!/ Sigla do estado onde o Esquadrão da Morte deita e rola.
- 9 - Especial pros eruditos: a espada de Dâmocles dos brasileiros/ Fácil pra quem é machão: toda mulher é...
- 10 - Prezado leitor: quebre o galho do cruzadista no primeiro conceito/ Tremenda vagabundagem/ Se



fosse Pezende, seria as iniciais do famoso senador Eurico.

- 11 - Palavra que lembra logo juiz de futebol e faz certas pessoas correrem o riscô de engolir o apito.
- 12 - Rede de televisão manjada/ O negócio é fazê-lo público!/ Suicida no duro, pra garantir, dá no ouvido.
- 13 - De vez em quando vêm algumas de cassações/ Especial pra extrema-esquerda: o Grande Timoneiro.

VERTICAIS

- 1 - ...e Civilização, livro de um filósofo teuto-americano, muito em voga lá pelos idos de 68/ Ora, ninguém pode mantê-lo eternamente com seus próprios botões, diria alguém da CNBB.
- 2 - Pipi de mulher/ Uma sociedade que, dizem alguns especialistas, está em extinção no Brasil/ Iniciais de um banqueiro que adora ser governador de São Paulo.
- 3 - Jornal soviético, muito raro em bancas brasileiras/ Oh, my...!
- 4 - Lugar onde os Estados Unidos também perderam as calças/ Sigla da Bahia.
- 5 - Agência americana especializada em desestabilizações/ Aula de Moral e Cívica: antes de 64 era o...
- 6 - Expressão usada ao se dar banana/ Fácil, pra quem é maquiavélico... para governar.
- 7 - Grito de quem recebe uma porrada/ O bispo Léfebvre quase provoca na Igreja/ Interjeição de quem recebe aumento de salário.
- 8 - Jobim, o músico/ Abrev.: Sua Majestade/ "Peguei um... no Norte/ e vim pro Rio morar".
- 9 - Ou... ou Aquilo, livro de poesias infantis de Cecília Meireles/ O que a gente leva quando passa um carro da polícia.
- 10 - Pros pessimistas; o século das luzes apagadas/ Olha aí de novo o tal rio alemão!
- 11 - Será que o Sinval Boaventura fecha com ela?
- 12 - Quando a polícia baixa, o negócio é ser.../ Dizem as más línguas que é o que falta ao Governo.
- 13 - Especial pros evangelizados: Sexta-feira da...
- 14 - O que os estudantes provocam no coronel Erasmo Dias/ Uma coisa que muitos exigem seja de Direito.

RESPOSTAS

- HORIZONTAIS: 1. EXPECTATIVA/ 2. RIR/ IOIO/ AAR. 3. OXALA/ MINORIA. 4. SI-VA/ ST/ IX. 5. DO/ DISTENSÃO. 6. CASUISMO/ CO. 7. DI/ VM/ ADO. 8. IV/ VAI/ SAV/ ES. 9. AIO/ BUR-RA. 10. TI/ OCIO/ EP. 11. ARBITRIO. 12. GLOBO/ ATO/ TIRÓ. 13. ONDAS/ MAO. VERTICAIS: 1. EROS/ DIALOGO. 2. XIXI/ CIVIL/ LN. 3. PRAVDA/ GOD. 4. LAOS/ BA. 5. CIA/ CAOS. 6. TO/ DIVIDIR. 7. TOM/ SM/ ITA. 8. ISTO/ SUSTO. 9. VINTÉ/ AAR. 10. DIREITA. 11. ARISCO/ APOIO. 13. PAIXÃO. 14. IRA/ ESTADO.

O agente duplo

Humberto Escobar

Gravador na mão, microfone na outra, o repórter estrepante corria acompanhando a multidão. Foi naquele inesperado domingo da Penha, quando resolveu-se improvisar uma passeata de protesto, após uma missa celebrada em nome daqueles que sofrem. Alertada, a polícia dispersou a multidão que caminhava e cantava *Caminhando*, obrigando-a a correr para qualquer lado. E o repórter corria junto, com seu microfone na mão, assustando os circunstantes que o confundiam com um tira à paisana, certamente empunhando um cassete eletrônico. E, pobre repórter, intrigou também os policiais, que o confundiram com um agente infiltrado, de tal maneira que ele acabou preso e fichado.

Por sorte, alguma coisa ele conseguiu captar, com seu indiscreto gravador. Segue-se:

— Por que você está nesta passeata?
A voz do repórter é ofegante e trêmula — e ele mesmo diz que estava apavorado, temendo uma reação agressiva do entrevistado (um estudante, pelo jeito) ou da polícia (que andava ali por perto).
— Isto é uma passeata? Sei lá, deu vontade de gritar com o pessoal. É que a coisa tá feia mesmo, né?

Obrigado, agradece o repórter, que repete a pergunta segundos depois para outro manifestante. Que responde:

— Porque o povo está nas ruas.
Pausa breve. A mesma voz continua:
—... pra te dizer a verdade, não sei porque estou nesta passeata.

Talvez o simples fato do ato ter se realizado sem maiores problemas, já bastava. Acho que é a emoção, sei lá...

O repórter insiste:
— Você se identifica com algum líder nesta manifestação? Está seguindo suas ordens?

O manifestante responde:
— É. Tem uns caras aí que estão comandando. Mas não conheço ninguém. Aliás, pode ver, cara, tem várias palavras de ordem sendo gritadas ao mesmo tempo. Pra te dizer a verdade, acho que ninguém tá comandando.

A fita se interrompe, impedida que foi de testemunhar outros depoimentos e a prisão do próprio repórter. Que reagiu, à detenção, com a mesma fúria com que perseguia aos entrevistados, dando a maior bandeira daquilo que estava fazendo e, por isso mesmo, sendo confundido por todos. É certo que os policiais, enquanto o seguravam, exigiam sua identidade e qualificação. Como o repórter respondeu com um altivo "sou estagiário", não tenho credencial", os policiais jogaram-no dentro do camburão. E ei-lo removido para o Deops, fotografado, datiloscopado e fichado, permanecendo detido até tarde da noite.

Mas por que você não se cobriu, não se acautelou?

O repórter responde, aflito:
— É que eu fiquei furioso, sabe... E quando fico furioso, ninguém me segura, nem a polícia.

Ele continua disposto a erguer seu microfone em praça pública, para gravar umas entrevistas-verdade, à moda de Jean Luc Godard. Quer continuar dando murro em ponta de faca, sem meas medidas.

Trata-se de um furioso repórter em início de carreira.



Faculdades

“Santana”, “São Paulo” e Colégio comemoram Semana da Pátria

A Faculdade de Administração e Ciências Econômicas “Santana”, Filosofia, Ciências e Letras “Santana”, Economia, Finanças e Administração de “São Paulo” e Colégio Comercial “Santana”, promoveram, entre outras solenidades, o “Primeiro Concurso de Monografia Sobre 7 de Setembro e Independência do Brasil”.

De acordo com o regulamento do referido concurso, cada entidade receberá Cr\$8.000,00, perfazendo um total de Cr\$32.000,00, a saber: cada aluno primeiro colocado receberá Cr\$ 5.000,00, o 2º Cr\$ 2.000,00 e o 3º Cr\$ 1.000,00.

A comissão julgadora da Faculdade de Administração e Ciências Econômicas é a seguinte: Gilberto Zani de Mello, Celso Avelino Antunes, Paulo Edgard de Almeida Rezende, Floriano Freitas Filho, Luiz Fernandes Lima, Jorge Miguel, Jacob Salvador Zveibil, Petrónio de Mattos Coutinho, Joel de Lima e Paulo de Tarso Carletti.

A Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras “Santana” tem a seguinte comissão: Gilberto Zani de Mello, Carlos Buarlamqui Kopke, José Fernandes Soares, Renato Grisi, José Haury e Hedwig Luis Dannenberg.

A Faculdade de Economia, Finanças e Administração de “São Paulo” tem a seguinte comissão: Adahir Adami, Paulo Roberto Guedes, Antonio Florêncio de Lima Pinheiro, Daniel Rezende, Benedito Cabral de Medeiros Filho e Almir Ferreira de Souza.

O Colégio Comercial “Santana” tem os seguintes professores: Sylvio Gomes Fernandes, Otávio Cicerelli, Sebastião Gonçalves de Oliveira e Marco Antonio de Castro Souza.

Por outro lado, foi promovida uma palestra sobre “O BRASIL É FEITO POR NÓS” para os alunos das Escolas mencionadas, a cargo do Dr. José Ulpiano de Almeida Prado, realizada dia 2 de setembro, às 22 horas.

Além dessas programações, as quatro entidades de ensino estão intensificando as atividades esportivas, que serão divulgadas a partir das próximas edições.

Os professores Leonardo Placucci e Luciano Nascimento, entre outros pronunciamentos, disseram com ênfase, que o ensino e o esporte devem caminhar sempre juntos.

Letras de Câmbio Mercantil-Finasa: investimento sem marcha à ré.



Sem marcha à ré e sem
ponto-morto.
Com Letras de Câmbio
Mercantil-Finasa você só tem
uma alternativa: ir em frente
e ganhar dinheiro.
Lucro certo e seguro, por escrito
e com data marcada.
Vamos, engrene para
o melhor negócio em qualquer
das 248 agências do
Banco Mercantil de São Paulo.



FINASA FINANCIADORA

Classificados de

ANTONIO BIVAR

ELES & ELAS

O baiano **Luis Jasmim** é o nosso **Aubrey Beardsley** apesar da insistência do **Albery**, que faz tudo para ser o excêntrico dos excêntricos. Albery, não sei se vocês assistiram no "Fantástico", agora virou pintor paraquedista e está pintando no ar, de paraquedas.

Mas a coroa de rei do bico de pena continua sendo do **Jasmim**, o primeiro a fazer retratos das celebridades internacionais. Se bem que o **Darcy Penteado**, um pouco antes do **Jasmim**, andasse fazendo o mesmo, em Roma. Foi na cidade santa que **Penteado** retratou **Norma Bengell**, que até hoje tem o **portrait** pendurado na parede do seu apartamento no Jardim Botânico, Rio. Quanto ao **Jasmim**, ele está em São Paulo, acordando cedo todos os dias, trabalhando muito e preparando uma expo... A querida e sempiterna **Vera Barreto Leite**, também às vezes nas **head-lines** como **Vera Valdez**, recebeu chamada urgente de Paris. Era **Louis Malle** chamando. Ele, que é um dos papas da **nouvelle vague**, vai começar um novo filme que não começará se **Vera** não chegar. **Louis Malle** adora **Vera Barreto Leite** e são amigos inseparáveis — mesmo ele em Paris e ela no Rio —

desde os tempos do "Feu Follet" no qual, inclusive, **Vera** aparece num **cameo role**. **Louis Malle** foi também aquele que lançou **Jeanne Moreau** no estrelato, com o filme "Les Amants". **Louis Malle** quer **Vera** em Paris por uma série de razões. Uma das razões é que ele quer que **Vera** colabore no roteiro do filme. Outra razão é que ele quer a presença do espírito de **Vera** durante as filmagens pra que o filme possa passar para as platéias do mundo inteiro aquele je ne sais quoi que só a presença de **Vera Barreto Leite** transmite. E **Vera** vai, claro. Ela só está resolvendo alguns problemas de passaporte... Prestem a atenção e não percam:

a sapequíssima **Marlene** está pintando aqui em São Paulo ao lado do moleque **Gonzaguinha** para uma semana inteira no seis e meia do Projeto **Pixinguinha**, no Teatro **Anchieta**. O que **Ademilde Fonseca** tem de **speed** nas palavras, **Marlene** tem de **pique no corporal**. Ela vai agitar São Paulo. Aliás, ela é paulista... **Monah Delacy** e **Geraldo Mateus** dando um time em São Paulo e aproveitando a visita para darem uma checada na popularidade da filha, a linda **Cristiane Torioni**, quem, com toda a sua simpatia, charme e talento, é um dos mais recentes **build-ups** da **Globo**... O guitarrista **Wanderley**, um **heart-throb** que **João Ricardo** descobriu e lançou no seu último disco e show e que depois foi tocar com o "Made in Brasil", causando muito **fuss** no Rio — **Scarlet Moon** e **Ezequiel Neves** foram dois dos **heart-throbbed** acaba de deixar o "Made" para voltar a tocar com **João Ricardo**, que já está com um show marcado em **Piracicaba**. Os **piracicabanos** certamente ficarão envolvidos no **heart-throbbing** do **Wanderley**, que também é considerado um ótimo guitarrista pop... A volta de **Patricio Bisso** aos palcos acontecerá em plena

Bienal de São Paulo. O espetáculo que traz de volta a tão aguardada estrela tem um título longuíssimo tipo assim: "O Circo Não-Sei-Que. Não-Sei-Que. Compridíssimo, Antropofágico Latinoamericano", de autoria do artista **José Roberto Aguilera** (ela já pintor, entre outros, um retrato gigantesco do **Guilherme Araújo**), com direção do **Jorge Tacla** (La Mama's legend). O espetáculo faz parte da **Bienal** e é **conceitual**, tão conceitual que, mesmo fazendo parte da **Bienal**, será levado no paldo do **Ruth Escobar**. Segundo **Patricio** o espetáculo é como se fosse um quadro, só que com milhões de monitores de videotape, uns trinta. Estréia marcada para 11 de Outubro. No Elenco, estreando, a fabulosa maneca **Daniela**... Outro dia, no telefone, eu insisti que insistissem a **Rachel de Queiroz** não quis me contar o título do romance que ela está escrevendo... As atrizes e seus teatros: No Rio de Janeiro todo mun-

do chama o Teatro **Tereza Rachel de Tereza**. Aqui em São Paulo as pessoas já começam a chamar o Teatro **Célia Helena** de **Celinha**. Por exemplo: No Rio os cariocas falam assim "Vamos assistir o show do **Belchior** no **Tereza**?" — Aqui em São Paulo fica assim, tipo: "Eu fui assistir o show da **Aracy de Almeida** no **Celinha** e estava ótimo". Isso porque os amigos de **Célia Helena** a tratam, carinhosamente, por **Celinha**. Já a **Tonia Carrero** me contou que está comprando um teatro no Rio ou em São Paulo. Será, claro, Teatro **Tonia Carrero**. Mas os amigos mais íntimos dirão "Vamos assistir aquela peça no **Mariinha**". **Mariinha**, como vocês sabem, é o jeito carinhoso com que o amigos chama **Tonia**... **Yolanda Cardoso**, sempre muito coquette, vem aí numa ponta no filme "E-las São do Baralho". **Yoyô** confessou ao **Isaac Farc** que só fez essa ponta porque precisava da grana para comprar um sofá de período, que ela viu e gamou, no **Henri Matarasso**. Não que **Yolanda** não seja do baralho. Ela é e muito. Ela tem o hábito de, pelo menos uma vez por semana, jogar canastra com **Rutinea de Moraes**, **Odavlas Petti**, e **Kiko**...

Rock é rock mesmo: Flags da estréia

Uma das **avant-premières** mais alegres da temporada foi a do filme "Rock é Rock Mesmo", da **WEA**, com o grupo **Led Zeppelin**. Do lado de fora do **Cine Majestic** tinha até banda de música tocando sucessos de **Celly Campello** e uma multidão de roqueiros implorando por ingressos. Foto 1) **Walter Franco** muito bem acompanhado. Foto 2) **André Midani**, o presidente da **WEA** no Brasil. André está entusiasmado com o disco do **Raul Seixas** e com o sucesso do **Bel-**

chior e das **Frenéticas**. Foto 3) A **frenética Lidoka** e o **frenético Rubinho**. Foto 4) **Bivar, Ocky de Souza, Suely Aguiar** e **Lidoka**. As duas dão um look na nova revistinha "Pô", já nas bancas. **Pô** de pornô, vocês sabem. Foto 5) Um casal **nouveau chic** exibindo modelitos, no saguão. Foto 6) **Jacques** e **Liminha**. Foto 6) Um outro modelito da noite. Foto 7) **Luis Sérgio Toledo**, e o popularíssimo **Jacques**, da **Rádio Excelsior**.



★ ★ ★ ★ ★ Classificados de ★ ★ ★ ★ ★ ANTONIO BIVAR

Política de boa vizinhança: primeiro concerto latinoamericano de rock



Foto 1) Arnaldo abriu o concerto. Foto 2) Três dos muitos iluminadores. Entre eles uma garota. Futura concorrente de Judy Spencer? Foto 3) Um dos modelitos da noite. Foto 4) Os homens reconhecem Dino, do Som Nosso, e sua garota. Foto 5) La estrelita da noite. Uma gracinha. Ela é a crooner do simpático grupo "Los Desconocidos de Siempre". Foto 6) Ela foi uma das mais eficientes da noite. Repararam a credencial. Foto 7) Mario Buonfiglio, o responsável pelo evento. Foto 8) Um punk na multidão. Ele é fan do Lou Reed. Foto 9) O baterista do grupo Crucis, o maior sucesso da noite. Foto



10) Bivar e Magnólio. Mag é o melhor animador dos shows de rock de São Paulo. Tony Osanah perde. Foto 11) Já pensaram? Foto 12) Foi apenas um susto. Era o flash de Vania T. explodindo. Foto 13) O público estarecido. FOTOS DE VANIA TOLEDO.

Heart smile é a nossa Lina Wertmuller

A nossa querida Heart Smile é a mais recente diretora de espetáculos de São Paulo. Um pouco por modéstia, e até por pudor, Miss Smile não quer muita badalação em torno disso. Mas a verdade é que ela está dirigindo um espetáculo que promete ser muito interessante. É um espetáculo de dança com apenas dois garotos do black São Paulo. Toloji,

de 19 anos, e Antonio de Jesus, de 17. Eles pertencem ao cast da Escola de Samba Mocidade Alegre. O nome do espetáculo é "Cavalho de Bata-

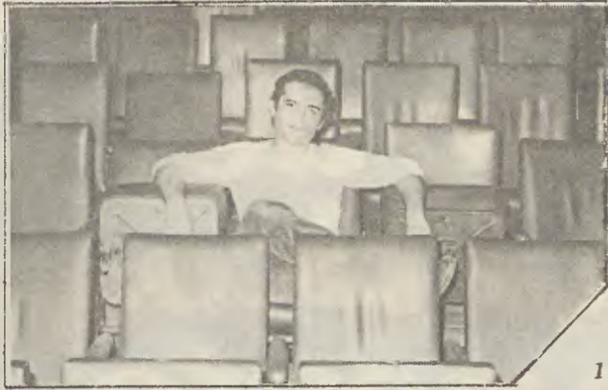
lha" e será levado — para um start — em duas segundas-feiras consecutivas no Teatro Galpão — o mesmo onde está acontecendo o "Escuta Zé", um outro espetáculo que São Paulo inteiro comenta — nos dias 10 e 17 de Outubro. Para Heart Smile o seu "Cavalho de Batalha" será um espetáculo de prazer e alegria, onde a liberdade de ação será total. Sem coreografia pré-estabelecida os dois bailarinos dançarão o que sentirem no momento do feeling. A trilha sonora conta com músicas de

Paul Horn, Danças do Quênia, Músicas da Índia, dos brasileiros Paulo Moura (um luxo), Jorge Ben, e músicas de grandes orquestras como Tommy Dorsey e Benny Goodman. E até um Bob Dylan. O espetáculo da Heart e dos meninos terá uma duração de aproximadamente 45 minutos.

Sessões às 21 horas e ingressos (baratíssimos) a Cr\$ 20,00.

Perguntei a Heart Smile pra ela me contar do seu trabalho de diretora e ela falou: "Não é um trabalho de direção como todo mundo está acostumado a ver. O meu trabalho é mais de estrutura, filtragem e condução do espetáculo. O espetáculo divide-se em três descansos. No primeiro descanso, a tranquilidade da respiração. No segundo, os dois garotos tomam chá. No terceiro descanso, o banho".

ARTISTAS & BOEMIOS



1



2



3



4



5



6

Foto 1) Othom Bastos num intervalo da Sartreana "Mortos Sem Sepultura", um dos grandes sucessos da temporada teatral. Foto 2) Ruth Escobar & Company encerrando a temporada da "Torre de Babel". Uma das falas da

peça que ficará na memória é aquela "A única coisa que poderá nos salvar do fascismo é a criatividade". Dita por Ruth, lógico. Adivinhem quem é a Betina Vianny? Foto 3) Um close de Sandra Barsotti. Foto 4) No Montechiaro. José Neu-

nan, José Fernandes, Paulo Villaça. Apesar do lenço, José Fernandes garante que não estava resfriado. Foto 5) Daniela la Bela sorrindo para a objetiva enquanto Ditter confere a conta. Foto 6) Ditter pronto para pagar a conta. As fotos são de Vania Toledo.

Arnaldo, o Mutante, hits again

Outro dia o Cacho Valdez — um guitarrista argentino de quem muita gente diz maravilhas mas cujo trabalho ainda não tive a chance de apreciar — me contou que o Arnaldo Dias Batista tinha dito a ele que eu não apreciava o trabalho do guitarrista argentino, já que o trabalho de um é assim, digamos, a antítese do outro.

Não entendo como o Arnaldo possa ter dito uma coisa dessa. Eu admiro muito o Arnaldo e acho ele, hoje, o mais simpático de todos os mutantes. Gosto muito do seu último disco "Loki" (de mais ou menos dois anos atrás). O "Loki" é daqueles discos muito especiais, daqueles que a gente tendo uma cópia a gente guarda por muito tempo. O "Loki" é produto de uma época que Arnaldo lutava para sair duma bad. O disco é cheio de mágoas e feelings conturbados mas o humor de Arnaldo está presente nele, mesmo com sua voz ferida e machucada.

Cruzei com o Arnaldo recentemente e sei que hoje ele está numa ótima. Tenho ouvido muita gente falar muito e bem, dele. A volta de Arnaldo está sendo aguardada e com muita torcida pro. Assisti Arnaldo e seu novo grupo — A Patrulha do Espaço — naquele Primeiro Concerto Latino Americano de Rock. Foi uma pena Arnaldo ter aberto o show com todo aquele problema com o som e o frio inicial. Se ele tivesse se apresentado um pouco mais tarde,

quando a coisa estava mais quente (por conta dos grupos argentinos), tenho certeza que ele teria dado um banho. Até guardei na memória o pedaço da frase de uma das novas músicas do Arnaldo que diz "baseado num céu genuíno".

IN MEMORIAM DO PRIMEIRO LATINOAMERICANO DE ROCK

Muitos puristas e radicais acusam o rock brasileiro de ser uma coisa híbrida, alienada, e derivada. Como se o resto da América Latina não tivesse rock mas só Mercedes Sosa, Amelita Baltar, e outros. Mas a verdade é que o rock é um fato em toda latinoamérica, como pudemos constatar no Primeiro concerto, batalha do por Mario Buonfiglio e acon-

tecido no Ibirapuera. Milhares de pessoas compareceram e milhares gostaram, e muito, provando que a chama do gosto pra tudo continua acesa.

O ROLÉ DE GAL COSTA

1977 tem sido o ano que as pessoas têm dito horrores dos shows de Gal Costa e do Caetano Veloso. A coisa começou no Rio e o eco chegou até São Paulo. Daí que fui conferir o show de Gal no Teatro Bandeirantes. Enquanto assistia a primeira parte fui constata-

tando que Miss Costa está ótima, cantando ótimo, um repertório ótimo, pulando e dançando ótimo, e mil ótimos. Gal está linda e gostosa, exuberante e extremamente mulher, o que é ótimo. Daí teve o intervalo. O maior suspense. Todos esperando a tal roupa que não fica bem em Gal. E ela entra com a mesma roupa da primeira parte, o vestido do Flávio Império com muitos babados e as pernas à mostra. Daí, no meio da segunda parte, Gal sai para trocar de roupa e volta, depois do solo — enervante — do grupo, vestida com a tal roupa. Realmente a famosa roupa não tem nada a ver. Mas Gal Costa está ótima e melhor que nunca. Na platéia vimos Helena Silveira, Paulo Villaça,

Charlene Shorto (a garota mais bonita de São Paulo, considerada), Daniel Más, Aparício Basílio, e mais, muito mais. Guilherme Araújo muito contente com o sucesso da temporada e falando da próxima temporada de Caetano Veloso no Bandeirantes. "Caetano, dizia Guilherme, está curtindo uma de crooner de grande orquestra, a Banda Black Rio". Diz o Guilherme que, de vez em quando, Caetano entra e canta um número. Sai e depois volta, cantando outro. Bem no estilo de Lina Romay com a orquestra do Xavier Cugat.

GILBERTO GIL E RITA LEE

Gil e Rita estão viajando pelo Brasil, juntos, e no mesmo show. No repertório tem uma música que os dois fizeram para a Lucinha Turnbull, chamada "Anibal". Anibal é o nome de um personagem que Miss Turnbull faz. Ela também está no show, claro, e é uma das presenças mais fortes da turnê.

★ ★ ★ ★ ★ *Classificados de* ★ ★ ★ ★ ★
ANTONIO BIVAR

**“Sou a favor do povo
do ponto de
vista político.
Mas do ponto
de vista estético,
sou contra.”**

(Do folclore político para o folclore publicitário.)



Use a linha Rastro e fique à vontade para fazer a sua política.